

TÍTULO: **De noite todos os gatos são pardos**

AUTOR: FAIR. A. A.

TÍTULO DA EDIÇÃO ORIGINAL: Cats prowl at night

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Lisboa

EDITORA: Livros do Brasil

Data da publicação: s. d.

GÊNERO: romance policial

CLASSIFICAÇÃO: Estados Unidos - Século XX - Ficção

COLECÇÃO: Vampiro Gigante - Obras Escolhidas de Erle Stanley Gardner

n.º 10*

DIGITALIZADO E CORRIGIDO POR:

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves

Outubro de 2005

*** Os volumes desta colecção são constituídos por dois títulos, sendo este o segundo.**

O primeiro é:

**O caso da vela torcida
Assinado por Erle Stanley Gardner
Nota do digitalizador**

A. A. FAIR

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

Tradução de
EDUARDO SALÓ
Capa de
ANTÓNIO PEDRO

*

Título da edição original

CATS PROWL AT NIGHT

*

Copyright © 1943, by Erle Stanley Gardner

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

CAPÍTULO I

UMA SITUAÇÃO DIABÓLICA

Bertha Cool ergueu os seus setenta e cinco quilogramas da cadeira rotativa e, depois de contornar a secretária, puxou bruscamente a porta do seu gabinete particular. O som da máquina de escrever de Elsie Brand irrompeu pela porta aberta e Bertha Cool imobilizou-se na soleira, aguardando que ela levantasse os olhos do trabalho. Por fim, a rapariga concluiu a carta com um crescendo de velocidade, arrancou a folha do rolo, colocou-a

ao lado, inclinou-se para extrair um sobrescrito da gaveta inferior da secretária e avistou Bertha.

- Deseja alguma coisa, Sr.a Cool?

- Que está a escrever?

- Aquelas cartas para os advogados.

- Pare.

- Não escrevo mais cartas?

- Exacto.

- Mas pensava...

- Bem sei que pensava, e eu também. Enganámo-nos.

Esses advogados ocupam-se da investigação de acidentes suspeitos e julguei que lhes podíamos escrever a solicitar trabalho, no caso de desaparecer uma testemunha, ou coisa do género.

- Porque não? - argumentou Elsie. - Parece-me uma ideia - excelente. Dava-nos uma oportunidade de contactar com futuros clientes endinheirados e...

- É precisamente isso - atalhou Bertha. - Estou

14 - V. G. GARDNER 10

209

farta do dinheiro. Não do dinheiro *em si* - apressou-se a acrescentar, mas da tensão e - excitação associadas à forte pressão inerente a ele. Não costumava ocupar-me de casos desses. Possuía uma modesta agência de investigações sossegada e íntima especializada no género de trabalho que os meus colegas rejeitavam. Questões de divórcio, na sua maioria. De repente, Donald Lam apareceu no escritório, convenceu-me a contratá-lo e foi-se infiltrando, até se tornar meu sócio. Ainda não havia meia hora que tinha começado a trabalhar aqui, quando tudo se alterou. Os meus rendimentos subiram e a minha tensão arterial acompanhou-os. No fim do ano, o governo vai-me levar cinquenta por cento deles, mas ninguém me arrebatava um único décimo da tensão arterial... Ao diabo com tudo isso. Agora que Donald foi para férias, tenciono dirigir o negócio à minha maneira. - E fitou Elsie Brand com uma expressão beligerante.

A rapariga abriu a gaveta da secretária em silêncio, guardou a lista de advogados que Bertha Cool obtivera nos arquivos oficiais, puxou de um maço de correspondência com cerca de cinco centímetros de espessura e perguntou:

- Que faço às cartas que já escrevi? Quer que as envie?

- Rasgue-as e deite-as no cesto dos papéis... E daí, espere. No fundo, custaram-me dinheiro: papel timbrado, passagem à máquina, etc. Afinal, vamos utilizá-las, Elsie.

Traga-as para que as assine, mas não enviaremos mais.

Bertha rodou nos calcanhares, voltou a afundar a estrutura adiposa, pesada e competente na cadeira rotativa e abriu espaço na sua frente, para poder assinar as cartas.

Elsie pousou-as na secretária e colocou-se ao lado da Sr.a Cool, a fim de aplicar o mata-borrão, à medida que ela inscrevia a assinatura. Inclinando-se metodicamente

para a frente e para trás, sem perder de vista a porta aberta, anunciou repentinamente:

- Acaba de entrar um homem na sala.

- Como é? - quis saber Bertha. - Abóbora, lá estraguei esta! Não posso falar e escrever ao mesmo tempo.

- Quer que veja o que pretende?

- Sim. E feche a porta.

Elsie obedeceu e a Sr.a Cool continuou a assinar as

210

cartas, aplicando o mata-borrão com cuidado e erguendo, de vez em quando, os olhos para a porta da sala de recepção.

Achava-se prestes a completar a tarefa, quando Elsie reapareceu e voltou a fechar a porta cuidadosamente atrás dela.

- Como se chama? - inquiriu Bertha.

- Everett Belder.

- Que quer?

- Donald Lam.

- disse-lhe que ele estava na Europa?

- Sim, e comuniquei que a senhora era sócia de

Donald. Penso que se lhe anunciar que o recebe imediatamente, falará consigo. Em todo o caso, mostrou-se desapontado por não o encontrar.

- Descreva-o.

- Aparenta uns trinta e cinco anos, com malares salientes, cabelo arruivado e olhos agradáveis, apesar de um pouco inquietos. É engenheiro de vendas.

- A - respeito de dinheiro?

- Parece ter algum. Pelo menos, foi a impressão com que fiquei.

- Só algum?

- Bem, em quantidade apreciável. Veste um sobretudo de boa qualidade.

- Bom, mande-o entrar, para vermos o que pretende.

Se é amigo de Donald, deve tratar-se de um jogador ir - responsável.

Também pode acontecer... Que faz aí espedada?

- Aguardava que acabasse de falar.

- Não perca tempo com delicadezas. Quando um cliente potencial com aspecto de endinheirado está à espera que o atendam, as boas maneiras não devem afectar a eficiência. Vá lá chamá-lo.

Elsie apressou-se a abrir a porta e anunciar:

- A Sr.a Cool, *sócia mais antiga* da firma, pode conceder-lhe uns minutos, se entrar imediatamente.

Bertha voltou a concentrar-se na assinatura das cartas e só depois de as despachar totalmente e aplicar o mata-borrão pela última vez levantou os olhos, mas para Elsie.

- Faça seguir esta correspondência, por favor.

- Perfeitamente, Sr.a Cool.

- Não se esqueça de identificar um dos sobrescritos com as palavras: pessoal e confidencial.

- Sim, Sr.a Cool.

- Certifique-se de que ficam todos bem colados.

- Decerto, Sr.a Cool.

- Com que então, chama-se Belder? - perguntou Bertha, dignando-se finalmente a encarar o homem, de elevada estatura.

- Exactamente, Sr.a Cool.

O interpelado alargou os lábios expressivos num sorriso e estendeu a mão sobre a secretária. - Everett G. Belder.

- Sei que perguntou por Donald - volveu ela, concedendo-lhe um aperto de mão destituído de entusiasmo, mas encontra-se em férias, na Europa.

- Sim, a sua secretária informou-me. Confesso que fiquei desolado.

- Conhece-o?

- Apenas de reputação. Um homem para o qual Donald trabalhou em tempos falou-me nele. Afirmou que era a pessoa mais eficiente que conhecia: rapidez de raciocínio e acção e coragem invulgares. Na verdade, resumiu as suas impressões com um circunlóquio que, embora talvez um pouco chocante, exprime uma imagem perfeita.

- Que expressão empregou?

- É algo ordinária. Confesso que não me atrevo a repeti-la.

- Julga que conhece expressões que eu ignoro? - proferiu Bertha Cool, com uma ponta de irritação. - Diga lá qual foi.

- Pensa que Donald é uma combinação de miolos e testículos.

- Hum! - Após breve pausa, declarou com uma réstia de impaciência. - Bem, uma vez que ele não está, quer revelar-me de que se trata?

- São sócios?

- Somos. - Vendo que ele a observava, como se fosse um automóvel vagamente interessado em comprar, sublinhou: - Não é obrigado a casar comigo. Se tem alguma coisa em vista, desembuche, de contrário ponha-se daqui para fora e deixe-me trabalhar descansada.

Não tinha considerado a hipótese de recorrer a uma investigadora.

- Então, não recorra - sugeriu Bertha, estendendo a mão para o telefone.
- Por outro lado, a senhora tem aspecto de quem costuma obter bons resultados.
- Decida-se.
- Alguma vez aceitou um encargo numa base de contingência?
- Não. - Ela começou a agitar-se na cadeira com impaciência.
- Sou um engenheiro de vendas. Ultimamente, tive numerosas despesas e...
- O que é um engenheiro de vendas?
- No meu caso - explicou Everett Belder, com um sorriso, um bom vendedor arrojado, com dinheiro suficiente para se aguentar até ao dia de pagamento sem ter de solicitar um adiantamento.
- Compreendo. Qual é o seu problema?
- Estou metido numa situação diabólica, Sr.a Cool - declarou, embaraçado. - Não sei o que faça ou para quem me volte. Todas as tentativas parecem comprometidas à nascença. Ando com a cabeça em água e...
- Não desespere - recomendou Bertha, calmamente.
- Entram aqui muitas pessoas crivadas de dificuldades. Explique de que se trata. Desabafe.
- Costuma dedicar-se a cobranças?
- De que espécie?
- Dívidas difíceis, indemnizações e coisas do género.
- Não.
- Pode-se saber porquê?
- Isso não dá dinheiro.

Belder mudou de posição na cadeira e inclinou-se ligeiramente para a frente.

- E se lhe indicasse onde existe uma indemnização de mais de vinte mil dólares para receber, garantisse o pagamento do tempo consumido na operação e concedesse uma gratificação generosa, no caso de executar um trabalho satisfatório?
- Quem deve pagar essa indemnização de vinte mil dólares? - perguntou Bertha, cujos olhos deixavam transparecer interesse.

- Ponhamos a questão nestes termos: A tem direito a receber uma indemnização de B. Ora, este está impedido de indemnizar e intervém C...

- Alto aí. Essas complicações alfabéticas não me interessam. Descreva a situação com clareza.

- É difícil exprimi-la por palavras.

- Então, não se pode considerar um vendedor eficiente.

- Queria que recebesse uma indemnização de vinte mil dólares - tornou ele, com uma risada nervosa. - Mas não conseguirá cobrá-la na totalidade e aceitará uma percentagem...

- Quem é o indemnizador?

- Eu.

- Pretende os meus préstimos para que lhe exija o pagamento de uma indemnização?

- Exacto.

- Não percebo.

- Estou impedido de indemnizar.

- Nesse caso, é tudo muito simples - articulou Bertha, numa inflexão de desespero. - Quer que lhe exija o pagamento de uma indemnização, porque está impedido de o fazer. Sim, não passa de um assunto de rotina.

- Há uns anos, quando havia muita mercadoria - disponível e pouquíssima procura, um vendedor atilado que soubesse aproveitar a oportunidade podia amealhar uns dólares.

- Amealhou alguns? - perguntou, com curiosidade.

- Fiz uma pequena fortuna.

- Aonde foi parar?

- Está em nome de minha mulher.

Bertha arqueou e franziu as sobrancelhas rapidamente, sinal inequívoco de interesse, enquanto o olhar acerado se cravava em Belder como a agulha de um coleccionador numa borboleta.

- Creio que começo a compreender - declarou pausadamente. - Revele-me tudo, a principiar por aquilo que decidiu ocultar. Assim poupa-se tempo.

- Tive um sócio, chamado George K. Nunnely, mas não nos dávamos bem. Eu supunha que ele me ludibriava e continuo convencido - disse. Encarregava-se das actividades internas da firma e eu do serviço externo, infeliz-

mente, não obtive provas, mas resolvi vingar-me à minha maneira. Nunnely, que não era parvo, recorreu aos tribunais, com a vantagem de que podia provar o que afirmava. Resultado: concederam-lhe uma indemnização de vinte mil dólares. Entretanto, a sorte voltara-me as costas e eu não ganhava um cêntimo. Não conseguia obter nada que se visse, por muito que me esforçasse, e, não - dispondo de um rendimento regular, coloquei tudo que tinha no nome de minha mulher.

- Nunnely tentou anular a transferência?

- Sem dúvida. Alegou que eu a efectuara com a intenção de defraudar os credores.

- Transferiu o dinheiro depois da sentença do tribunal?

- Não fui estúpido a esse ponto. Preferia não me alongar muito nesse sentido, porque se Nunnely conseguisse provar que a minha ideia consistia de facto em defraudar os credores... Enfim, digamos apenas que minha mulher tem o dinheiro em seu poder.

- E, durante o julgamento, ela teve de declarar sob juramento que se tratava de propriedade sua?

- Sim.

- Uma oferta do marido?

- Precisamente.

- Que declarou o senhor?

- A mesma coisa.

- Que decidiu o juiz?

- Determinou que, em virtude de eu exercer uma actividade altamente incerta, com períodos de lucros fáceis, seguidos de outros, prolongados, em que não auferia um único dólar, não só me assistia o direito, como tinha o dever de providenciar para o sustento da família e a finalidade da transferência se destinava a proteger minha mulher de dificuldades. Foi um veredicto muito simpático - acrescentou Belder, com um sorriso malicioso.

- A quanto monta tudo isso? - quis saber Bertha, sem o imitar.

- Vinte mil dólares, fora os juros e...

- A propriedade e não a indemnização.

- O dinheiro que transferi para o nome de minha mulher?

- Sim.

215 . ,

- Bem, foi uma quantia apreciável...

- Posso inteirar-me consultando os registos oficiais.

- Mais de sessenta mil dólares.

- Dá-se bem com ela?

Era óbvio que a pergunta de Bertha acabava de atingir um nervo sensível, pois Belder voltou a alterar a posição na cadeira com um movimento brusco.

- Essa é uma das coisas que me preocupam.

- Porquê?

- Há uma percentagem - excessiva de sogra envolvida no caso.

-Onde vive?

- Em São Francisco.
 - Como se chama?
 - Theresa Goldring.
 - Tem mais filhos?
 - Uma filha, Carlotta, menina mimada que vive aqui, em Los Angeles. Trabalhou como secretária várias vezes, mas nunca aquece o lugar. Nas últimas semanas, tem estado connosco.
 - É irmã ou meia-irmã de sua mulher?
 - Na verdade, não têm o mínimo grau de parentesco.
 - Ele fez uma pausa e, vendo que a Sr.a Cool aguardava uma explicação, acrescentou:
 - Foi adoptada em criança, embora ela só o soubesse recentemente.
 - É mais nova ou mais velha que sua mulher?
 - Muito mais nova.
- Portanto, descobriu que tinha sido adoptada e depois?
- Tenta descobrir a identidade dos pais.
 - Através de quem?
 - Da Sr.a Goldring e minha mulher.
 - Elas sabem?
 - Julgo que... Sim, sabem.
 - E não lhe querem dizer?
 - Não.
 - Porquê?
 - Receiam que... Enfim, consideram preferível deixar as coisas como estão.
 - Que idade tem Carlotta?
 - Vinte e três.
 - E sua mulher?

- Trinta. Mas eu pretendia falar-lhe da indemnização, Sr.a Cool. Essa outra questão veio à baila por... casualidade - observou Belder, com um sorriso de desculpa.

- O tanas é que veio. Fui eu que o provoquei.

- Sim, acho que tem razão.

- E quer arrumar a indemnização a Nunnely?

- Exacto.

- Porquê?

- Quero tirar esse peso de cima dos ombros.

- Para retirar o dinheiro da posse de sua mulher?

- Não creio que... Enfim, há minha sogra a considerar.

- *Que* tem ela a ver com isso?

- Muito.

- Quer dizer que sua mulher não está - disposta a restituí-lo?

- A senhora tem um talento especial para acertar no alvo. Não tencionava revelar-lhe tudo isto.

- Que tencionava revelar-me, exactamente?

- Apenas isto. George Nunnely está em apuros. Tem desviado dinheiro de um sócio e, desta vez, não se mostrou suficientemente atilado, ou o outro conseguiu ultrapassá-lo em esperteza. O caso é que o colocou entre a espada e a parede.

- Que tem isso a ver consigo?

- Nunnely precisa de arranjar dois mil e quinhentos dólares, de contrário vai malhar com os ossos na penitenciária. E tem de ser nos próximos dois ou três dias.

- Pretende que eu o procure? - perguntou Bertha.

- Sim.

- E lhe agite algumas notas de banco diante dos olhos?

- Precisamente.

- Para arrumar a questão da indemnização?

- Nem mais.

- Pensa que trocará uma indemnização de vinte **mil** dólares por dois mil e quinhentos.

- Tenho a certeza absoluta.

- Então, porque não lhe telefona e apresenta a proposta?

- Essa é a parte mais embaraçosa da situação, Sr.a Cool.

- Qual?
 - Não posso admitir que possuo dinheiro algum, como acontecia se tratasse directamente do assunto. O meu advogado advertiu-me com insistência nesse sentido. Devo proceder como se não tivesse um chavo.
 - E não tem?
 - Não.
 - Porque não convence sua mulher a apresentar uma proposta?
 - Há um impedimento de natureza pessoal a esse
 - respeito - declarou Belder, passando os dedos pelo queixo.
 - Não estou a compreender, mas tudo indica que não sei o suficiente sobre a questão. Quer que siga alguma táctica especial?
 - Tenho tudo planeado pormenorizadamente.
 - Não precisa de planear nada - retorquiu Bertha.
 - Esqueci muito mais deste género de actividades do que o senhor jamais saberá. O credor de uma indemnização detesta admitir que o devedor se safa com - excessiva facilidade. Se lhe anunciar a oferta de dois mil e quinhentos dólares para liquidação de uma indemnização de vinte mil, por muito que precise de dinheiro, pensará isso mesmo. Por outro lado, se lhe explicar que poderei obter de si cinco mil dólares, ficarei com metade e receberá os outros dois mil e quinhentos. Assim, suporá que lhe arrancarei os cinco mil.
 - É uma ideia - excelente, Sr.a Cool, - excelente - reconheceu Belder, o olhar adquirindo um brilho de entusiasmo. - Vejo que possui experiência e - discernimento notáveis.
- Todavia, Bertha ignorou o elogio, e a cadeira rangeu no momento em que ela mudou de posição para dardejar uma mirada intensa no cliente.
- Agora, quero saber o que eu recebo.

CAPÍTULO II

POUCO, MAS NÃO BOM

A secretária de George K. Nunnely evidenciava a atitude insegura que caracteriza a nova empregada receosa de cometer um erro.

218

- Tem entrevista marcada com o Sr. Nunnely?
- Bertha Cool olhou-a friamente o tempo suficiente para a obrigar a colocar-se na defensiva e redarguiu:
- Diga-lhe que a Sr.a Cool está interessada em trocar impressões com ele sobre a possibilidade de converter fundos duvidosos em metal sonante. Aqui tem o meu cartão. Esclareça que apenas trabalho quando me pagam, mas só exijo o pagamento se obtenho resultados. É capaz de repetir tudo isto?
 - É... é a Sr.a Cool? - balbuciou a rapariga, baixando os olhos para o bilhete-de-visita.
 - A própria.

- Uma detective particular? ;.

- Sim.?

- Um momento, por favor. - Manteve-se ausente escassos segundo. - O Sr. Nunnely vai recebê-la. Bertha transpôs a porta que a recepcionista conservava aberta, porém o homem sentado à secretária nem levantou a cabeça. Assinou uma carta, aplicou o mata-borrão, abriu uma gaveta, depositou lá a folha, extraiu uma agenda, pegou numa caneta e inscreveu algumas palavras. Todos os movimentos eram calmos, sem pressa, embora não se verificasse a mínima hesitação entre os diferentes gestos. Cada um ajustava-se a um plano perfeito de trabalho contínuo.

Bertha Cool observava-o com curiosidade.

Passou quase um minuto primeiro que ele aplicasse o mata-borrão à entrada que inscrevera na agenda, após o que a fechou, voltou a guardá-la na gaveta e ergueu finalmente os olhos para Bertha, com uma expressão serena de delicadeza de jogador de póquer.

- Bom dia, Sr.a Cool. A mensagem que mandou transmitir pela minha secretária era pouco vulgar, Importa-se de fornecer uma explicação?

Sob a inspecção fria, quase impessoal, dos olhos verde-claros, ela experimentou ligeira dificuldade inicial em levar a cabo um plano de campanha. Por último, estremeceu de irritação, como que para repelir a influência do homem, e replicou:

- Constou-me que precisa de dinheiro.

- Quem não precisa? ,

- Mas o senhor em especial. -;;

- Pode conhecer-se a sua fonte de informação?

219

- Um passarinho.
 - Devo mostrar-me interessado ou indignado?
- A personalidade de Bertha Cool irrompeu da concha, para se superiorizar ao desprendimento glacial do homem:
- A sua reacção é-me indiferente. Sou uma pessoa eficiente. Quando se me apresenta um assunto interessante, aceito-o e exploro-o.
 - Curioso.
 - Vou pôr as cartas na mesa. Tem direito à indemnização de um homem chamado Belder, mas não consegue cobrá-la. Recorreu a advogados, que lhe levam coiro e cabelo, sem obter resultados práticos. Não estou - disposta a dividir os meus honorários com eles. Se os mandar passear e quiser negociar comigo sem intervenção de terceiros, farei com que embolse algum dinheiro.
 - Qual é a sua proposta?
 - Foi-lhe concedida uma indemnização de vinte mil dólares. Ora, não a recebeu nem o conseguirá nunca.
 - É uma opinião.
 - Sem dúvida. O senhor e os seus advogados têm uma e a outra pessoa e os seus representantes legais pensam de maneira diferente. Entretanto, ambos continuam a ter de lhes pagar. O que o seu oponente esportula não é deduzido dos vinte mil dólares que lhe deve e o que o senhor paga não passa de dinheiro deitado à rua.
 - É uma maneira muito interessante de encarar a situação, Sr.a Cool. Em que consiste exactamente a sua proposta?
 - Embora não possa arrecadar os vinte mil, talvez embolse alguns. Eu resolvia o assunto, se tivesse carta branca. Para tal, teria de prescindir de uma certa percentagem.
 - Quanto?
 - Apreciável, e haveria a minha comissão a deduzir.
 - Não estou interessado.
 - Pense bem. Assim, limita-se a gastar dinheiro. Posso obrigar Belder a largar uma quantia razoável.
 - Indique um número.
 - Cinco mil.
- Os olhos de Nunnely continuaram fixos em Bertha. todavia as pestanas moveram-se com lentidão, único indício de emoção ou expressão no seu rosto.
- Líquidos?

- Ilíquidos.
- A quanto montaria a sua comissão?
- Cinquenta por cento.
- E eu ficava com dois mil e quinhentos?
- Exacto.
- Nada feito.
- Deixo-lhe o meu cartão - declarou ela, levantando-se da cadeira. - Se mudar de ideias, telefone.
- Um momento, Sr.a Cool. Gostava de conversar consigo.

No entanto, Bertha continuou a mover-se para a saída, e, virando-se antes de abrir a porta, - disparou o tiro de despedida:

- Já - disse tudo que se me oferecia sobre o assunto. Competia-lhe dar uma de duas - respostas. Optou pela negativa. Por conseguinte, nada mais há para conversar. Se mudar de ideias e se inclinar pela afirmativa, previna-me.

- Queria fazer-lhe uma pergunta. Foi Belder que a enviou? Representa-o?

- O homem quer obter uma - resposta de dois mil e quinhentos dólares! - - exclamou Bertha, erguendo os olhos para o tecto e fechando a porta ruidosamente atrás dela.

Atravessou a antecâmara, consciente do olhar de curiosidade da recepcionista, transpôs a porta de saída e enrugou a fronte de irritação ao verificar que uma mola de segurança evitava que a batesse com brusquidão.

CAPÍTULO III

UM AMIGO BEM-INTENCIONADO

- O homem voltou - anunciou Elsie a Bertha Cool.
- Belder?
- Sim.
- O diabo que o carregue. Espero que não pretenda assombrar-me o escritório. Há apenas vinte e quatro horas que apresentei a proposta a Nunnely. Temos de lhe dar tempo para reflectir. Belder esteve cá ontem, para saber novidades. Depois, voltou... Demónios o levem. Vou pôr os pontos nos «is». - Bertha ergueu-se da cadeira rota-
221

tiva, atravessou o gabinete em passos firmes, abriu a porta com abruptidão e articulou secamente:

- Bom dia.
- Bom dia, Sr.a Cool. - Belder levantou-se num salto. - Precisava falar-lhe, para...
- Escute - atalhou ela, em tom incisivo. - Pusemos um ovo, sobre o qual estou sentada. Não é possível chocá-lo pelo facto de exercer maior pressão nele.
- De acordo, mas...
- Eu sei. É como nove clientes em cada dez. Procurou-me porque estava preocupado e pensava que o poderia auxiliar. A seguir, regressou a casa, pôs-se a matutar no assunto uma vez mais e resolveu assentar

arraiais aqui, para assistir ao desenrolar das operações. Imagine que consultava o médico e, após mandar aviar e começar a tomar o medicamento, passava a rondar o consultório, convencido de que assim melhorava mais depressa. O meu tempo é valiosíssimo. Não posso...

- Mas trata-se de outra coisa - argumentou Belder.

- Há alguma novidade?

- Sim.

- De que espécie?

- Uma complicação.

- Isso é diferente - Bertha desviou-se da entrada do gabinete. - Feche a porta.

Belder obedeceu, e enquanto ela regressava à cadeira rotativa extraiu da algibeira uma folha de papel dobrada.

- Leia isto.

- Que é?

- Uma carta.

- Foi-lhe enviada?

- A minha mulher.

Bertha conservou o papel dobrado entre os dedos nodosos, sem desviar os olhos do interlocutor.

- Como foi parar às suas mãos?

- Encontrei-a no chão da sala de jantar.

- Quando?

- Há meia hora, aproximadamente.

- Porque ficou tão perturbado?

- Leia-a e compreenderá.

- Leu-a?

- Com certeza.

- Apesar de endereçada a sua mulher?

222

- Indique-me um marido, fora do cinema, que encontre uma carta em casa nessas circunstâncias e não a abra para ver o que contém. Muitos não o confessam, mas todos procedem desse modo.

- Veio pelo correio habitual? - inquiriu Bertha.

- Sim.

- Que foi feito do sobrescrito?

- Não sei. Não o vi.

- Então, como descobriu que veio pelo correio?

- Lendo-a.

Hesitou por um momento e acabou por desdobrar o papel. O texto achava-se dactilografado, claro, conciso e de finalidade inequívoca.

Cara senhora Belder:

Talvez não devesse enviar-lhe estas linhas, mas vou fazê-lo, e quando sair para jantar, deitarei a carta no marco ou no recipiente do lixo mais próximo. De momento, escrevo-as para tirar um peso de cima dos ombros.

Provavelmente, nunca descobrirá porque me interesse por si. Penso que deve confiar em mim e considerar-me um amigo desconhecido.

O que vou revelar não lhe agradará, mas é preferível que o saiba a continuar a viver na ilusão.

Nunca lhe pareceu estranho que, apesar da extrema dificuldade em arranjar pessoal doméstico, pudesse ter ao seu serviço uma empregada atraente? Não se lhe afigura curioso que Sally continue a trabalhar para si, embora se paguem salários tão elevados noutros campos de actividade? Porque supõe que se - dispôs a ficar ao seu serviço? Nunca notou que é uma secretária extremamente competente? Talvez ignore que conquistou prémios especiais de dactilografia e estenografia na escola comercial que frequentou, há cinco anos. Depois, exerceu as funções de demonstradora de artigos alimentares, auferindo uma quantia mensal apreciável e, de repente, surgiu em sua casa... como criada!

Porquê?

Haverá outras razões que tornem o lugar atraente ao ponto de a levar a executar tarefas inferiores?

Não seria má ideia interrogar Sally a esse - respeito, e se o fizer, finja que já conhece as - respostas. Não deixe

223

transparecer dúvida ou simples suspeita. Ordene-lhe que confesse tudo.

Creio que ficará surpreendida com o resultado.

De momento, não a importuno mais, Sr.a Belder, mas se as coisas correrem pelo melhor, talvez lhe revele muito mais.

É mesmo possível que lhe telefone quarta-feira, por volta das onze da manhã, só para saber se conversou com Sally e o que apurou. Se de facto a interrogou e estiver

- disposta a confiar em mim, convirá que tenha o carro preparado a porta, a fim de dar uma volta.

Decerto lhe parece estranho que um desconhecido se

interesse tanto por si, mas apesar de nunca nos termos encontrado, os seus assuntos revestem-se de elevado significado para mim.

Ficaria admiradíssima se descobrisse de que modo faço parte da situação. Espero, um dia, poder elucidá-la.

Existem fortes motivos para me interessar por si.

Como assinatura, figuravam apenas as palavras. *Um Amigo Anónimo Bem-intencionado.*

- Que tem a dizer a isto? - perguntou Bertha, fitando Belder por cima dos óculos.
- Juro-lhe por tudo o que há de mais sagrado...
- Reserve isso para sua mulher. *Eu* preciso de saber a verdade.
- Garanto-lhe que não passa de uma insinuação viperina...
- O quê?
- O facto de a empregada estar apaixonada por mim ou o inverso ou enamorados um do outro, e ter aceitado o lugar para poder ficar junto de mim.
- É jeitosa?
- Sim.
- Falou-lhe na carta?
- Não posso contactar com ela.
- Porquê?
- Não está em casa. Não sei onde se encontra. Hoje de manhã, tinha desaparecido.
- Sua mulher sabe onde pára?
- Não lhe perguntei. Dormimos em quartos separados e ela levantou-se tarde. De qualquer modo, preferi trocar impressões consigo antes de lhe tocar no assunto.

Como se chama a empregada? ,

- **Sally.**
- E o apelido?
- Não faço a mínima ideia. É qualquer coisa como Beggoner ou Bregner.
- Há quanto tempo trabalhava em sua casa?
- Cerca de dois meses.
- Conheci-a antes - disso?
- Não.
- Que fez, quando encontrou a carta?
- Li-a, saí da sala de jantar nas pontas dos pés e dirigi-me ao quarto da rapariga.
- Bateu à porta?
- Sim.
- Abriu-a?
- Sem dúvida.
- E depois?
- O quarto estava deserto, mas a cama indicava que fora utilizada.
- Continue.
- Percorri toda a casa, mas não a descobri em parte alguma. ;
- Era o seu dia de saída?
- Não.
- Ela estaria ao corrente da carta?
- Não sei. Receio que minha mulher a recebesse e a procurasse, como o autor sugere, Sally explodisse de indignação e saísse enfurecida. Hoje em dia as criadas já não aguentam essas coisas.
- A quem o diz? - proferiu Bertha, com conhecimento de causa.
- Que tenciona fazer? Não podemos ficar de braços cruzados.
- Em que sentido?
- Temos de esclarecer o assunto.
- Talvez Sally o fizesse. É possível que sua **mulher** lhe falasse, verificasse que se tratava de um erro e...
- Vê-se que não a conhece. - Belder meneou a cabeça, suspirando. - Quando desconfia de uma coisa, são precisos dias e dias de explicações para a convencer de que está enganada. Durante largo tempo, quanto mais se lhe diz pior. É uma mulher desconfiadíssima. Uma

15 - V. G. GARDNER 10
225

questão destas bastaria para que desse em louca. Não se falaria de outra coisa durante semanas consecutivas.

- Mesmo que Sally partisse?
- Decerto. Estou mesmo convencido de que já o fez.
- Passa das dez - proferiu Bertha, consultando o relógio. - Parece-lhe que atenderá o telefone?
- É provável. - disse ontem à noite que me cedia o carro até às onze, mas devia levar-lho a essa hora pontualmente, com o depósito cheio.
- Quer que me ocupe deste assunto?

- Sim.
- De que modo?
- Descubra o autor da carta.
- Pretende que empregue métodos ásperos -
inquiriu, semicerrando as pálpebras.
- Se for necessário, não hesite.
- Voltemos à carta. Quem lhe parece que a escreveu?
- Ignoro-o em absoluto.
- Suponha que sua sogra está envolvida no caso -
sugeriu, mudando de posição na cadeira rotativa, que
protestou através de uma série de rangidos.
- Não compreendo.
- Imagine que foi ela que a escreveu.
- Claro! - O rosto de Belder contraiu-se num
espasmo de indignação. - Foi Theresa Goldring! Que estupidez
a minha em não o ter reconhecido, mal peguei na
carta. Nunca me pôde ver e aproveitou a oportunidade
para me atingir com um golpe baixo. Em bonita situação
me colocava se conseguisse provocar uma ruptura entre
mim e Mabel, numa altura destas! -Enquanto Bertha contemplava
a missiva com uma expressão concentrada,
prosseguiu: - Repare no aspecto do assunto, Sr.a Cool.
Coloquei todos os meus bens no nome de minha mulher
e declarei no tribunal, sob juramento, que se tratava de
uma oferta, tornando-a sua única proprietária. Mabel,
por seu turno, jurou a mesma coisa e o juiz aprovou a
minha decisão. Agora, se ela bater asas com o dinheiro,
fico sem um cêntimo.
- Julga que ela não o entregaria à mãe?
- Claro que não, mas...
- De que natureza são as relações de sua mulher

com Carlotta? - quis saber Bertha, continuando a examinar a carta.

- Têm-se dado bem, à parte o facto de ultimamente Carlotta se queixar de não a querer elucidar sobre os seus pais. Alega que tem idade suficiente para decidir como deve proceder. Embora comece a conformar-se com a ideia de que nunca conhecerá a identidade do pai, espera localizar a mãe.

- Ela ainda vive?

- Suponho que sim, e aí é que está o busílis. Consta-me que tem movido o céu e a terra para descobrir o paradeiro da filha. Theresa não parece uma inteligência brilhante, mas é uma lutadora implacável, que não se detém perante obstáculo algum. Creio que tem erguido todos os entraves à acção da mulher.

- Qual mulher?

- A mãe de Carlotta.

- Nesse caso, Theresa Goldring mantém-se a par dos seus movimentos?

- Acho que sim.

- Como?

- Não sei. Através de detectives, provavelmente.

- Tem dinheiro?

- Algum. Mas não me resta a mínima dúvida de que deseja muito mais.

- Como obteve o que possui?

- Do seguro, quando o marido morreu.

- Era uma quantia elevada?

- Uns vinte mil dólares. Em vez de os investir e viver com os rendimentos, pôs-se a gastar como uma desvairada em artigos de uso pessoal e conservação de uma juventude que já vai longe. Meteu-se-lhe na cabeça que ainda consegue fascinar os homens.

- Que idade tem?

- Uns quarenta e oito, salvo erro.

- Muitas mulheres têm as suas aventuras mais românticas depois dos quarenta - sublinhou Bertha.

- Sem dúvida, Sr.a Cool - apressou-se Belder a concordar.

- Mas são aquelas que não recorrem a artifícios.

Precisava de conhecer Theresa, para compreender ao que me refiro. Está prestes a atingir os cinquenta anos e convenceu-se de que não aparenta mais de trinta e dois.

É certo que ainda conserva uma linha aceitável, mas...
Ao diabo com ela. Só de pensar nisso fico mal - disposto.

- Em todo o caso, vamos continuar a pensar e falar nisso. Precisamos de verificar se tem alguma ligação com esta carta. Conta com um cúmplice algures.

- Que quer dizer?

- Se alguém telefonar a sua mulher, a voz será de um desconhecido e a pessoa com a qual se encontrar também. Uma amiga limitava-se a ligar para lá e dizer: «Escuta, Mabel. Não menciones isto a ninguém, mas o teu marido anda a arrastar-me a asa!» Ora, a própria mãe não lhe ia telefonar, - disfarçando a voz, como se fosse uma estranha. Compreende aonde pretendo chegar?

- Julgo que sim.

- Por conseguinte, sua sogra tem um cúmplice. Alguém que sua mulher não conhece e telefonará para explicar: «Fui eu que escrevi aquela carta. Interessa-lhe trocar impressões comigo? Não posso apresentar-me em sua casa, por razões óbvias, mas se estiver em tal sítio... etc., etc.» Está a acompanhar o meu raciocínio?

- Perfeitamente.

- Bem - articulou Bertha, levantando-se. - Acho que tenho de seguir sua mulher, descobrir com quem se encontra e vigiar essa pessoa até contactar com a Sr.a Goldring. Vai ser uma tarefa de - respeito.

- E, quando reunir elementos suficientes, procuraremos Mabel, para lhe provar que a mãe...

- Não diga - disparates - interrompeu Bertha. - A Sr.a Goldring, chamava-nos mentirosos e obrigava a filha a acreditar. Não, nessa altura, iremos ter com sua sogra.

- Ela sabe proceder com dureza - alegou Belder com uma expressão de dúvida.

- Quando me vir em acção, talvez mude de ideias - retorquiu ela, espetando o queixo com firmeza. - Não passa de uma amadora na matéria, ao passo que eu recebo dinheiro para agir com aspereza.

CAPÍTULO IV

O AUTOMÓVEL DESAPARECIDO

O nevoeiro - dissipava-se gradualmente e os raios solares começavam a surgir, quando Everett Belder estacionou o carro da mulher à entrada de casa e olhou - dissimuladamente para trás em direcção ao local em que

Bertha Cool se encontrava, num automóvel imobilizado, a meio do quarteirão imediato. Em seguida, apeou-se, abotoou o sobretudo e puxou a aba do chapéu para os olhos, aproveitando o ensejo para efectuar um sinal furtivo.

Bertha, que o observava através do pára-brisas do carro da firma, fungou desdenhosamente e grunhiu entre dentes: - Que esperará ele lucrar com aquilo?

Belder consultou o relógio, lançou uma olhadela à casa, estendeu a mão pela janela aberta do automóvel, buzinou uma vez e afastou-se rapidamente.

Bertha procurou uma posição mais confortável no assento, acendeu um cigarro com paciência filosófica e aguardou os acontecimentos, os olhos perscrutadores absorvendo tudo o que se passava à sua volta.

Havia pouco tráfego automóvel na tranquila rua residencial.

O bulevar onde Belder esperava a passagem de um autocarro com destino ao centro da cidade registava actividade suficiente para emitir um zumbido surdo de trânsito intenso.

Por fim, surgiu um autocarro que, após breve paragem, reatou a marcha com Belder a bordo. O Sol ainda não conseguira - dissipar todo o nevoeiro que avançara do oceano, porém a cortina tornava-se cada vez menos espessa e o céu azul era visível através de diversos rasgões.

Bertha terminou o cigarro, quando o seu relógio de pulso indicava onze horas e dez.

Nos últimos quinze minutos, haviam passado dois ou três carros na artéria residencial, porém nenhum se detivera e os - respectivos condutores não tinham prestado a mínima atenção a Bertha.

A porta da residência de Belder abriu-se às onze e vinte e dois.

229

Bertha accionou a chave da ignição e premiu o pedal do motor de arranque sem desviar os olhos da presa, uma mulher que avançava para o carro com as passadas firmes e lestras de quem pretende atingir determinado destino rapidamente. Bertha apercebeu-se de que, por baixo do casaco de xadrez, havia um corpo esbelto, com rosto oval juvenil, lábios carnudos de um vermelho-vivo, - dissimulados por óculos escuros e um chapéu verde-claro.

E, pormenor curioso, viu que levava um gato no braço, cuja cauda se agitava incessantemente.

A perseguição constituiu mera rotina.

O outro automóvel deslocava-se a velocidade normal, detendo-se conservadoramente nos cruzamentos e - respeitando todos os semáforos, todavia não rolava em direcção

à área comercial da cidade, ao contrário do que Bertha previra. Ao invés, afastava-se de lá, num percurso mais ou menos em ziguezague, alcançando o bulevar Creshaw e cortando para Inglewood. O facto de o gato ter trepado ao espaldar do banco de trás, permitia que Bertha conservasse o carro visível a uma - distância apreciável. O tráfego pouco intenso se, por um lado, facilitava a perseguição, por outro dificultava a aproximação sem despertar suspeitas. Se a condutora do outro veículo manifestasse a mínima indicação de que descobrira que a seguiam, Bertha cobriria o espaço que as separava, preferindo a exposição ao desaire. No entanto, do modo como a situação se mantinha, podia permanecer a uma - distância confortável e, por uns momentos, descurou as regras axiomáticas estabelecidas pelos detectives para seguir automóveis.

De súbito, o semáforo de um cruzamento importante no quarteirão imediato exibiu a luz vermelha, e Bertha abrandou o andamento, para se acercar a uma velocidade relativamente lenta e... A surpresa levou-a a exercer de novo pressão no pedal do acelerador.

O carro da Sr.a Belder não se deteve nem aumentou de velocidade. Com a coragem serena da sublime ignorância, a condutora não fez caso do sinal vermelho e continuou impavidamente em frente.

Bertha, que rodava rapidamente para o cruzamento, viu-se a contas com uma fiada de veículos que atravessavam na sua frente. Uma mirada fugaz em redor convenceu-a de que não havia qualquer agente do trânsito nas

imediações, pelo que meteu a segunda, aguardou o momento oportuno e aproveitou uma breve solução de continuidade no trânsito transversal para avançar velozmente, rodeada por um coro de travagens bruscas, buzinelas e impropérios, que embora acutilantes, ricochetearam nos ouvidos insensíveis de Bertha como granizos no telhado de zinco de um celeiro.

O outro carro tinha agora um avanço de cerca de cento e cinquenta metros, mas continuava a deslocar-se sem pressa, e Bertha reduziu a - distância para uma centena.

A seguir, a presa voltou à esquerda, mudando de direcção com lentidão exasperante, enquanto a condutora estendia o braço para fora da janela placidamente.

Bertha atingiu o cruzamento com prontidão e arregalou os olhos para a rua deserta. Afigurava-se-lhe impossível que o outro automóvel pudesse ter alcançado a esquina seguinte e desaparecido, mas não encontrava outra explicação. A Sr.a Belder decerto se apressara a acelerar a fundo.

Por fim, tomou uma decisão. O carro só podia ter voltado à esquerda ou à direita, no cruzamento seguinte. Na primeira hipótese, pretenderia retroceder, obedecendo à reacção típica do condutor que tenta esquivar-se a um perseguidor, atitude incompatível com o andamento cadenciado revelado até então. Portanto, a dedução lógica consistia em que cortara à direita.

No entanto, quando atingiu a intersecção, verificou que a Sr.a Belder não enveredara por aquela direcção, o que parecia indicar que na verdade se dera conta da perseguição.

O tempo que perdeu com a inversão de marcha e rectificação do rumo para a esquerda do cruzamento obrigou-a a abafar uma imprecação, repetida quando se achou em nova junção de ruas sem descortinar o mínimo vestígio do outro carro.

Reconhecia agora que fora ludibriada. Quando um condutor descobria que o seguiam, percorria várias centenas de metros em andamento moderado, como se não se apercebesse de coisa alguma, até colher o perseguidor nas proximidades de um cruzamento, cujo semáforo acabava de expor a luz vermelha, e transpô-lo antes que o tráfego no sentido transversal principiasse a avançar.

De novo no bulevar, conduzindo como se fosse um oficial superior **da Polícia a caminho de casa para almoçar**
231

dez minutos mais tarde que o habitual, Bertha ultrapassou numerosos veículos, até admitir com amargura que a presa se lhe escapara.

Para descargo de consciência, regressou ao ponto em que o outro automóvel desaparecera. Era o quarteirão da Avenida North Harkington, onde se erguiam numerosos bangalós com espaçosos caminhos de acesso às - respectivas garagens.

Ela esquadrinhou todos os recantos com a vista, porém não havia um único carro visível e as portas das

garagens apresentavam-se fechadas.
Por último, acendeu um cigarro, aceitou a situação com filosofia profana e seguiu para a área comercial da cidade.

CAPÍTULO V

BELDER TEM VISITAS

O escritório de Everett Belder situava-se no undécimo andar do Edifício Rockaway. Bertha subiu no elevador, fez uma breve pausa diante da porta com a indicação «EVERET G. BELDER - *Engenheiro de Vendas - Entrada*», no outro lado da qual soava uma máquina de escrever accionada com ritmo rápido, mas sem as características do imprimido pela eficiente Elsie Brand, e acabou por abri-la.

Uma rapariga de vinte e cinco anos, costas direitas como uma prancha e cintura fina ergueu os olhos com uma expressão interrogativa, mas os dedos continuaram a mover-se sobre o teclado.

- O Sr. Belder - proferiu Bertha.

- Diz-me o nome, por favor. - A recepcionista parou de escrever.

- Bertha Cool. Ele espera-me. Isto é, deve esperar.

- Um momento, Sr.a Cool. Queira sentar-se.

A rapariga impeliu a cadeira para trás, aproximou-se da entrada do gabinete de Belder, bateu - discretamente, abriu a porta e desapareceu. Instantes depois regressava, para anunciar:

- Pode entrar, Sr.a Cool.

Bertha ouviu o arrastar de uma cadeira, passos rápidos em direcção à porta e Everett Belder apareceu sorridente.

Os traços de preocupação tinham sido parcialmente - dissipados do rosto pelo barbear e massagem, que haviam tornado a pele suave e rosada, além do que as unhas deixavam transparecer tratamento recente.

- Entre, Sr.a Cool, entre. Vejo que trabalha depressa, Apresento-lhe Imogene Dearborne, que sabe quem a senhora é. Não tenho segredos para ela. Quando necessitar de me apresentar algum relatório ou falar comigo e não estiver livre, pode transmitir-lhe o recado... Mas entre. Bertha inclinou a cabeça e dirigiu um sorriso convencional à recepcionista, que baixou as pestanas fugazmente, realçando o contraste que formavam com o tom claro da tez.

Imogene Dearborne abandonou o gabinete, fechando a porta atrás dela e Belder contornou a secretária, para se afundar numa confortável cadeira de mogno com estofos castanhos.

- Não a esperava tão cedo, Sr.a Cool.

- Também não esperava ter de vir.

- Segundo entendi, tencionava seguir minha mulher até contactar com o autor da carta anónima e depois averiguar o rumo que essa pessoa tomava. Suponho que nada veio alterar os seus planos?

- Perdi-a - admitiu Bertha, secamente.

- *Perdeu-a*, Sr.a Cool? - proferiu ele, arqueando as sobrancelhas.

- Exactamente.

- Mas providenciei para que a reconhecesse.

- Essa parte da operação correu normalmente. Segui no seu encaicho, mas não **me** foi possível mantê-la **sob** vigilância.

- Devia tratar-se de uma perseguição rotineira. **Ela** decerto não desconfiava de que a seguia.

- Porque diz isso?

- Porque... enfim, tenho essa convicção.

- Pois, eu não - asseverou Bertha. - Ou **me pregou uma** partida cuja natureza ainda não descortinei **ou fui** vítima de uma série de coincidências muito peculiares.

- Em qualquer dos casos, **o** resultado é **o** mesmo - **retorqui ele, visivelmente contrariado. - Perdemos uma**

oportunidade - excelente de atribuir a autoria da carta anónima à Sr.a Goldring.

- Mostre-ma outra vez - solicitou ela. Belder hesitou por um momento e extraiu-a da algibeira. - Onde tem o arquivo de correspondência pessoal?

- Não estou a compreender.

- Quero examinar a sua correspondência pessoal. Penso que podemos descobrir assim uma pista.

- Continuo sem perceber.

- Embora muita gente o ignore, a escrita à máquina ainda é mais fácil de identificar que a manual. Um perito

pode determinar o modelo empregado para escrever uma mensagem pelo simples exame do tipo das letras. Não possuo essa perícia, mas estou convencida de que esta carta foi escrita com uma máquina portátil e penso que encontrarei um indício entre a sua correspondência pessoal ou em alguma carta enviada por Nunnely.

- Ele nunca me escreveu. Como lhe expliquei, formulou de repente a exigência de uma indenização e levou o caso aos tribunais.

- O pedido de indenização baseia-se em negócios efectuados?

- Sim.

- Que ele considera pouco limpos?

- Bem... fraudulentos. Um simples termo técnico que lhe permitiu alegar a existência de fraude e que eu era um depositário involuntário ou coisa do género de uns fundos que... No entanto, se quer consultar a minha correspondência, vou mandá-la trazer.

Belder premiu um botão, e ainda não se haviam escoado dois segundos quando a porta se abriu, para dar passagem a Imogene Dearborne, revestida da apropriada aura de eficiência.

- Chamou, Sr. Belder?

- A Sr.a Cool quer examinar a minha correspondência pessoal. Traga-a, por favor.

- Perfeitamente, Sr. Belder.

A rapariga afastou-se, deixando a porta aberta, e reapareceu transcorridos vinte segundos, para depositar em cima da secretária um *dossier* volumoso, imprimindo aos seus movimentos a nota de desembaraço natural com que as recepcionistas gostam de impressionar os visitantes.

- Alguma outra coisa? - perguntou polidamente.
- Não, nada mais, Miss Dearborne.
Encaminhou-se para a saída em passos rítmicos e fechou a porta atrás dela.
- Gosta de forçar a nota - comentou Bertha, que a seguira pensativamente com o olhar.
- Não entendo - disse Belder, enrugando a fronte.
- Se tivesse a minha experiência... - Ela meneou a cabeça. - Não interessa. Fui apenas incumbida de esclarecer a questão da carta anónima. Que me diz do gato que sua mulher levava?
- Tinha-o consigo?
- Tinha. Costuma andar com ele?
- Ultimamente, deu-lhe para aí. Tem-no sempre a seu lado, - excepto à noite. O bichano adora andar de automóvel.
- Como se chama?
- *Bigodes*. Quem me dera que ela se preocupasse comigo metade do que se preocupa com o maldito gato.
- Talvez ele lhe mostre mais afecto.
- Para ser franco, Sr.a Cool... - começou Belder corando.
- Deixemos isso. Vejamos a correspondência.
Bertha abriu o *dossier* e principiou a examinar as cartas, ao mesmo tempo que Belder, - dissipada a indignação momentânea, ia tecendo comentários:
- Esta é de um fulano interessado em que o acompanhe à caça. Fi-lo há dois anos e ele divertiu-se, mas eu não. A cozinha e a loiça estiveram inteiramente por minha conta... Esta outra é de um vendedor empenhado em que lhe arranje trabalho..
- E esta? - inquiriu Bertha, pegando numa que continha letra nitidamente feminina.
- Não sabia que estava aí metida - murmurou ele, depois de aclarar a voz.
- De quem é?
- Não creio que lhe interesse, Sr.a Cool. Ela não tem nada a ver com...
- De quem é?
- Chama-se Rosslyn.
- E o primeiro nome?
- Mamie.
- Que significa este cabeçalho «Querido Sindbad»?

Belder voltou a aclarar a voz antes de explicar:

- Miss Rosslyn era uma empregada de mesa num restaurante de São Francisco que me impressionou pela sua competência. Isto passou-se há dois anos, bem entendido.
- Continue.
- Pensei que ela podia utilizar os seus talentos de uma forma mais vantajosa e arranjei-lhe colocação numa firma daquela cidade.
- Ainda lá está?
- Sem dúvida! E ocupa agora uma posição importante.
- E quanto ao «Sindbad»?
- Bem... - Soltou uma risada forçada. - Encontrámo-nos várias vezes, só para tratar de negócios, claro, e ela achou graça às histórias que lhe contei sobre a técnica de vendas e possibilidades de converter a resistência à compra em entusiasmo. Considerou que me exprimia como Sindbad, o marinheiro, e...

Soou uma pancada - discreta na porta, que se abriu quase imediatamente, e Imogene Dearborne anunciou:

- A Sr.a Goldring está ao telefone. Expliquei-lhe que se encontrava ocupado, mas insiste em falar consigo.
- Valha-me Deus! - balbuciou Belder.
- Que pensa fazer? - perguntou Bertha, que o observava com curiosidade.
- Diga-lhe que de momento me é impossível - indicou ele à recepcionista. - Alegue que estou em conferência com um cliente, para assinar um contrato importantíssimo. Invente o que lhe parecer, mas faça-o de forma convincente.
- Pois sim, Sr. Belder. Ela perguntou onde se encontrava sua esposa.

Belder levou as mãos à cabeça e emitiu um grunhido, seguindo-se um prolongado silêncio, até que encheu os pulmões de ar e articulou:

- Não faça a mínima ideia. Diga-lhe que não vou a casa desde... Mande-a deitar-se ao rio ou ir ver se chove.
- Perfeitamente, Sr. Belder. - A rapariga voltou a fechar a porta com lentidão.

Ele hesitou por um momento, levantou-se com abruptidão e precipitou-se para a sala de recepção.

- Ligue o telefone para aqui, para que eu possa ouvir, Imogene.

- Muito bem, Sr. Belder.

Deixando a porta aberta, ele inclinou-se para a secretária e levantou o auscultador.

Bertha ouviu a voz de Imogene saturada de doçura, enquanto proferia:

- Ele lamenta *imenso*, mas neste momento não pode atender. Se me der o seu número, ligará para aí na *primeira* oportunidade... De modo algum, Sr.a Goldring...

Não, trata-se de uma conferência *importantíssima*. Vai assinar um contrato com um fabricante, destinado à - distribuição de um produto em todo o território, a ocidente das Montanhas Rochosas... Sim, Sr.a Goldring... Muito bem, queira dizer... Pronto. Sim, dir-lhe-ei que Carlotta está consigo... Como?... Diz que não sabe, se não se encontra em casa... Entendido. Adeus.

Soou o som característico do auscultador pousado no descanso e Belder fez o mesmo com o seu, murmurando:

- Temos complicação.

- Sua sogra?

- Sim. Do que acaba de dizer, deduzi que chegou num dos últimos comboios. Mabel devia saber da sua vinda, mas guardou segredo. O comboio vinha atrasado e Carlotta aguardava-a na estação. Minha mulher não se encontrava lá ou não quis esperar. A mãe está fura e procura um pretexto para me atribuir a - responsabilidade da situação.

- Tudo indica que sua mulher considerou aquele encontro às onze horas muito mais importante do que ir esperar a mãe à estação - observou Bertha.

- É o que parece, de facto.

- Creio que terei de rever a minha opinião sobre sua sogra. - Tornou a concentrar-se na correspondência e, de súbito, perguntou. - Que é isto?

Belder arreganhou os dentes num sorriso ao vê-la pegar numa dezena de cartas presas por um *clipe*, sobre as quais se encontrava uma folha de agenda com os dizeres: *Parece que o seu nome figurava numa lista de trouxas, i.D.*

- Miss Dearborne preveniu-me que ainda me veria em apuros por causa - disso. Como sabe, recebemos numerosos pedidos de organizações de beneficência: estrangeiros famintos, crianças desprotegidas e coisas do

gênero. Há uns meses, apareceu um tão pessoal no seu apelo, tão comovente, que enviei vinte e cinco dólares. Esse dilúvio é o resultado do meu gesto.

- Parecem provenientes de organizações diferentes

- disse Bertha, esquadrinhando as cartas.

- Sim. Mas repare no que Miss Dearbome escreveu.

Tudo indica que o meu nome e endereço foram - distribuídos a várias organizações dessas. Quem comete a imprudência de aceder a um pedido, pode contar com uma chuva de cartas de outras fontes.

A recepcionista surgiu uma vez mais, após a inevitável pancada - discreta na porta.

- A secretária da Sr.a Cool está ao telefone e pede para lhe falar com urgência. Perguntou se se encontrava aqui.

- Que - respondeu? - indagou Belder.

A rapariga esboçou um sorriso antes de explicar:

- Que não conhecia nenhuma Sr.a Cool, mas iria informar-me.

- Ela continua na linha?

- Sim.

Belder voltou-se para Bertha com uma expressão interrogativa e esta decidiu:

- Ligue esta extensão à rede, para eu poder ouvir, e fale com ela uns momentos. Se for Elsie Brand, reconhecerei a voz.

Sem uma palavra, Imogene regressou à sala contígua, enquanto Belder estendia o auscultador a Bertha, que não tardou a ouvir um estalido e a voz da recepcionista:

- Desculpe, mas não entendi bem o nome que - disse.

Perguntou por uma Sr.a Pool, com P de *particular*?

A inflexão de Elsie Brand denunciava claramente impaciência ao replicar:

- Não, Cool, com C de *confidencial*.

Bertha apressou-se a intervir:

- Está, Elsie? Há alguma novidade?

- Ah! -A voz da outra deixava transparecer alívio.

- Tentei localizá-la em toda a parte que me veio à cabeça.

-Que se passa?

- Telefonou um certo Sr. Nunnely.

- Há quanto tempo?

- Meia hora, pelo menos.

- Que queria?

238

- Diz que precisa de contactar consigo por causa de um assunto muito importante. Relaciona-se com uma proposta que lhe apresentou ontem.

- Que - respondeu?

- Que *tentaria* encontrá-la, para que lhe telefonasse.

Bertha reflectiu por um momento e declarou:

- Vou ligar daqui, mas não quero que saiba onde estou. Se não conseguir contactar com ele e ele voltar a telefonar, diga que passei pelo escritório dez minutos antes e tornei a sair imediatamente. Procure convencê-lo de que recebi o recado e considere o assunto pouco urgente.

- Fixe.

- Até logo. - Bertha pousou o auscultador e virou-se para Belder. - Nunnely está ansioso por falar comigo acerca de uma proposta que lhe apresentei ontem.

- Nesse caso, vai concordar - proferiu ele, entusiasmado. - Tinha a certeza - disso...

- Não conte com o ovo prematuramente. É um tipo com expressão e, provavelmente, temperamento de jogador de póquer. É natural que pretenda apresentar uma contraproposta. Sabe o seu número? Vou ligar para lá. Belder abriu a porta de comunicação com a sala de recepção e ordenou à rapariga:

- Ligue ao escritório de Nunnely e transfira a chamada para aqui antes que atendam, para que não oiçam a sua voz. - Voltou a sentar-se à secretária. - Um cigarro?

- ofereceu, estendendo o maço a Bertha.

- Agora não, obrigada. Se quiser elevar a parada, que digo?

- Que voltará a telefonar-lhe, mas não merece a pena apresentar contrapropostas, porque já ofereceu o máximo que pode pagar. - Acendeu um fósforo e a mão tremia quando o aproximou do cigarro entre os lábios. - Nem faz uma ideia do alívio que sentirei, quando o assunto ficar arrumado. Cometi o erro mais deplorável e...

Foi interrompido pela campainha do telefone e Bertha levantou o auscultador.

- Estou...

No entanto, soava apenas o sinal indicativo de que a chamada ainda não fora atendida no outro extremo da linha.

- Ela deve ter acabado de marcar o número, porque **ainda** não atenderam - explicou a Belder.
- Por fim, uma voz feminina proferiu:
- Vendedora de Produtos Nunnely.
- Desejava falar com o Sr. Nunnely - declarou Bertha em tom calmo e pausado.
- Diz-me o nome, por favor.
- Bertha Cool.
- Queira aguardar um momento, Sr.a Cool. - A voz adquiriu um tom de eficiência repentino. - Ele tentou contactar consigo.
- Registou-se um estalido, e a inflexão de Nunnely, mais rápida do que se mostrara durante a visita de Bertha, surgiu na linha:
- É a Sr.a Cool?
- A própria.
- Deixei recado no seu escritório, para que me telefonasse. Deram-lho?
- Sim.
- Vou evitar os rodeios. Porei as cartas na mesa sem delongas.
- Acho preferível. Os rodeios, comigo, não dão qualquer resultado.
- Quando me procurou com aquela proposta, pensei que se tratava de mera brincadeira e apeteceu-me mandá-la à fava.
- Eu sei. Continue.
- Agora, a situação alterou-se um pouco. Chegou-me, ao conhecimento a possibilidade de fazer um investimento que pode quadruplicar o meu dinheiro.
- Estou a ver.
- É claro que a senhora pode não passar do que afirmou (uma especuladora que negocia em indemnizações) ou a representante de Everett Belder.
- Não analisámos já tudo isso?
- Sem dúvida, e vou entrar no assunto que tenho em mente. Se me colocar nas mãos dois mil e quinhentos dólares, sob a forma de cheque, até às quatro horas desta tarde, endossar-lhe-ei o pedido de indemnização.
- Hum...
- Mas tem de ser até às quatro, o mais tardar.
- Compreendo.
- O incentivo que me leva a aceitar a sua oferta **rídí-**

240

culamente baixa é apenas uma emergência. Se o dinheiro não estiver em meu poder até à hora que indiquei, não me servirá para nada.

- Entendido.
- Posso contar com isso?
- Bertha hesitou por uma fracção de segundo, enquanto observava a expressão ansiosa de Everett Belder.
- Não me pode conceder um pouco mais de tempo?
- A senhora alegou que - dispunha do dinheiro para concretizar a sua proposta. Se não o receber até às quatro

da tarde, a oferta perde a validade. A partir dessa hora, nem sequer me - disporei a considerar o assunto. Que diz?

- De acordo. Onde nos podemos encontrar?
- No meu escritório.
- Vou pedir ao meu advogado que redija a transferência da indemnização, para que não haja qualquer confusão.
- Que figurará nela? - perguntou Nunnely, com uma ponta de desconfiança.
- Tudo.
- Está bem, Sr.a Cool. - Soltou uma gargalhada. - Preciso do dinheiro o mais depressa possível. Portanto, se o puder trazer dentro de meia hora, por exemplo, tanto melhor. De qualquer modo, o prazo expira às quatro.
- Já compreendi.
- Ótimo. A que horas espera aparecer?
- Às três e cinquenta e nove - declarou Bertha, e desligou.
- Está resolvido a aceitar a proposta? - quis saber Belder, com ansiedade.
- Parece que sim. Deve estar em apuros. Tentou convencer-me de que tencionava fazer um investimento vantajoso, mas não acredito. Aceitará os dois mil e quinhentos dólares em cheque.
- É extraordinária, Sr.a Cool! - Ele saltou da cadeira e pousou a mão no ombro de Bertha com firmeza. - Tinha um palpite de que havia de conseguir. Se soubesse...
- Um momento. Ele impôs um prazo rígido. Um minuto depois das quatro será demasiado tarde. Pelo menos, foi o que - disse.
- Aposto que é verdade. Os credores devem ter-lho imposto, por sua vez. Talvez precise de pagar algo antes

16 -V. G. GARDNER 10
241

das cinco ou seis da tarde, sob pena de ir para a cadeia. Bem, tenho de me mover depressa.

- Um cheque ao portador é a solução mais indicada.
- Tenho de contactar com minha mulher - - disse Belder, consultando o relógio, com uma expressão apreensiva.
- Não pode resolver o assunto sem ela?
- Decerto que não.
- Talvez experimente dificuldade em a convencer, depois daquela carta.
- Tratando-se de uma questão desta natureza, nem pensar nisso. É capaz de me seringar a paciência por causa de uma suposta aventura com a criada, mas assinará o cheque cinco minutos depois de lho pedir. No fundo, o dinheiro pertence-me.
- Pertencia - rectificou Bertha secamente.
- Mesmo que esteja ressentida comigo, não hesitará em se livrar de uma indemnização de vinte mil dólares por dois mil e quinhentos.
- Admiro o seu optimismo.
- Creio que se justifica. - Belder voltou a olhar o relógio. - Deve regressar a casa dentro de pouco tempo,

mesmo que se encontrasse com o autor da carta anónima. Em todo o caso, talvez se ponham a conversar horas esquecidas e vão almoçar juntas... Foi pena que a perdesse de vista, Sr.a Cool!

- Não pode dirigir-se ao seu banqueiro e explicar-lhe as circunstâncias?

- De modo algum. Para me safar da indemnização, tive de colocar tudo o que possuía no nome de minha mulher, ficando praticamente na penúria. Só lhe digo que não me restam fundos suficientes para manter o escritório em actividade. Arrecadei uma quantia substancial quando as condições do mercado eram favoráveis e, no momento em que se agravaram, meti-me na minha toca e fechei a porta. Portanto, tenho de contactar com Mabel. Uma coisa é certa. Se resolveu almoçar fora, encontra-se num de quatro ou cinco locais, que tratarei de visitar.

- Quer que o acompanhe?

- É preferível. Assim, quando ela assinar o cheque, pouparemos tempo... E daí, não. Esquecia-me da maldita carta anónima. Se Mabel me vê consigo... Que maçada! Porque escolheriam esta altura para a enviar?

242

- Esperarei no meu escritório - informou Bertha, levantando-se. - Logo que tudo estiver solucionado, telefone-me.

- Combinado. - O semblante de Belder iluminou-se.

Tive uma feliz inspiração ao procurá-la. - Precedendo-a para abrir a porta, acrescentou: - Nunca conseguirei exprimir a minha gratidão... - Duas mulheres acabavam de entrar na sala de recepção e ele saudou-as com uma cordialidade destituída de convicção: - Theresa! Carlotta! Tenho muito prazer em vê-las! Lamento não poder interromper a conferência para atender o telefone... Com licença - solicitou formalmente a Bertha.

- À vontade - redarguiu esta última, no mesmo tom.

A Sr.a Goldring mediu Bertha dos pés à cabeça, e os olhos fizeram uma breve pausa na região da cintura, porém Belder recomeçou:

- Está estupenda, Theresa! Parece irmã de Carlotta.

- Consciente da possível interpretação indesejável das últimas palavras, apressou-se a prosseguir. - Ela também tem um aspecto admirável, claro. Melhor que nunca, mesmo.

- Acha, Everett, ou diz isso só para me ser agradável? - perguntou a Sr.a Goldring, com um sorriso afectado.

- Falo com a máxima sinceridade, palavra. Quem as vir juntas na rua, não pensa que são mãe e filha.

- E não somos, como sabe - acudiu Carlotta, com azedume.

- Compreendes o que quero dizer - volveu ele, estoicamente. - Entrem para o meu gabinete que já as atendo.

- Espero não termos vindo incomodar - articulou a Sr.a Goldring.

- De forma alguma. Entrem e sentem-se.

Todavia, ela não se moveu.

- *Onde está* Mabel, Everett?
- Não sei. Também precisava de lhe falar. Tem a certeza de que não se encontra em casa?
- Absoluta. Estivemos lá agora mesmo.
- Bem, entrem, que já vou ter convosco. !
- Sabe aonde foi? - insistiu a Sr.a Goldring.
- Tinha um encontro marcado com alguém e **pediu-**

243

-me que deixasse o carro à porta, com o depósito cheio.

Entrem, entrem...

- *Tenho* de encontrar Mabel. Vim propositadamente de São Francisco para lhe falar. Suponho que recebeu a minha mensagem, pois comunicou a Carlotta que eu vinha.
 - Mensagem? - repetiu Belder automaticamente, numa tentativa para ganhar tempo.
 - Enviei-lhe um telegrama a prevenir... Ela não lhe referiu a minha vinda?
 - Não. Nesse caso, deve ter ido esperá-la à estação.
 - O comboio chegou com algumas horas de atraso. Carlotta seguiu para a estação mais cedo e Mabel - disse que se encontrariam lá. Quando a viu pela última vez?
 - Bem, não sei... De momento, não consigo concentrar-me no assunto. Preciso resolver uma questão de negócios. Não querem entrar, por *favor*?
 - Ah, é verdade. - A Sr.a Goldring tornou a examinar Bertha com insistência. - Trata-se de um contrato particularmente vantajoso. Espero não termos vindo perturbá-lo.
 - Claro que não. Vou já ter convosco.
- Ela virou-se para Carlotta:
- Entremos. - Com um sorriso glacial a Bertha, acrescentou:
 - Espero que também não a perturbássemos nem interferíssemos no seu *contrato de vendas*.
 - De modo algum - replicou a interpelada. - As interrupções *insignificantes* nunca me impressionam. A outra conteve a - respiração por um momento e pareceu na iminência de dizer algo, mas mudou de ideias e desapareceu no gabinete contíguo.
 - Tenciona informá-la da proposta? : - perguntou Bertha a meia voz.
 - Que ideia! - articulou Belder no mesmo tom, após uma mirada apreensiva à porta, que a sogra se abstera de fechar.
 - Livre-se delas o mais depressa possível.
 - Não precisa de mo recomendar. Com elas aqui, nem sequer posso ir procurar Mabel.
 - Porque seria que sua mulher não lhe falou no telegrama enviado pela Sr.a Goldring?

244

- Não faço a mínima ideia. Não costuma proceder assim.

- A única explicação que me ocorre é que não lhe queria revelar a visita da mãe. Talvez previsse uma crise doméstica e a desejasse a seu lado para apoio moral. Aposto que lhe telegrafou ou telefonou por causa da carta anónima.

- Sempre a malfadada carta... Sim, deve ter sido isso. Que balbúrdia, meu Deus!

- Na minha opinião, deve provocar um esclarecimento da situação. Dê-lhe a entender a sua posição. Evite a adulação. Uma mulher dessa espécie não se comove com isso.

- Mais baixo, por favor! - suplicou ele, num murmúrio.

- Everett! - chamou a Sr.a Goldring. - Pode - dispensar-nos um momento do seu valioso tempo? Estamos preocupadas com Mabel. Não compareceu na estação, como prometeu.

- Sim, sim, vou já.

- Entre e mostre-se firme - recomendou Bertha. Encaminhou-se para a saída e, uma vez no corredor, fez uma pausa de cinco segundos, após o que abriu bruscamente a porta que acabava de fechar atrás dela.

A do gabinete de Belder encontrava-se fechada, e Imogene Dearborne, que atravessava a sala nessa direcção, estacou e regressou à secretária.

- Precisava de uma informação - anunciou Bertha.

- Importa-se de colocar uma folha na máquina para escrever o recado que lhe vou ditar? - Aguardou um momento, enquanto a rapariga obedecia, e ditou: - Aconselho-o a participar o roubo do carro de sua mulher. Mais tarde, poderá alegar que se enganou. A Polícia localizá-lo-ia, se... - Interrompeu-se, enrugando a fronte. - Pensando melhor, talvez não seja o mais aconselhável. - Pegou na extremidade da folha com o polegar e o indicador e extraiu-a do rolo, fazendo-a desaparecer na bolsa. - Tratarei de lhe fazer chegar às mãos mais tarde, se me parecer a melhor solução. - Enquanto a rapariga a observava com uma expressão enigmática, acrescentou: - Os seus dedos movem-se com uma agilidade extraordinária sobre o teclado.

- Obrigada.

- Costuma praticar muito?
- O trabalho não me falta.
- Aposto que tem máquina em **casa**.
- Sim.
- Portátil?
- Exacto.

Bertha esboçou um sorriso e despediu-se com uma inclinação de cabeça, afastando-se para a porta, acompanhada pelo olhar inexpressivo de Imogene Dearborne.

CAPÍTULO VI

A SEGUNDA CARTA

Belder telefonou a Bertha Cool cerca das três e um quarto.

- Tudo em ordem? - inquiriu ela, quando lhe reconheceu a voz.
- A situação é mais complicada do que eu suspeitava.
- Que aconteceu?
- A Sr.a Goldring veio com uma finalidade especial. A carta produziu mais estragos do que eu previra. Sally partiu e é possível que Mabel também resolvesse deixar-me. Talvez se encontrasse com quem escreveu a carta e... Não posso referir mais pormenores.
- Sua sogra desconhece o paradeiro de Mabel?
- Pelo menos, é o que afirma. E colou-se a mim como uma lapa, para que não possa fazer nada. Tenho as mãos completamente atadas.
- De onde está a falar?
- De casa.
- Sua sogra encontra-se aí?
- Sem dúvida! Ainda não me largou um segundo.
- Por que não ficou no escritório e correu com ela?
- É bom de dizer!
- Penso que sabe onde a filha está e pretende fazê-lo passar um mau bocado. Livre-se dela e procure sua mulher.
- Mas suponha que Mabel se encontrou com o autor ou autora da carta e ouviu mais uma série de falsidades, resolvendo abandonar-me. Tive de vir esperar para casa.

Se ela tomar uma atitude drástica, necessitará de levar roupa e outros artigos de uso pessoal. Tem de contactar com Nunnely, para que nos conceda mais algum tempo, Sr.a Cool. Isto não passa de mais uma das coincidências indesejáveis que me flagelam ultimamente. Telefone a Nunnely... ou melhor, dirija-se ao seu escritório e peça um adiamento de vinte e quatro horas, para...

A voz de Belder alterou-se repentinamente: - Ah, até que enfim, Theresa! Perguntava a mim mesmo onde se tinha metido. Estou a falar para o escritório... Não, não ligou para lá... Não se preocupe, porque nada de mal lhe aconteceu. Aposto que encontrou uma amiga e foram almoçar juntas. - Voltou a falar para o bocal, recorrendo a um tom autoritário: - Coloque essa correspondência na minha secretária, Imogene. Se minha mulher telefonar, diga-lhe que a mãe já chegou e a esperamos em casa com ansiedade.

Bertha ouviu o estalido característico do corte da ligação e premiu um botão, para que Elsie Brand atendesse.

- Ligue ao escritório de George K: Nunnely.

Reclinou-se na cadeira rotativa, imersa em reflexões, até que a campainha tocou.

- Que há de novo, Sr.a Cool? - perguntou a voz bem modulada e formal de Nunnely.

- Não podemos precipitar as coisas.

- Que quer dizer com isso?

- Duvido muito de lhe poder entregar o dinheiro até às quatro. Talvez precise de mais vinte e quatro horas.

- Impossível.

- Trata-se de uma simples medida de precaução.

Espero consegui-lo até à hora combinada, mas pode dar-se o caso de necessitar de mais um dia.

- A sua proposta referia-se a dinheiro imediato.

- E mantém-se.

- Não é essa a minha definição de dinheiro imediato.

- É a minha.

- Fico à espera dele até às quatro - declarou Nunnely, friamente. - A partir dessa hora, a combinação fica sem efeito.

Bertha preparava-se para ripostar, todavia o som metálico seco indicou-lhe que ele pousara o auscultador.

- Desligaste-me o telefone na cara, nem? - grunhiu
Entre dentes. - Não perdes pela demora, meu amigo. -
Levantou-se e abriu a porta da sala de recepção. - Se
esse homem voltar a telefonar, não estou.
- Nunnely? - perguntou Elsie.
- Sim. Não lhe quero falar.
- Repito-lhe essas palavras?
- Não. Diga que estou ocupada e não quero que me
interrompam. Se insistir, pergunte se é o Sr. Nunnely
que me desligou o telefone na cara. Faça-o em voz suave,
como se se limitasse a pedir-lhe uma maneira de se
identificar. - Bertha fez uma pausa, enquanto a rapariga
inscrevia algumas palavras no bloco-notas. - Palpita-me
que é a melhor maneira de lidar com ele. Se não precisasse
do dinheiro com urgência, há muito que me tinha
mandado passear. Assim, principiará a transpirar, e o
verniz que o envolve talvez estale. Vou trabalhar um
pouco e não quero interrupções.
Regressou ao seu gabinete, fechou a porta à chave,
pegou na carta que Belder lhe confiara e pôs-se a examiná-la
com uma lupa, interrompendo-se de vez em
quando para consultar um gráfico que apresentava os
diferentes tipos de letra de todas as marcas e modelos
de máquinas de escrever.
Necessitou de cerca de uma hora para concluir que
a carta fora escrita numa *Remington* antiga, portátil, mas
bastaram-lhe breves minutos para decidir que a anotação
que vira apensa às cartas no gabinete de Belder proviera
da mesma máquina que a missiva anónima.
Por fim, dirigiu-se à cafetaria do rés-do-chão do prédio,
para tragar uma sanduíche impelida com café, e
encontrava-se de novo no escritório, dez minutos mais
tarde.
- Alguma novidade, Elsie?
- Telefonou o Sr. Nunnely.
- Que lhe - disse? - O rosto de Bertha denunciava
uma satisfação serena.
- Exactamente o que me recomendou.
- Mencionou que eu tinha saído?
- Não. Apenas que estava ocupada e não queria
interrupções. Quando referiu que abriria uma - excepção
no seu caso, perguntei se era o Sr. Nunnely que lhe desligara
o telefone na cara.

-Que - respondeu?
- Pareceu aclarar a voz e murmurou: «Ah, ela **não** tinha acabado de falar? Lamento imenso.»
- A seguir, pôs-se a suplicar?
- Não. Agradeceu e desligou.
- É estranho - articulou Bertha, franzindo o sobrolho.
- Devia mostrar-se ansioso.
- Mas telefonou - salientou Elsie. - Já é alguma coisa.
- *Ansiosíssimo*. Parecia preocupado?
- Não. Era a mesma voz bem modulada.
- Ora, o diabo que o carregue. Se...
Nesse momento, a porta do corredor abriu-se de rompante, para dar passagem a um Everett Belder esbaforido.
- Que Deus nos acuda, Sr.a Cool! Não sei o que vamos fazer.
- Acalme-se - aconselhou Bertha. - Aconteceu mais alguma coisa?
- Se aconteceu!... Uma série delas. Quer saber a última? Minha mulher abandonou-me... com todo o dinheiro que possuo. Até o mobiliário do escritório está em seu nome!
Ela olhou-o em silêncio por um momento e voltou-se para a entrada do seu gabinete, com um suspiro de resignação.
- Bem, resta-me escutar os pormenores sinistros.
Entre.
Belder iniciou o relato ainda antes de Bertha fechar a porta atrás deles:
- Ela envenenou-a contra mim e levou-a a deixar-me
- Sem ao menos ir buscar a roupa?
- Voltou a casa para a recolher.
- Mau - proferiu ela significativamente.
- Só o descobri há meia hora. Tinha aberto o armário para me certificar e vi os vestidos habituais pendurados, mas quando a Sr.a Goldring se alarmou e começou a procurar com Carlotta, deram pela falta de várias coisas: o vestido azul, uma saia de xadrez, uma blusa branca, dois pares de sapatos e...
- A escova de dentes?
- Exacto.
- E a - respeito de cremes faciais?
249

- Isso é que me intriga, Sr.a Cool. Os boiões de creme e frascos de loção continuam no toucador.
- Hum... - grunhiu Bertha. - Quando a vi sair de casa, não levava mala. Deve ter voltado.
- É o que penso. Foi-se encontrar com a pessoa que lhe telefonou e depois tencionava seguir para a estação, esperar a mãe. No entanto, essa pessoa fez-lhe qualquer revelação que a levou a alterar os planos. Mabel voltou directamente para casa, meteu alguns artigos numa mala e partiu, esquecendo-se da mãe ou considerando o outro assunto mais importante. Enquanto

não a localizarmos, tenho as mãos atadas. Conseguiu que Nunnely aguardasse até amanhã?

- Está demasiado impressionado com tudo isto. Não pode fazer absolutamente nada para alterar a situação. Aliás, há fortes probabilidades de sua mulher não o ter abandonado para sempre. Ouviu revelações a seu - respeito que não lhe agradaram e resolveu ausentar-se por uma temporada, *para lhe dar uma lição*.

- O que a leva a pensar assim?

- Diversas coisas. Creia que ela preparou o cenário para lhe pregar um susto, e a mãe está envolvida no assunto. Quando supuser que alcançou o seu objectivo, regressará. Entretanto, a Sr.a Goldring mantém-na ao corrente dos acontecimentos. Foi por isso que a mandou vir. Volte para casa e adopte a atitude de que, se decidiu abandoná-lo, tanto pior para ela. Embora lhe custe admitir que o deixou, há muitas outras mulheres no mundo. Procure convencer sua sogra, mas sem exagerar, e ausente-se por meia hora. Assim, ela terá ensejo de telefonar à filha. No instante em que Mabel se inteirar de que começa a pensar noutras mulheres, reaparecerá tão depressa...

- Ainda não ouviu o melhor. Chegou outra.

- Outra quê?

- Carta.

- Mostre-ma. - Bertha examinou com curiosidade o sobrescrito fechado que Belder extraiu da algibeira e lhe estendeu, concentrando-se sobretudo na estampilha e carimbo pouco nítido. - Como lhe foi parar às mãos?

- Veio na - distribuição da tarde.

- Recebeu-a directamente do carteiro?

- Não. Foi minha sogra, diabos a levem.

250

- Que destino lhe deu?
- Colocou-a em cima de uma mesinha, juntamente com outra correspondência. No entanto, observou-a com atenção, talvez porque traz a inscrição «Pessoal, particular e confidencial», como vê.
- Como sabe que se trata de mais uma carta anónima?
- O tipo de letra parece o mesmo.
Bertha examinou-a com a lupa e inclinou a cabeça com lentidão.
- Que tenciona fazer?
- Não sei. Foi por isso que a procurei.
- Tem alguma ideia do conteúdo?
- Não.
- Porque não a faz desaparecer? Queime-a.
- Minha sogra já a viu e se Mabel reaparecer procurará estar a seu lado quando abrir a correspondência. Parecia particularmente interessada *nesta* carta.
- E se não conseguir encontrá-la?
- Acusam-me de a ter escamoteado, e isso juntamente com o resto, mesmo que Mabel reapareça, bastará para me colocar numa situação espinhosa.
- Ela há-de reaparecer. Podíamos abrir a carta por meio de vapor.
- Não é um delito federal?
- Suponho que sim. - Bertha levantou-se, aproximou-se da porta e indicou a Elsie: - Ligue o fogão eléctrico e ponha água a ferver para abrir uma carta.
A rapariga não tardou a aparecer com o pequeno fogão, sobre o qual colocou uma chaleira, e ligou a ficha à tomada da parede.
- Mais alguma coisa? ;
- Não. De momento, chega.
Bertha certificou-se de que a chapa metálica principiava a aquecer e foi sentar-se numa poltrona junto de Belder, preferindo-a momentaneamente à cadeira rotativa.
- Está aflito com tudo isto, hem?
- Se estou! Não o posso evitar: o desaparecimento de Mabel, aquele problema com Nunnely, a Sr.a Goldring e Carlotta assediando-me constantemente... Se, ao menos, soubesse onde Mabel se encontra! É a incerteza que custa mais a suportar. - Ele fez uma pausa, enquanto **Bertha** se erguia, aproximava do cesto dos papéis e remo-

via o conteúdo, até que se endireitou com um papel amarfanhado na mão. - Que é isso?

- Um folheto de propaganda de um peleiro. Prontifica-se a guardar casacos de peles e outros artigos do género durante a estação quente. Talvez nos seja útil.

- Não compreendo.

- Não é necessário - replicou ela, sorrindo.

Permaneceram sentados em silêncio por vários minutos; Belder, apreensivo e inquieto, e Bertha absolutamente calma.

Por fim, o vapor principiou a irromper do bico da chaleira e ela acercou o sobrescrito fechado.

- Depois, não notam que o abrimos? - perguntou Belder.

- Da maneira como eu o faço, não.

- É mais optimista do que eu.

- Ainda bem para todos - murmurou Bertha, introduzindo cautelosamente a ponta de um lápis na parte colada do sobrescrito, que acabou por se desprender. -

Escrita à máquina, como a primeira - informou, desdobrando a folha que continha. - A assinatura também é a

mesma: «Um Amigo Bem-intencionado.» Quer que a leia em voz alta ou prefere fazê-lo para si?

- Deixe-me dar-lhe uma olhadela. - No momento em que pegou no papel, os dedos dele começaram a tremer e largaram-no. - Leia a senhora - articulou a meia voz.

Bertha inclinou-se para recolher a carta do chão e leu:

- «Prezada Sr.a Belder: Quem era a mulher que entrou no gabinete de seu marido, segunda-feira à tarde, se lhe lançou ao pescoço e beijou, mal a porta se fechou? Talvez se - disponha a conversar comigo, a menos que prefira continuar a viver na ilusão. Em qualquer dos casos, creia na minha amizade bem-intencionada.» - Retirou os óculos e fitou Belder, que exibia uma expressão perplexa.

- Agora, sou eu que pergunto: quem era a mulher?

- Santo Deus! Ninguém conhece a sua existência!

- Quem era?

- Dolly Cornish.

- E quem é Dolly Cornish?

-- Uma antiga paixoneta. Estive prestes a casar com

ela. Afinal, tivemos uma desavença e conheci Mabel.

Pouco depois, casou igualmente.

- Onde está, agora?

- Algures, na cidade.

- Sabe o seu endereço?

- Bem, eu...

- Sim ou não?

- Sim.

- Qual é?

- Edifício Loclear, Apartamento 15-B.

- Que aconteceu na segunda-feira?

- Ela procurou-me.

- Costuma fazê-lo com frequência?

- De modo algum. Foi a primeira vez que a vi **desde** que casei.

- Tem vivido aqui, em Los Angeles?

- Não, em Nova Iorque.

- Que se passou?

- Veio a Los Angeles e lembrou-se de me visitar.

O casamento não resultou e divorciou-se. Não sabia se eu ainda vivia com Mabel e quis certificar-se.

- Entregaram-se a efusões diante de sua secretária?

- Não. Fiquei surpreendido e sem saber o que dizer.

Depois, Miss Dearborne fechou a porta e Dolly... bem, mostrou-se contente de me voltar a ver.

- Isso foi depois de a porta estar fechada?

- Sim.

- Tentaram fazer o tempo andar um pouco para trás?

- Não foi bem isso...

- Entregaram-se a transportes amorosos?

- Que ideia!

- Voltou a vê-la, desde então?

- Hum...

- Sim ou não?

- Sim.

- Quantas vezes?

- Duas.

- Saíram juntos?

- Sim, fomos jantar, uma vez.

- Que disse a sua mulher?

- Que tinha de fazer serão no escritório.

- Não esteja tão macambúzio - recomendou **Bertha**.

253

- Quanto a mim, procedeu como o marido médio civilizado. -
Guardou a carta na bolsa, introduziu o folheto do peleiro no sobrescrito e voltou a colar este cuidadosamente, após o que o entregou a Belder. - Aproveite um momento em que estiver só, para o colocar junto da outra correspondência.
- É uma autêntica salva-vidas, Sr.a Cool.
Nesse momento, soou uma leve pancada na porta.
- Que é? - inquiriu ela.
- Posso entrar, Sr.a Cool? - perguntou a voz de Elsie.
- Que aconteceu? - quis saber Bertha, movendo-se para a porta.
A rapariga abriu-a uns escassos centímetros para poder passar e voltou a fechá-la atrás dela.
- Nunnely acaba de chegar - sussurrou.
- Só faltava isto! - gemeu Belder, agitando-se na poltrona.
- Deixe o assunto comigo - proferiu Bertha, serenamente.
- Não lhe diga que estou aqui. Se desconfia de que trabalhamos juntos...
- Já lhe - disse que deixasse o assunto comigo. -
Ela virou-se para Elsie: - Estou muito ocupada e hoje não o posso receber. Se insistir, que apareça amanhã às dez e meia, porque antes - disso não tenho um momento - disponível. - Concentrou-se de novo em Belder, enquanto a rececionista saía. - Assim que ele desaparecer, vá para casa e coloque a carta no lugar de que a tirou.

CAPÍTULO V

UM CADÁVER NA CAVE

Bertha Cool tinha o hábito de se espreguiçar na cama todas as manhãs, quando acordava, flectindo os músculos, estendendo os braços e tentando alcançar o mais longe possível com as pontas dos dedos. Em seguida, pegava no maço de cigarros de cima da mesa-de-cabeceira e fumava placidamente durante alguns minutos.

O despertador indicava oito horas e dez minutos, quando ela acordou e iniciou os exercícios usuais. Depois, saboreou o primeiro cigarro, reclinou-se nas almofadas e semicerrou os olhos, descontraíndo-se no conforto da cama.

Estava uma manhã sombria e fria, com nevoeiro denso que obscurecia as cercanias. Uma ligeira aragem húmida agitava os cortinados da janela aberta e viam-se gotas de água no estore.

Bertha congratulou-se por - dispor de aquecimento próprio, não tendo, portanto, de confiar no do prédio, sempre insuficiente.

- distendeu os músculos dos ombros, bocejou, afastou os cobertores com os pés e descobriu que ainda fazia mais frio do que supusera. Em seguida, fechou a janela, acendeu o gás e regressou à cama, enquanto o despertador parecia emitir um tiquetaque mais intenso, numa acusação significativa.

Acendeu novo cigarro e voltou os olhos para o despertador com uma expressão malevolente.

- És um mentiroso indecente. São apenas oito menos um quarto e não nove menos um quarto, como pretendes. Não continues a olhar-me com essa cara de censura, se não queres que te atire pela janela.

Nesse momento, o telefone principiou a tocar e ela fez menção de pegar no auscultador, mas mudou de ideias e resmungou:

- Toca para aí à tua vontade. Só me levanto quando fizer menos frio.

A campainha continuou a retinir durante cerca de dois minutos e parou. Bertha terminou o cigarro, experimentou a temperatura do sobrado com os dedos dos pés, enfiou-os nas pantufas e encaminhou-se para a porta, que abriu para recolher uma garrafa de leite e o jornal da manhã, levando este último para a cama.

Entretinha-se a ler os cabeçalhos das notícias de maior relevo, quando soou o «besouro» da porta.

- Que horas de fazer visitas - grunhiu, sem se mover.

No entanto, acabou por se levantar de novo, mas para se dirigir à casa de banho e se meter debaixo do chuveiro. Principiava a secar-se, quando o «besouro», que

continuara a vibrar intermitentemente, foi substituído por pancadas enérgicas na porta.

Bertha emitiu um suspiro de contrariedade, assomou à entrada da casa de banho e bradou:

- Quem é?

- Bertha Cool? - inquiriu uma voz masculina.

- Quem havia de ser? - retorquiu ela em tom beligerante.

- Abra. Sou o sargento Sellers.

Conservou-se silenciosa por uns instantes e voltou:

- Estou a tomar banho. Passe pelo escritório às...

- fez uma pausa para consultar o despertador -... dez menos um quarto.

- Lamento, mas temos de conversar já.

Então, espere que me vista. - Enfiou o roupão, enquanto as pancadas na porta se repetiam a intervalos regulares, e foi abrir. - Lá porque representa a Lei, pensa que pode incomodar os cidadãos a qualquer hora da noite?

- São nove e um quarto - lembrou Sellers, sorrindo e entrando.

- Não precisava de se fazer acompanhar da insígnia

- proferiu Bertha, fechando a porta ruidosamente. - Só um polícia entraria no apartamento de uma mulher que ainda não se vestiu, conservando o chapéu na cabeça e poluindo a atmosfera com esse pestilento charuto.

- Garanto-lhe que ia aos arames com os seus modos, se não soubesse que tem um coração de ouro por baixo desse granítico arcaboço - replicou o sargento, voltando a sorrir. - Cada vez que me lembro como procedeu no caso daquele cego, apetece-me oferecer-lhe uma bebida.

- Não merece a pena consumir cera com defuntos destes. - Bertha fungou desdenhosamente. - Sente-se e leia o jornal, mas por amor de Deus atire esse venenoso charuto pela janela. Entretanto, vou lavar a boca e...

Sellers aproximou um fósforo aceso do charuto, impeliu o chapéu para a nuca e declarou:

- Já li o jornal e deixe a lavagem da boca para depois. Que sabe acerca da mulher do Everett Belder?

- Porquê? - retorquiu ela, instantaneamente na defensiva.

- É uma dona de casa desmazelada.

- Parece-lhe?

256

- Imagine que se ausenta, deixa cadáveres estendidos na cave e não volta a aparecer.
 - Que quer dizer com isso?
 - Refiro-me ao corpo encontrado na cave da sua residência.
 - Bertha tornou-se tão cautelosa como uma truta veterana imersa nas profundezas do lago de uma montanha ao avistar um anzol - dissimulado na superfície.
 - Matou o marido?
 - Eu não - disse que matou alguém. Limitei-me a mencionar que deixou um corpo na cave.
 - Compreendi mal.
 - Pois foi. Não afirmei isso... por enquanto. . ;;
 - Nesse caso, não tenho de me preocupar.
 - Suponho que deseja ser prestável à Polícia?
 - Porque havia de ser?
 - Porque lhe interessa continuar com a firma em actividade.
 - Sem dúvida que ajudarei a Polícia a esclarecer um *homicídio*, mas não vejo motivo algum para armar rebuliço pelo facto de uma dona de casa ser desmazelada.
 - Quantos corpos há?
 - Apenas um.
 - E acusa-a de desmazelo só por causa de *um* corpo? Sei de casos em que apareceu uma dúzia.
 - Não pense que me ilude - observou Sellers, com uma risada divertida.
 - Talvez queira iludir-me a mim própria.
 - Então, continue.
 - Nesse caso, não me interrompa.
 - Quando terminar com os rodeios, entraremos no assunto.
 - Quem está com rodeios?
 - Você.
 - Por que havia de o fazer?
 - Isso gostava eu de saber. É um hábito seu. Quando a situação se complica e alguém pretende colocá-la entre a espada e a parede, torna-se tão esquiva como a tradicional cereja num *cocktail*.
 - Pois, parece-me que quem está com rodeios é você. De quem é o corpo?
 - De uma rapariga de vinte e seis anos chamada Sally Brenner.
- 17 - V. G. GARDNER 10**
257

- Como morreu?
- Ainda não sabemos.
- De morte natural?
- Bem, *pode* tratar-se de um acidente... mas também pode não ser.
- Como informador, é de uma utilidade flagrante.
- Posso dizer o mesmo a seu - respeito.
- Quem é essa Sally Brentner?
- A empregada doméstica da casa.
- Há quanto tempo estava o corpo na cave?

- Um ou dois dias.
- Que diz a Sr.a Belder sobre o assunto? - perguntou Bertha, com simulado desprendimento.
- Nada.
- Nega-se a - responder?
- Não conseguimos localizá-la. Tudo indica que desapareceu. É neste ponto que você entra em cena.
- Não compreendo.
- Constou-me que, quando a viram pela última **vez**, você a vigiava.
- Quem lhe - disse?
- Um passarinho.

O telefone voltou a tocar, e ela acolheu a interrupção com alívio.

- Com licença. - Levantou o auscultador e proferiu:
 - Estou...

A voz de Everett Belder denunciava profunda tensão emocional:

- Ainda bem que a apanhei em casa! Já tinha ligado antes, mas não obtive - resposta. Foi a sua secretária que me deu o número.
- De que se trata?
- Aconteceu uma coisa horrível.
- Bem sei.
- Não me refiro aos outros problemas que lhe expus. Encontraram o corpo de Sally na cave.
- Já sabia. A Polícia encontra-se aqui neste momento.
- Queria contactar consigo antes que eles o fizessem - gemeu Belder. - Que lhes - disse?
- Nada.
- Ainda aí estão?
- Sim.

- E não lhes - disse nada?
- Exacto.
- Acha que se safa com essa atitude?
- Duvido. Sua mulher encontra-se em casa?
- Não apareceu em toda a noite. Minha sogra está desvairada. Foi por causa - disso que se encontrou o corpo. Anunciou que ia revistar toda a casa e principiou pela cave. Ouvi-a descer a escada e soltar um grito antes de desmaiar. Quando acudi, deparou-se-me Sally estendida...
- Estou a dar-lhe muita corda, Bertha - interveio Sellers, bem-humorado. - Evite os nós complicados, de contrário não consegue desembaraçá-los.
- Essa voz é de um polícia? - quis saber Belder.
- É - assentiu Bertha, secamente.
- Expliquei à Polícia que minha mulher tinha recebido uma carta anónima, mas não a podia mostrar porque estava em seu poder, Sr.a Cool. No entanto, não revelei especificamente porque recorri aos seus serviços. Limitei-me a descrever a situação em traços largos.
- Muito bem.
- Penso que devemos mostrar a primeira carta, pois *pode* estar relacionada com a morte de Sally. Mas a segunda não tem nada a ver com o caso e preferia que a Polícia não a visse.
- Porquê?
- Não quero envolver Dolly Cornish nesta embrulhada.
- Porquê?
- O texto da carta pode dar azo a interpretações pouco lisonjeiras para ela.
- Porquê?
- Não compreende? Este assunto tem várias pontas por onde se lhe pegue. A Polícia poderia fazer-lhe passar um mau bocado.
- Porquê?
- É assim tão difícil de entender? Se minha mulher soubesse da sua visita. Temos de proteger Dolly.
- Porquê?
- Só sabe dizer «porquê?», com a breca!
- De momento só. - Receando que Sellers interrompesse a conversa, Bertha perguntou: - Como morreu Sally?
- Pode ter sido acidentalmente.

- Continue.
- Parece que descascava batatas e teve de ir à cave buscar cebolas para lhes juntar, levando um alguidar e uma faca enorme. Tudo indica que escorregou no topo da escada e cravou a lâmina no peito ao cair.
- Há algum indício que leve a admitir a possibilidade de não se tratar de acidente?
- Acho que sim.
- O quê?
- A coloração do corpo.
- Não compreendo.
- A Polícia afirma que é um sinal de envenenamento por óxido de carbono.
- Siga.
- Segundo depreendi, pensam que a faca pode ter sido cravada logo após a morte. - Belder fez uma breve *pausa*. - Queria que esclarecesse o assunto, Sr.a Cool.
- Em que sentido?
- Explique à Polícia tudo o que se relaciona com a carta anónima e a sua versão do desaparecimento de minha mulher. Fê-lo para me deixar e não para se pôr em fuga depois de cometer um homicídio.
- Compreendo.
- Há outro motivo para me preocupar com a segunda carta. Dolly é uma mulher particularmente atraente. Se fosse envolvida no caso, os jornalistas tratariam de lhe conferir uma publicidade indesejável. Não quero que adquira essa espécie de popularidade.
- **Porquê?**
- **Porque é inoportuna.**
- **Porquê?**
- Minha mulher tinha ciúmes de Sally, que morreu. Porque havemos de trazer à baila nova vítima potencial? Não, Dolly deve manter-se alheia a tudo isto. Alarmada pelo prolongado silêncio do sargento Sellers, Bertha olhou apreensivamente por cima do ombro e viu-o concentrado na leitura das duas cartas que Belder lhe confiara, as quais extraíra da bolsa em cima do toucador.
- Que desaforo! - bradou, enfurecida.
- Por amor de Deus, Sr.a Cool! - balbuciou Belder.
- Creio que não - disse nada que...

- Não é consigo - esclareceu ela, apressadamente para o bocal. - Refiro-me ao polícia. Todavia, este nem se dignou erguer os olhos, continuando imerso na leitura.

- Que está ele a fazer? - perguntou Belder.

- Enquanto me dizia como queria que me ocupasse das coisas, o sargento Sellers tomou a liberdade de abrir a minha bolsa e ler *duas* cartas que tirou de lá.

- Meu Deus! - gemeu Belder.

- Para a próxima vez, deixe-me proceder à minha maneira - recomendou Bertha. E pousou o auscultador com uma violência que pôs em perigo a integridade do instrumento.

O sargento Sellers dobrou as duas cartas, voltou a introduzi-las na bolsa e fechou-a. Decerto não descobrira, ou não considerara importante a folha de papel que Bertha trouxera do escritório de Belder.

- Quem o autorizou a fazer uma coisa dessas? - inquiriu ela, rubra de cólera.

- Calculei que não se importaria, velha amiga - replicou ele, com despreendimento.

- Reduzia-lhe os miolos a puré... se tivesse alguns!

Que atrevimento! Nunca vi um desaforo como...

- Poupe o fôlego, que não lucra nada com isso. -

Sellers fez uma pausa, indiferente ao olhar incendiário de que era alvo. - De qualquer modo, não se safava.

Perguntei a Belder onde estava a carta que mencionou e ele - disse que você a levava. Portanto, nada mais natural do que procurar na sua bolsa...

- Porque não me perguntou por ela?

- Receava que ele mentisse. - O sargento exibiu um sorriso condescendente. - Pareceu-me muito ansioso por falar na carta. Na verdade, não falou noutra coisa, como se quisesse evitar alguma pergunta embaraçosa. Portanto, admiti a possibilidade de haver, por exemplo, uma *segunda* carta.

- E deduziu que ele me telefonaria para a fazer desaparecer, o que o levou a rebuscar na bolsa quando o telefone tocou - rugiu Bertha. - Eu podia queixar-me da sua atitude e fazê-lo passar um mau bocado.

- Não digo o contrário. No entanto, palpita-me que não chegará a esse extremo. Lembre-se das vezes em que me podia queixar de si. A minha divisa foi sempre:

vive e deixa viver. Você prega as suas partidinhas e eu as minhas. Quando me atinge com um golpe baixo, não peço ao árbitro que suspenda o combate. Ora bem. Fale-me lá da rapariga que lançou os braços ao pescoço de Belder.

- Que quer saber!

- Quem é?

- Não faço a mínima ideia.

- Então, Bertha! - Sellers fez estalar a língua emitindo sons de desaprovação. - Torne a pensar.

- Porque supõe que a conheço?

- Sabe perfeitamente que não deixaria Belder colocar-lhe uma carta daquelas no regaço sem averiguar todo o possível acerca da dama.

- Não existe.

- Que quer dizer com isso?

- Não passa de uma invenção de quem escreveu a carta.

- Como o sabe?

- Belder garantiu-mo.

- Bem, acho que tenho de me contentar com isso, até ver - admitiu Sellers, com um suspiro.

- E a - respeito da sogra de Belder?

- Mergulhou numa espécie de estado de colapso permanente. Ela e a irmã da desaparecida passaram a noite aos chiquetes, por turnos, telefonando à Central com regularidade, para saber se a Sr.a Belder sofreu algum acidente de automóvel. Finalmente, a sogra desconfiou de que ele a matara e escondera o corpo algures e começou a revistar a casa. Quando se lhe deparou o cadáver da rapariga na cave, pensou que se tratava de Mabel e perdeu os sentidos. A identificação foi feita por Belder.

- A Sr.a Goldring não conhecia a criada?

- Parece que não. Vive em Chicago, e ainda não viera a Los Angeles depois que Mabel a havia contratado.

De qualquer modo, não compreendo que tenho eu a ver com tudo isso - declarou Bertha. Conservou-se silenciosa por um momento, enquanto o detective riscava um fósforo na sola do sapato e voltava a acender o charuto. -

Talvez não lhe interesse saber, mas esse maldito charuto revolve-me o estômago.

262

- Lastimo imenso. E, se calhar, ainda não comeu nada?

- Com o café que os restaurantes servem, não admira.

- Nesse caso, faça-o bem forte e conte comigo.

Ela desapareceu no quarto para se vestir apressadamente, regressou à sala-quarto de dormir para fazer a

cama, impeliu-a para o interior da parede, encaminhou-se

para a *kitchenette*. colocou uma cafeteira ao lume e resmungou:

- Quer um ovo, pois...

- Isso mesmo: dois.

- E torradas?
- Sem dúvida. Não se esqueça do *bacon*.
Enquanto Bertha iniciava os preparativos do pequeno-almoço
- respirando pesadamente e recorrendo a toda a
força de vontade para não explodir, Sellers permanecia
encostado à porta, o chapéu impelido para a nuca, inundando
a atmosfera de fumo azulado.
- Quando acabarmos de comer, procuraremos Belder,
para conversarmos a preceito.
- Porque tenho de o acompanhar?
- A sua presença pode contribuir para que ele fale
mais livremente. Se começar a mentir, você intervém
para o chamar à ordem.
- Parece-lhe? - grunhiu ela, imobilizando-se, com a
frigideira na mão, que se preparava para levar ao fogão.
- Com certeza. Apesar das suas soluções de continuidade
intelectuais, não a considero positivamente estúpida. -
Sorrindo ante a expressão indignada da interlocutora,
o sargento acrescentou: -Vou telefonar-lhe, para
combinarmos uma conferência.
Abandonou a *kitchenette*, e Bertha ouviu-o - discar um
número na sala, seguindo-se algumas palavras abafadas,
até que reapareceu, para anunciar:
- Está tudo arranjado. Recebe-nos no escritório. Não
quer que o procuremos em casa, porque a cunhada trataria
de ouvir o que dizíamos.
Bertha continuou imersa em silêncio e ele bocejou
prolongadamente e foi instalar-se na poltrona mais confortável
da sala, após o que abriu o jornal na página
desportiva.
- Gostava de saber uma coisa sobre os detectives

263

- disse ela, principiando a colocar talheres e chávenas
sobre o pequeno balcão da *kitchenette*.
- O quê?
- Costumam tirar o chapéu quando tomam o pequeno-almoço?
- Que ideia! Perdiam a dignidade, se o fizessem.
Só se descobrem quando tomam banho.
- Como prefere o ovo?
- Com uma cozedura de três minutos e quinze
segundos. E não é «ovo», mas o plural, que significa dois
ou mais.
- Oferecer-lhe o pequeno-almoço tem uma vantagem
- proferiu ela, pousando um prato no balcão com
tanta violência que quase o quebrou. - Não pode tomar
café com esse fedorento charuto na boca.
Sellers não replicou, concentrando-se no relato de
um combate de pugilismo a que assistira na véspera,
para o comparar com as conclusões que traçara.
- Pode começar a comer quando quiser - anunciou
ela.
O sargento tirou o chapéu, apagou o charuto no cinzeiro,

penteou-se cuidadosamente , aproximou-se do balcão, aguardou que Bertha se sentasse e imitou-a.

- Bem. Tome lá o café e depois conte-me como as coisas se passaram. Entretanto, teve tempo suficiente para optar por uma atitude.

Ela levou a chávena aos lábios, pousou-a com lentidão e declarou:

- Incumbiram-me de seguir a Sr.a Belder e perdi-a, quando ia encontrar-se com o autor das cartas anónimas.

Mais tarde, estive no escritório do marido e inspecionei o seu ficheiro de correspondência particular, para ver se descobria alguma coisa relacionada com aquilo que procurava.

- Pode saber-se o que procurava?

- Uma dactilógrafa experiente que tivesse máquina de escrever em casa.

- Não compreendo.

- Uma carta dactilografada pode revelar-nos muita coisa. A pressão das letras no papel e espaçamento uniforme indicam que as cartas foram escritas por uma perita na matéria. Ora, essas profissionais exigem um salário elevado e trabalham em escritórios possuidores

264

do material de qualidade. No entanto, as nossas missivas denotavam terem sido escritas numa máquina portátil desalinhada. Portanto, tratava-se de um modelo com essas características que ela possui em casa. Descobri a solução por mero acaso.

- E qual é a solução? - quis saber Sellers.

- Imogene Dearborne, a sereia de olhos cinzentos que trabalha no escritório de Belder e parece interessada unicamente na sua missão de secretária-recepcionista. -

Bertha fez uma pausa, enquanto ele quebrava a casca de um ovo e espreitava para o interior, desconfiado. - Que lhe parece?

- Um pouco passado de mais, mas acho que o vou comer.

CAPÍTULO VIII

QUEM VIU O QUÊ?

O sargento Sellers abriu a porta que ostentava a indicação «EVERETT G. BELDER - *Engenheiro de Vendas*» e desviou-se para que Bertha Cool entrasse.

- Depois, não diga que não somos delicados, de vez em quando - articulou entre dentes.

- Estou comovidíssima - replicou ela, no mesmo tom, entrando para o escritório.

Imogene Dearborne ergueu os olhos da máquina de escrever e Bertha notou que estivera a chorar. No entanto, a rapariga apressou-se a desviar a vista, ao mesmo tempo que indicava:

- Podem entrar. Ele espera-os.

Sellers fitou Bertha com uma mirada interrogativa,

e, ante a inclinação de cabeça quase imperceptível dela, observou a recepcionista com curiosidade. Imogene pareceu aperceber-se do exame e empertigou-se, mas continuou com o olhar fixo no teclado, sobre o qual os dedos se moviam ágil e eficientemente. Nesse momento, a porta do gabinete abriu-se, para dar passagem a Everett Belder.

- Pareceu-me ouvi-los. Bom dia. Queiram entrar. O sargento acomodou-se numa poltrona, extraiu um charuto da algibeira do colete, mordeu a extremidade e

265

procurou um fósforo, enquanto Bertha se sentava com a formalidade rígida do verdugo de visita a um condenado. Por seu turno, Belder instalava-se com desconforto na cadeira rotativa atrás da secretária.

Sellers acendeu o charuto, expeliu duas densas baforadas e urgiu:

- Então?
 - Suponho que a Sr.a Cool lhe revelou tudo - aventurou o outro.
 - Duvido que me revelasse tudo - redarguiu o detective, sorrindo por entre a nuvem azulada, mas foi mais do que o senhor desejava.
 - Receio não entender.
 - A segunda carta, por exemplo.
 - Tencionava falar-lhe nisso um pouco mais tarde
 - afirmou Belder, com uma ponta de nervosismo. - Queria meditar no assunto.
 - Já o fez?
 - Sim.
 - E em que pretendia meditar?
 - Em nada. Isto é, no sentido que tem em vista.
 - Então, não precisava de tanto tempo.
 - Uma jovem, conhecida de outros tempos, chamada Dolly Cornish, visitou-me e sentimo-nos contentes por nos vermos após vários anos sem qualquer contacto. Procurou o meu endereço na lista telefónica e resolveu vir recordar o passado. É claro que não sabia que eu *continuava* casado.
 - Continuava?
 - Bem, andámos juntos por uma temporada, até que casei.
 - E ela não gostou?
 - Também casou, uma ou duas semanas depois.
 - Mas não ficou satisfeita com o seu casamento, hem?
 - Não sei. Nunca lhe perguntei.
- Sellers tirou o charuto da boca e cravou os olhos nos de Belder.
- - responda às perguntas, sem rodeios.

- Não, não ficou.
- Voltou a vê-la, após o casamento?
- Só agora, quando me procurou.
- Porque veio cá?

266

- Separou-se do marido e **queria... bem, queria** ver-me.
- Recebeu-a com ternura?
- Senti-me contente ao vê-la.
- Beijou-a?
- Sim.
- Mais que uma vez?
- Bom... talvez. Mas foram beijos sem qualquer significado especial. Fiquei tão contente como o senhor se visse uma amiga depois de uma longa ausência.
- Saíram juntos?
- Não.
- - disse-lhe que continuava casado.
- Sim.
- Ela deixou o endereço?
- Sim.
- Qual é?
- Apartamentos Loclear.
- Esteve lá?
- Não. . ,
- Telefonou-lhe? . . .
- Também não.
- Ela pediu que o fizesse?
- Não directamente. - disse-me onde se alojara.
- Onde se sentou?
- Não compreendo - balbuciou Belder, arregalando os olhos.
- Quando esteve cá.
- Ah, na cadeira em que está a Sr.a Cool.
- Fica na extremidade da sala - observou Sellers.
- Que janelas consegue ver do outro lado da rua, Bertha?
- Continuo a não perceber - declarou Belder. -
Que tem isso com o nosso assunto?
- Quem escreveu a segunda carta anónima devia ter visto o que se passava aqui dentro, durante a visita de Dolly Cornish. Reparei que há um prédio comercial do outro lado da rua, que é pouco larga. Durante a tarde, a iluminação deve ser a ideal para observar as pessoas aqui presentes.
- Tem razão! - - exclamou. - Pensa que essa pessoa me espiava de um daqueles escritórios?
- Porque perdemos tempo com fantasias? - interpôs Bertha. - A solução está junto de nós.

267

Sellers olhou-a com uma expressão de advertência, para que se calasse, e mudou de tática.

- Que me diz dos elementos citados na carta? Sabe de alguém que possa estar ao corrente da visita de Dolly, na segunda-feira?

- Não.

- E a sua secretária?

- Desconhece as nossas relações do passado. Pensa que ela veio tratar de negócios.

- A que horas apareceu?

- Não sei, ao certo. A meio da tarde.

- Chame-a - indicou o sargento, apontando para o telefone.

- A quem?

- À sua secretária.

Belder levantou o auscultador e proferiu para o bocal:

- Importa-se de chegar aqui?

No momento imediato, quando Imogene abriu a porta, Sellers - disse:

- Segunda-feira, estive cá uma senhora chamada Dolly Cornish. A que horas foi?

- Preciso de consultar a agenda.

- Tinha prevenido que vinha?

- Não.

- Bem, consulte lá a agenda.

Imogene afastou-se, para reaparecer instantes depois, munida de um livro de capa vermelha, que consultou por uns segundos.

- A Sr.a Cornish chegou às duas e vinte da tarde e retirou-se às três e um quarto.

- E não tinha encontro marcado?

- Não.

- Conhecia-a?

- Não.

- Sabe alguma coisa das suas actividades comerciais?

- Não. O Sr. Belder indicou-me que não lhe cobrasse nada.

- Pode descrevê-la? - perguntou o detective, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos.

- Loura, elegante, atraente, ainda nova, mas com ar calculista e egoísta, como quem está habituado a obter aquilo que deseja.

- A sua apreciação parece-me injusta, Miss Dearborne
- interveio Belder.
- Não interfira - recomendou Sellers, sem mudar de posição. - Ela declarou que pretendia falar com o Sr. Belder.
- Exactamente.
- Perguntou-lhe se tinha entrevista marcada?
- Sim.
- Que - respondeu?
- Que o Sr. Belder a receberia, se eu lhe transmitisse o seu nome.
- O seu patrão não é uma pessoa muito ocupada. Essa história da marcação de hora não passa de um pretexto para impressionar os visitantes. Engano-me?
- Não.
- Portanto, anunciou ao Sr. Belder que a Sr.a Cornish o procurava.
- Ela pediu que a anunciasse apenas como Dolly Cornish.
- Que fez o Sr. Belder?
- Mandou-a entrar, dizendo que se tratava de uma amiga.
- Estava emocionado?
- Não reparei.
- Que aconteceu, quando se viram?
- Não sei, porque não estava presente.
- O seu patrão não veio à porta?
- Contornava a secretária, quando a mandei entrar. Ouvi-o pronunciar o nome dela, como se... como se o som lhe agradasse particularmente.
- E depois?
- Fechei a porta.
- Viu-o beijá-la?
- Não! - As faces da rapariga avermelharam-se.
- Quando voltou a vê-la?
- Às três e um quarto, quando saiu.
- Mais alguém sabia que se encontrava aqui?
- Suponho que não.
- Acompanhava-a alguém, que ficasse à espera lá fora?
- Não.
- Alguém a seguiu, quando se retirou?

269

- Não posso afirmá-lo com certeza absoluta, mas penso que não.
- Que adiantam todos estes rodeios? - voltou Bertha. - É ela que lhe interessa.
- Não estou muito certo disso - declarou Sellers.
- Mas estou eu!
- Não posso desprezar a teoria de um observador no prédio em frente - murmurou ele, olhando pela janela. Todavia, Bertha virou-se para Imogene, abriu a bolsa, extraiu a anotação que subtraíra do ficheiro de Belder e mostrou-lha.

- Quem escreveu isto?
- Bem... creio que fui eu. É a nota que coloquei...
- Tem aí as cartas? - inquiriu, voltando-se para o detective. Quando este lhas confiou, ela desdobrou-as sobre a secretária. - Dê uma espreitadela aqui, menina. Foram ambas escritas com a mesma máquina, hem?
- Não... não sei. Qual é a sua ideia?
- Pretendo muito simplesmente desmascará-la, sua víbora - articulou Bertha, com frieza cáustica. - Está apaixonada pelo patrão e convenceu-se de que ele casaria consigo, se a esposa desaparecesse do meio. Por conseguinte, enviou-lhe estas duas cartas. Sabia que o senhor Belder andava atrás da criada e, escutando à porta e espreitando pelo buraco da fechadura, descobriu o que se passava durante a visita de Dolly Cornish. Assim, lembrou-se de se livrar da esposa e de duas rivais ao mesmo tempo. Depois de mandar as cartas, continuou a comportar-se como um cordeirinho inocente no escritório. Não passa de uma hipócrita!
- Não é verdade! - protestou Imogene, começando a chorar. - Não faço a mínima ideia do que pretende dizer.
- Deixe-se de - dissimulações. As cartas foram escritas por uma dactilógrafa experiente numa *Remington* portátil de um modelo antigo. Ora, você possui máquina de escrever em casa, que utilizou para escrever as duas cartas anónimas. Portanto, mais vale que confesse.
- Com a breca! - - exclamou Belder, arqueando as sobrancelhas.
- Ficou surpreendido por albergar uma víbora no seu seio? - proferiu Bertha, com uma expressão confiante.

- Não se trata - disse, mas da referência à *Remington* portátil.
- Que quer dizer?
- a máquina de escrever de minha mulher.
A porta abriu-se e Carlotta Goldring, abarcando a cena com os olhos azuis proeminentes, esclareceu:
- Como não estava ninguém lá fora, resolvi espreitar.
Espero que não...
No entanto, não lhe prestaram atenção, e Bertha Cool, estendendo o indicador para Imogene, prosseguiu:
- Olhem para ela. Vê-se claramente que pus o dedo na ferida. A víbora talvez arranjasse maneira de escrever as cartas com essa máquina, mas não restam dúvidas de que foi ela.
- É falso! - bradou a rapariga. - A máquina que tenho em casa não é uma *Remington*, mas uma *Coronal*
Arregalando os olhos, Carlotta moveu-se ao longo da periferia da sala até à lareira e continuou a observar a cena, de costas para o lume quase apagado.
- Experimente negar que está apaixonada pelo seu patrão - acusou Bertha. - Experimente negar que esperava livrar-se de uma esposa incomodativa e escreveu as cartas...
- Um momento - atalhou Belder. - Ela não pode ter escrito as cartas. Dactilografou aquela nota do ficheiro num dia em que eu trouxe a máquina de minha mulher para o escritório, depois de a ir buscar à oficina para limpeza. Recordo-me de Imogene a experimentar...
- Nesse caso, as cartas foram escritas no mesmo dia - asseverou Bertha.
- Impossível. Foi antes dessas mulheres... antes de Dolly me procurar.
- Mais alguém tinha acesso a essa máquina? - interpelou Sellers.
- Julgo que apenas a família de minha mulher.
- E a criada.
- Sally?
- Claro. Quem havia de ser?
- Mas porque escreveria uma carta anónima sugerindo que se interessava por mim? Não faz sentido.
- Mas ela podia ter acesso à máquina? - insistiu o detective.

- Sim.

Imogene afundou-se numa cadeira, levando o lenço aos olhos, enquanto os seus soluços ecoavam na sala, sempre que se verificava uma interrupção na conversa.

- Pode ter razão e também pode laborar em erro -

- disse Sellers a Bertha Cool. - Há qualquer coisa de estranho no meio de tudo isto. - Voltou-se para Belder. -

Coloque a cadeira na posição exacta em que se encontrava quando Dolly Cornish a ocupava... Muito bem.

Deixe-me sentar aí, para observar a natureza do campo visual. - Instalou-se na cadeira e mudou várias vezes de posição, ao mesmo tempo que olhava pela janela. - Imogene:

pare com os gemidos, pegue no lápis e bloco de apontamentos e tome nota: Dr. Cawlbume, médico-cirurgião, Dr. Elwood Z. Champlin, dentista... Este parece o mais prometedor. As cadeiras dos dentistas costumam estar sempre voltadas para as janelas. Vejo perfeitamente um paciente sentado. Obtenha os números dos telefones desses dois. Mas depressa, hem?

A rapariga olhou-o em silêncio por um momento, como se não tivesse compreendido, e acabou por se levantar e pegar na lista telefónica, que principiou a folhear, ao mesmo tempo que levava o lenço aos olhos.

Belder estendeu-lhe um bloco de apontamentos e lápis e deu-lhe uma palmada amigável no ombro.

- Então, Miss Dearborne. Não tome as coisas tão a peito.

No entanto, ela sacudiu o braço com um movimento brusco, escreveu os números destacou a folha e entregou-a a Sellers, que se apressou a pegar no telefone e

- discar o do dentista.

- Daqui, o sargento Sellers, da Polícia. Desejava falar com o Dr. Elwood Champlin... Sim, da Polícia...

Muito bem. Diga que é urgente. - Enquanto aguardava, pegou no charuto, que pousara na borda da secretária, acendeu-o e expeliu mais uma densa nuvem azulada.

De súbito, retirou-o dos lábios e proferiu: - É o Dr. Champlin?

Fala o sargento Sellers, da Polícia. Precisava que visse no seu livro de consultas quem atendeu segunda-feira passada entre as duas e as três -e um quarto da tarde... Não, apenas os nomes dos clientes...

H-a-r-w-o-o-d? Muito bem. A seguir? - A expressão ílu-

272

minou-se-lhe repentinamente. - Obrigado, doutor. - Cortou a ligação e sorriu para Bertha Cool. - Das duas e um quarto às três menos um quarto, o Dr. Champlin ocupou-se de Miss Sally Brentner.

CAPÍTULO IX

BERTHA VAI À PESCA

Elsie Brand ergueu a cabeça no momento em que Bertha Cool entrou no escritório.

- Aposto que se esqueceu da entrevista com George K. Nunnely, às três e meia.

- Receio bem que sim. Ele esteve cá?

- Não só esteve, como se movia de um lado para o outro, mordendo os lábios. Parecia nervoso e irritado

- É o que acontece a quem confraterniza com polícias - resmungou Bertha, sentando-se. - Aquele maldito

detective entrou-me em casa logo de manhã, obrigou-me a alimentá-lo e arrastou-me com ele, como se fosse sua lacaia. Oxalá esta oportunidade de arrecadar uns cobres não fosse por água abaixo. Estava muito zangado, quando se retirou?

- Pelo menos, preocupado. Utilizou o telefone duas vezes.

- Sabe para que número ligou?

- Não. Pediu a rede e ele próprio o marcou.

- Deixou algum recado?

- Quer que lhe telefone o mais depressa possível.

- Parece que abandonou os ares arrogantes, hem?

- Quanto a mim, está apoquentadíssimo - afirmou

Elsie. - O detective era o sargento Sellers?

- Quem havia de ser?

- Acho-o simpático.

- Não está mal, para quem aprecia os pés chatos -

comentou Bertha. - Eu não. Oxalá me deixasse em paz para sempre. Entrar-me em casa e dar ordens, como se fosse sua escrava... Diabos o levem.

- Que pretendia?

- Tudo indica que a Sr.a Belder praticou um homicídio.

Pode tratar-se de um acidente, mas a Polícia não é dessa opinião... e eu tão-pouco.

18 - V. G. GARDNER 10

273

- Quem foi a vítima?

- Sally Brentner, a **empregada doméstica**.

- Há algum móbil conhecido?

- Ciúme.

- Do marido?

- Uma carta anónima sugere que Belder se interessava por Sally e ela aguentava o lugar para estar junto dele. E o pior é que a própria rapariga deve ter escrito a carta.

- Com que finalidade?

- Talvez para precipitar os acontecimentos. Amava Belder e ele encorajava-a, mas não queria abandonar a mulher. Não podia, de resto, porque é ela que segura os cordões da bolsa. Pelo menos, é a teoria que a Polícia

explora neste momento.

- Que diz a Sr.a Belder?

- Desapareceu. Deve ter cometido o crime antes de eu começar a segui-la. Provavelmente, quando o marido telefonava do escritório. Belder parece um indivíduo complexo. Há muitas mulheres na sua vida. Dá a impressão de que ficam fascinadas. Existe a possibilidade de a situação se ter precipitado com a reaparição de uma antiga amizade que o procurou no escritório, segunda-feira, e se lhe lançou ao pescoço, mal a secretária fechou a porta. Nesse momento, Sally Brentner encontrava-se no consultório de um dentista do prédio em frente, de cuja cadeira podia ver o que se passava no gabinete de Belder.

- A Sr.a Belder parecia enervada, quando a seguiu?

- Não. De qualquer modo, não procedeu como quem acaba de cometer um crime... Espera! Deve ter liquidado Sally *depois* de eu a seguir... Sim, foi o que aconteceu! Porque não pensei nisso antes? Saiu de casa calmamente, com um gato nos braços, meteu-se no carro e afastou-se para comparecer a um encontro combinado pelo telefone. Não levava mala alguma; apenas a bolsa de mão. De repente, acelerou num cruzamento, sem ligar a luz vermelha, deixando-me ficar para trás, a contas com o tráfego em sentido transversal, regressou a casa, matou Sally, meteu alguns artigos indispensáveis numa mala e bateu asas. Até posso determinar o momento em que lhe acudiu a ideia de cometer o crime. Foi precisamente

274

no cruzamento. Que demónio teria visto que a impeliu a voltar a casa e eliminar a criada?

- Pensa que aconteceu alguma coisa que lhe inspirou a ideia?

- Tenho quase a certeza. Seguia em andamento moderado, quase vagaroso, aparentemente empenhada em comparecer a um encontro e, de repente, avançou ignorando o sinal vermelho, cortando à esquerda e regressando ao bulevar por uma transversal, enquanto eu concluía erradamente que seguira para a direita.

- Que tenciona fazer? - perguntou Elsie. - Vai ajudar Belder a provar a inocência da mulher, admitindo que ele não lhe volta as costas?

- Não a largará por preço algum - afirmou Bertha.

- Sem ela, não tem dinheiro nem para utilizar os transportes públicos. Interessa-lhe que reapareça e fique tudo esclarecido.

- Nesse caso, vai tentar provar a sua inocência?

- Vou mas é pescar.

- Não compreendo.

- O mal desta firma tem sido que Donald Lam aceitava todos os casos. Para ele, nunca havia impossíveis.

- Deu-se sempre bem com essa atitude - frisou Elsie.

- Não digo o contrário. Safava-se por uma unha

negra, mas a minha tensão arterial não aguenta esforços tão esgotantes.

- Quer dizer que vai abandonar este caso?

- Qual história! Aliás, que caso existe para abandonar?

Belder queria que reduzisse uma indemnização de vinte mil dólares para dois mil e quinhentos.

Enviei os maiores esforços nesse sentido, e que aconteceu?

Ele não pode arranjar o dinheiro, enquanto não convencer a mulher a entregar-lho e não consegue localizá-la, porque desapareceu depois de...

- Depois de quê? - perguntou Elsie, vendo que Bertha se calara abruptamente.

- Acaba de me ocorrer uma ideia. Ela *pode* ter-se posto ao fresco depois de matar Sally ou simplesmente porque descobriu o cadáver na cave. Enfim, em qualquer das hipóteses, desapareceu e Belder não consegue arranjar o dinheiro para pagar a indemnização enquanto não a encontrar.

275

- Ele não quererá que a procure?

- Talvez, mas que possibilidades teria eu de a descobrir?

A Polícia tratará de o fazer e - dispõe de meios muito mais rápidos e eficientes que os meus. Não, vou pescar. O mal de Donald consiste precisamente em não saber safar-se a tempo. Tenciono afastar-me da voragem antes que me arraste. - Bertha apontou vagamente para o seu gabinete. - Chegou algum correio?

- Meia dúzia de cartas.

- Importantes?

- Não, nada de urgente.

- Nesse caso, vou desaparecer da circulação.

- Que digo a Nunnely, se voltar?

- Ausentei-me da cidade em serviço. E o mesmo se aplica a Belder, Sellers e quejandos, se me procurarem. Vou andar aí até isto acalmar. Depois, tentarei ganhar algum dinheiro.

- Onde posso contactar consigo, se surgir alguma coisa verdadeiramente importante?

- Em Balboa.

- E se o sargento Sellers precisar de si para testemunha?

- Mande-o à... - Bertha conteve-se com visível dificuldade.

- Diga-lhe que me ausentei da cidade.

- Pode supor que se foi encontrar com a Sr.a Belder algures.

- Que suponha o que quiser. Oxalá tente seguir-me e sucumba a um esalfamento.

Encaminhou-se para a porta e o telefone principiou a tocar no momento em que ela pousava a mão no puxador.

Elsie levantou o auscultador e cobriu o bocal, exibindo uma expressão interrogativa.

- Se receia ficar com um peso na consciência por lhe dizer que não estou, vou providenciar imediatamente para que não tenha de mentir.

Com estas palavras, Bertha saiu para o corredor e

fechou a porta atrás dela.

276

CAPÍTULO X
A VÍBORA MORDE

Bertha Cool entrou no escritório, com um jornal dobrado debaixo do braço, e Elsie Brand anunciou:

- Tentei contactar consigo, mas já tinha deixado o hotel.
- Levantei-me ao nascer do Sol para aproveitar a maré.
- Foi bem sucedida?
- Os peixes não gostaram dos meus anzóis.
- Esteve cá um homem por duas vezes - informou a rapariga, consultando a agenda. - Não quis deixar o nome, mas - disse que se tratava de um assunto importante.
- Parecia ter dinheiro?
- Algum. Ficou de voltar. Estava ansiosíssimo por lhe falar *pessoalmente*.
- Quando aparecer, recebo-o - declarou Bertha. - Agora, tenho de receber toda a gente. Se Donald anda a pavonear-se pela Europa, vou encher os cofres da firma. Ainda pensei em descansar um pouco, mas não pode ser. Naquele momento, a porta abriu-se e Elsie murmurou:
- Aí está ele, outra vez.

Bertha assumiu a expressão mais prazenteira consagrada aos clientes potenciais e avançou para o recém-chegado:

- *Bom* dia! Em que o posso servir?
- É a Sr.a Cool?
- A própria.
- Bertha Cool, sócia da firma Cool and Lam?
- Exacto - afirmou ela, sorrindo. - Explique-me em que lhe posso ser útil. Há agências que só se ocupam de um número restrito de casos. Nós, pelo contrário, aceitamos todos... desde que prometam dinheiro.
- Muito bem, Sr.a Cool - replicou o desconhecido, levando a mão ao bolso interior do casaco. - Pode aceitar isto. - E depositou um impresso dobrado na mão de Bertha.
- Que é isto? - balbuciou ela, enrugando a fronte.

A - resposta surgiu com a rapidez de uma metralhadora:
- Uma acção judicial interposta no Supremo Tribunal do Condado de Los Angeles, tendo como demandante Imogene Dearborne e Bertha Cool como arguida. Tem em seu poder cópias da contrafé e queixa mencionando Bertha Cool individualmente e na sua qualidade de sócia da firma. - Vendo que ela parecia - disposta a atirar-lhe a papelada à cara, o homem advertiu: - Não faça isso, porque não adianta nada. Se está irritada, consulte o seu advogado. Passe muito bem. - E desapareceu pela porta, antes que Bertha pudesse recorrer ao seu extenso vocabulário apropriado a semelhantes situações.
- Que significa isto? - articulou Elsie, a primeira a recompor-se.

Bertha desdobrou os impressos e principiou a ler em voz alta:

PERANTE O SUPREMO TRIBUNAL DO ESTADO DA CALIFÓRNIA, REFERENTE AO CONDADO DE LOS ANGELES

IMOGENE DEARBORNE - demandante

contra

ACUSAÇÃO

BERTHA COOL, como indivíduo e sócia da firma

Cool and Lam, e DONALD LAM, como indivíduo

e sócio da firma Cool and Lam - arguidos

A demandante queixa-se dos arguidos e, como motivo da acção judicial alega:

|

Que os arguidos são sócios da firma Cool and Lam, com escritório na cidade de Los Angeles.

Que no oitavo dia de Abril de 19..., na cidade de Los Angeles, condado de Los Angeles, estado da Califórnia, os arguidos, consciente e maliciosamente, proferiram afir-

278

mações falsas e difamatórias referentes à demandante, com reflexos no seu carácter, honestidade e integridade, as quais se destinavam a prejudicar a reputação da mesma demandante.

III

Que, na data e local mencionados, os supracitados arguidos afirmaram a um certo Everett G. Belder, patrão da demandante, que esta era uma víbora, estava enamorada dele e, no intuito de o tornar mais receptivo ao seu afecto, escrevera cartas anónimas à esposa do mesmo, acusando este de infidelidade, na esperança de originar um corte de relações maritais, para que o supracitado patrão adquirisse a liberdade, a fim de desposar a demandante; que, em resultado das referidas cartas, uma certa Sally Brentner, empregada doméstica na residência dos Belder, encontrara a morte, acidentalmente ou pelo suicídio.

IV

Que as referidas afirmações eram falsas, proferidas pelos arguidos com a noção da sua falsidade e uma temeridade que representava um desprezo absoluto pela verdade.

Que as referidas afirmações foram proferidas em presença da demandante, seu patrão e outras testemunhas, originando a demandante profundo nervosismo, embaraço e humilhação, e, sobretudo, o despedimento das funções de secretária-recepcionista que exercia na firma de Everett G. Belder.

VI

Que todas as referidas afirmações não só eram falsas, com pleno conhecimento dos arguidos, como foram proferidas com malícia e desprezo absoluto pela verdade e intenção deliberada de difamar o carácter da demandante.

279

Em face - disto, a demandante exige dos supracitados arguidos a indemnização de cinquenta mil dólares pelos prejuízos causados e mais cinquenta mil dólares como medida punitiva, além das custas do processo.

A. FRANKLINE KOLBER

Advogado da demandante

- Com seiscentos demónios! - - exclamou Bertha, arregalando os olhos numa expressão de incredulidade.

- Mas como pode ela processá-la? - perguntou

Elsie, indignada. - Não a mandou prender, nem nada do género.

- Endoideceu. Ficou tudo esclarecido antes de abandonarmos o escritório de Belder. Quem escreveu as cartas foi Sally Brentner, só Deus sabe porquê. Por incrível que pareça, enviou-as à Sr.a Belder, chamando a atenção para si própria. Mas Imogene não foi de modo algum prejudicada.

- Pediu-lhe desculpa?

- Isso, também não. Não a molestei, à parte fazer-lhe derramar algumas lágrimas sintéticas.

- Mas alega aí que Belder a despediu - argumentou Elsie. - Porque a poria na rua, se ficou tudo esclarecido?
- Sei lá! Talvez o fizesse por qualquer outro motivo que vinha de trás. - discutiram antes de eu e Sellers entrarmos no escritório, naquela manhã.
- Como o sabe?
- Tinha os olhos vermelhos. Não me diga que aquele tipo se serviu do que eu - disse para a despedir!
- É muito possível.
- Vou já pôr isso a limpo.
- Como pode ela processar a firma? Donald nem a conhece.
- O advogado dela alegará que agi em meu nome e no da firma. Posso tentar ganhar tempo, com o pretexto de que Donald se encontra na Europa... Não. Comparecerei no tribunal em meu nome e no da firma... Não quero que ele tenha de se preocupar com o assunto. Quando regressar, estará tudo resolvido. - Bertha consultou o relógio. - Vou trocar umas palavrinhas com

Belder. Em breve descobrirei o que se oculta por detrás - disto. Se pensa que me utiliza como capa, está muito enganado. Quem me mandaria aceitar este caso. Parecia muito simples e afinal vejo-me com um pedido de indemnização de cem mil dólares às costas.

- Chamou-lhe realmente víbora? - quis saber Elsie.

Bertha moveu-se para a porta, abriu-a e voltou-se para trás.

- Sem dúvida que chamei. - E desapareceu no corredor.

- Edifício Rockaway - indicou ao motorista do táxi para o qual subiu. - Quanto mais depressa lá chegar melhor.

Deparou-se-lhe outra recepcionista no escritório de Belder: uma mulher magra, alta, de mais de quarenta anos, com queixo pontiagudo, nariz aquilino e atitude austera.

- O Sr. Belder está?

- Quem devo anunciar? - perguntou, articulando as sílabas meticulosamente.

- Bertha Cool.

- Tem um bilhete-de-visita, Menina Cool?

- *Senhora* Cool - corrigiu Bertha, levantando a voz.

- Quero falar com ele sobre um assunto de negócios.

Não tenho entrevista marcada, mas já cá estive antes.

Pratique a sua elocução noutra oportunidade e anuncie-me...

E daí, não é necessário. Conheço o caminho.

Atravessou a sala, indiferente aos protestos que a mulher proferia com frígida formalidade, e abriu a porta com abruptidão.

Everett Belder reclinava-se na cadeira rotativa, com os pés pousados na secretária e um jornal aberto na sua frente.

- Deixe ficar a papelada, Miss Horrison. Assino-a mais tarde.

Bertha fechou a porta com uma violência que fez estremecer os quadros na parede e ele baixou o jornal, dominado por uma surpresa irritada.

- Santo Deus! É a Sr.a Cool! Porque não deixou Miss Horrison anunciá-la?

- Porque estou com pressa e ela leva muito tempo a articular as palavras. Afaste esse jornal do meio e explique-me porque despediu Imogene Dearborne.

- Creio que me assiste o direito de pôr termo ao contrato com uma empregada, quando o considero conveniente

- redarguiu Belder, dobrando o jornal e enrugando a frente.
- Deixe-se de formalidades. É-me indiferente que a pusesse na rua, mas não posso admitir que me envolva no assunto. Agora, exige uma indemnização de cem mil dólares, alegando que lhe difamei o carácter e foi despedida por causa - disso .
- Que - disse, Sr.a Cool? - inquiriu, endireitando-se na cadeira e pousando os pés no chão.
- Exige uma indemnização de cem mil dólares.
- Não me diga!
- Foi-me entregue a - respectiva contrafé, esta manhã.
- Que alega, exactamente?
- Que lhe chamei víbora e a acusei de estar apaixonada por si e ser a autora daquelas cartas. Pretende que foi despedida por esse motivo.
- A grande mentirosa! Ela sabe que isso não é verdade.

Bertha instalou-se confortavelmente numa poltrona e a tensão do olhar atenuou-se pela primeira vez.

- Vim precisamente para averiguar essa parte da questão. Porque a despediu?
- Não foi nada de pessoal. Bem, até certo ponto...
- Acabe com os rodeios. Porque a despediu?
- Para já, era demasiado atraente e assumia atitudes provocantes... É difícil de explicar. Tinha plena consciência dos seus atributos e tratava de os explorar.
- Que tem isso a ver para o caso?
- Havendo uma cunhada intrometida como Carlotta e uma sogra desconfiada como Theresa Goldring envolvidas no assunto, acho que tem muito.
- Exigiram que a despedisse?
- Não, não. Na realidade, não apresentaram qualquer sugestão concreta nesse sentido. Imogene era uma - excelente secretária, muito competente, mas tinha certos hábitos, certos...

Bertha inclinou-se para a frente e cravou o olhar no engenheiro de vendas.

- Que explicação tão descabida! Quero ouvir a verdade.
- discuti com ela ontem, pouco antes de eu e o

sargento Sellers o procurarmos. Notei que tinha os olhos vermelhos de chorar. Foi nessa altura que lhe anunciou a intenção de a despedir, hem?

- Bem, não...

- *Sei* que - discutiram. Se lhe revelou que a despedia, *antes* de eu aparecer, isso ajudava-me a deitar por terra a chantagem a que ela pretende sujeitar-me. Preciso de demonstrar que não foi despedida em virtude do que eu - disse.

- Posso garantir-lhe que não foi mesmo.

- Costuma pôr na rua as secretárias sem qualquer motivo?

- Mas havia um motivo. Tento explicar-lhe...

- E eu tento averiguar a verdade - retorquiu ela, voltando a reclinar-se na poltrona, com uma expressão de desespero. - Farta-se de falar e não revela coisa alguma.

- Para lhe ser franco, houve vários factores que influíram na minha decisão. Hesito um pouco, porque não consigo destacar um em particular e afirmar que exerceu uma influência determinante. No entanto, ela tinha consciência - excessiva dos seus atributos físicos. Quem entrasse no escritório e a visse, ficaria logo a pensar... Enfim, sabe ao que me refiro.

- Não sei, e parece que o senhor também não.

- Além disso, era indiscreta.

- De que modo?

- Divulgou elementos que devia conservar secretos.

- Finalmente, parece que chegamos a algum sítio.

Que divulgou?

- Bom, não me agrada falar no assunto.

- Mas agrada-me a mim. Já que me envolveu nesta embrulhada, compete-lhe safar-me dela. Que divulgou?

- Foi indiscreta.

- Esta conversa parece um carrossel. Voltamos constantemente ao ponto de partida. Se não veja. Foi indiscreta.

Porquê? Porque divulgou elementos que devia conservar secretos. Que divulgou? Foi indiscreta. Porque

foi indiscreta? Tinha consciência - excessiva dos seus atributos físicos. Que há de indiscreto nos atributos físicos?

Quem nos ouvisse, pensaria que ainda não nos internaram no manicómio por falta de vagas. Continue. Talvez

acabe por dizer alguma coisa que faça sentido.

283

: -Foi por causa do que revelou a minha sogra - murmurou Belder, com relutância.

- *Agora* é que chegamos a algum sítio. Siga.

- Comunicou-lhe que eu tencionava pagar parte da indemnização a Nunnely com o dinheiro que obteria de Mabel e era por esse motivo que a procurava.

- Que havia de mal nisso?

- Assim que se inteirasse de que eu pretendia satisfazer parte da indemnização, a Sr.a Goldring interferiria no assunto, por uma questão de princípio. Depois, trataria de envenenar o espírito da filha, convencendo-a de que o meu interesse nela era puramente financeiro.

- Porque não - disse a sua sogra aquilo que lhe recomendei? Acalentava a esperança de que sua mulher não o tivesse abandonado, mas, se tal acontecesse, havia mais mulheres no mundo.

- Neste caso, não resultaria, Sr.a Cool. O conselho parecia muito sensato no seu escritório, mas quando cheguei a casa e enfrentei a Sr.a Goldring...

- Por outras palavras: aceitou o meu conselho, mas não o seguiu.

- Mais ou menos.

- Bem, voltemos à sua secretária. Deu com a língua nos dentes junto de sua sogra e o senhor descobriu-o. Como?

- *Como?* No momento em que a Sr.a Goldring se pôs a barafustar como uma possessa, acusando-me de o meu interesse por Mabel ser unicamente de natureza material.

- Isso passou-se antes da descoberta do corpo de Sally Brentner?

- Claro.

- Quando?

- Pouco antes do encerramento do escritório, na tarde de quarta-feira. E depois de ser bombardeado com improperios pela noite fora, não fiquei com - disposição para ternuras com Miss Dearborne.

- Portanto, quinta-feira de manhã, após uma noite em claro, chegou aqui enfurecido e colocou Imogene entre a espada e a parede?

- De certo modo.

- Sabia que o sargento Sellers o visitaria, nessa manhã?

- Sim. „
- E sugeriu que a entrevista se efectuasse aqui e não em sua casa?
- Exacto. Queria evitar que minha sogra me arrasasse também a paciência por causa de Dolly Cornish.
- Assim, antes de aparecermos, chamou Imogene e pôs-se a desancá-la?
- Sim, talvez a admoestasse com rispidez.
- Que lhe - disse?
- Que divulgara uma informação que devia conservar secreta.
- Como reagiu ela?
- Alegou que apenas pretendia acalmar a Sr.a Goldring e lhe parecera a melhor maneira de enfrentar a situação.
- Continue.
- Adverti-a de que me julgava suficientemente capaz de resolver os meus problemas sem colaborações que não solicitara.
- Que aconteceu a seguir?
- Emitiu qualquer comentário que considerei impertinente e descontrolei-me. Afirmei que a sua indiscrição me colocara numa posição delicada.
- Quais foram as palavras exactas que empregou?
- Estava um pouco exaltado e...
- Quais foram?
- Acusei-a de não passar de uma linguareira.
- E?...
- Nessa altura, começou a chorar.
- Continue. Não posso estar para aqui a arrancar-lhe as palavras a ferros. Que se passou a seguir? Ela pôs-se a chorar e despediu-a?
- Não. Retirou-se sem proferir palavra e, daí a instantes, ouvi-a escrever à máquina.
- Nessa altura, seguiu-a e...
- Não.
- Que fez, então?
- Fiquei aqui sentado, até que a senhora e o sargento Sellers chegaram.
- Porque não a despediu imediatamente?
- Porque ainda não **estava decidido a fazê-lo. Exaltara-me e queria ponderar o assunto com calma.**

285

- Mas *tencionava* pô-la na rua logo que lho pudesse anunciar sem provocar uma cena violenta?
- Não estou muito certo - disso. Para dizer a verdade, não sabia exactamente o que devia fazer.
- Decerto que não queria que continuasse a trabalhar para si.
- Bem, tinha a vaga impressão de que a culpa, em parte, também fora minha.
- Com a breca! Preciso de traçar um diagrama para que abarque a situação.
- Receio não compreender, Sr.a Cool.

- Basta-lhe admitir que tencionava despedi-la por
! causa dessa indiscrição e não o fez antes de eu e Sellers
chegarmos, porque aguardava que ela acalmasse, a fim
de evitar uma cena desagradável. Por conseguinte, esperou
que nos retirássemos e anunciou-lhe que prescindia
dos seus serviços. Se prestar declarações nesse sentido,
ficará esclarecido que Imogene não foi despedida em
resultado de algo que eu - disse. Está a perceber?

- Sim, creio que descortino a faceta legal da
questão.

- Nesse caso, não percamos tempo com palavreado
inútil.

- Mas embora compreenda a *faceta legal*, não lhe
posso ser prestável.

- Que quer dizer com isso?

- Nessa altura, não tinha decidido despedir Miss
Dearborne. Só mais tarde tomei essa resolução.

- Está bem. - Bertha soltou um suspiro de resignação. -
No entanto, posso contar com as suas declarações
no sentido de que trocaram algumas palavras
azedas...

- De modo algum!

- O quê?

- Nem pensar nisso. Haviam de me perguntar porque
a admoestara, e se constasse no tribunal que tudo
se devia a uma inconfidência dela a minha sogra, esta
nunca me perdoaria. Não, Sr.a Cool, não lhe posso ser
útil. Se me interrogassem, teria de negar tudo.
Ela pôs-se de pé num movimento brusco, fitou o interlocutor
com uma expressão apoplética e rugiu:

- Abóbora! - E encaminhou-se para a saída.

CAPÍTULO XI

UMA QUESTÃO DE MALÍCIA

Roger P. Drumson, sócio mais antigo da firma Drumson, Holbret and Drumson, concluiu a leitura da acusação e olhou Bertha Cool por cima dos óculos.

- Depreendo que a contrataram para descobrir o autor dessas cartas. - dispunha de motivos razoáveis para supor que foi a demandante?

- Sim.

- Ótimo. Quais eram?

- Cheguei à conclusão de que foram escritas por uma dactilógrafa experiente num modelo portátil. Por outro lado, sabia que Imogene Dearborne escrevera uma mensagem para o patrão na mesma máquina.

- Como o descobriu?

- Comparando a letra.

- Não é isso. Como descobriu que foi ela?

- Confessou-o.

- Diante de testemunhas?

- Sim.

- Antes de a senhora formular esta acusação?

- Sem dúvida. Certifiquei-me do terreno que pisava antes de lançar a bomba.

- Foi um movimento muito hábil, Sr.a Cool - reconheceu o advogado, com um sorriso de aprovação. - Segundo entendi, forneceu a informação aos interessados, animada de máxima boa-fé.

- Exactamente.

- Esplêndido! - Voltou a concentrar-se na acusação, enrugou a fronte e fitou Bertha com ar de censura.

- Chamou-lhe víbora?

- Sim.

- Isso é mau.

- Porquê?

- Implica malícia.

- Não compreendo.

- A lei faculta certas imunidades a uma pessoa que proceda de boa-fé e sem malícia, como deve fazer um ser humano razoável. Por outras palavras: determinadas comunicações são consideradas privilegiadas, por assim

dizer, aos olhos da lei. No entanto, para beneficiar de semelhante privilégio, essa pessoa deve provar que tudo o que - disse se revestia de boa-fé e estava isento da malícia. Ora, se bem entendi a situação, a senhora é uma detective particular, à qual Everett Belder recorreu para, entre outras coisas, apurar a identidade do autor de determinadas cartas anónimas. Suspeitou de que tinham sido escritas por uma tal Imogene Dearborne, o que constituiu um erro, mas honesto, como qualquer pessoa poderia cometer. - Drumson fez uma pausa, enquanto Bertha aquiescia com um movimento de cabeça. - Por conseguinte, a sua comunicação podia considerar-se privilegiada, desde que não contivesse malícia.

- Claro que não continha. Eu nem sequer conhecia a rapariga.

- Então, *porque* lhe chamou víbora?

- Foi apenas uma expressão.

- Ora, ora... -articulou ele, com uma expressão de censura paternal.

- Na altura, assistia-me o direito de agir baseada nas minhas deduções. Não é verdade que ela não me pode dirigir essas acusações?

- Conforme, Sr.a Cool. As suas deduções deviam ser *razoáveis*, baseadas numa investigação de todos os indícios. Se bem entendi, - disse que a culpada era, afinal, Sally Brentner?

- Sim.

- Como o descobriu?

- A Polícia é que chegou a essa conclusão.

- Como?

- A segunda carta indicava que a autora vira o que se passava no gabinete de Belder e a Polícia decidiu que o fizera do consultório de um dentista, situado no prédio em frente.

- Porque não procedeu a senhora a essas diligências?

Na minha opinião, era o método mais lógico para desmascarar a culpada.

- Pensei que não havia necessidade - admitiu

Bertha.

- Porquê?

- Supus que - dispunha de elementos suficientes.

- Nesse caso, descurou propositadamente esse pormenor.

288

- Não creio que fosse de propósito.
- Por outras palavras: não lhe ocorreu na altura.
- Bem...
- Tem de revelar *todos* os factos ao seu advogado, Sr.a Cool, de contrário não poderei servir os seus interesses da melhor maneira.
- O sargento Sellers insistiu nisso, mas repliquei que não havia necessidade.
- Francamente, Sr.a Cool! - A voz de Drumson deixava transparecer profunda incredulidade. - A Polícia sugeriu a conveniência de explorar essa pista perfeitamente razoável e lógica, e não só rejeitou a ideia como
- dissuadiu as autoridades de a explorar e, *ainda por cima*, acusou Imogene Dearborne?
- Posta nesses termos, a questão assume um aspecto pouco agradável.
- São os termos que o advogado da parte contrária empregará. - Abanou a cabeça num gesto de desalento.
- Isso é mau, Sr.a Cool. Muito mau.
- Porquê?
- Significa que se negou a efectuar uma investigação e não - dispunha de motivos *razoáveis* para formular a acusação. Ora, isso implica malícia, o que, por sua vez, a priva da imunidade da comunicação privilegiada.
- Fala como se fosse o advogado da parte contrária.
- Se pensa isso, espere até o ouvir. Quanto à expressão de opróbrio... Qual foi?... Ah, sim, *víbora*...
- víbora!* Porque lhe dirigiu semelhante epíteto?
- Porque é o vocábulo mais suave para descrever aquela grandíssima...
- Sr.a Cool! - explodiu Drumson. Deixou transcorrer um par de segundos e prosseguiu: - A questão da malícia é uma das mais importantes do pleito. Se quer ganhar o processo, tem de ficar estabelecido que não a animava a mínima malícia contra a demandante. De futuro, quando se lhe referir, classifique-a de uma jovem - respeitável possuidora de carácter moral irrepreensível
- É natural que ela labore em erro, mas no tocante ao seu carácter, pode considerar-se um modelo de virtude. De contrário, Sr.a Cool, *isto vai custar-lhe dinheiro*. Compreende?
- Mas quando falo consigo não posso dizer a verdade?

14 - V, G. GARDNER 10
289

- Quando fala comigo, com os seus amigos ou mesmo consigo própria, deve empregar termos que se possam repetir em toda a parte, no que diz - respeito àquela jovem. Mesmo que se limite a usar expressões indesejáveis em pensamento, poderá proferi-las inconscientemente num momento inoportuno. Portanto, repita comigo: «Essa jovem é uma pessoa - respeitável.»
- É uma pessoa - respeitável - ecoou Bertha, acrescentando Entre dentes: - O diabo que a carregue!
- E tenha cuidado de se lhe referir sempre dessa forma.
- Farei o possível, se acha que assim pouparei dinheiro.

- Passemos às testemunhas. Quem são?
 - Everett Belder e...
 - Um momento. Trata-se da pessoa que a contratou?
 - Sim.
 - Quem mais estava presente?
 - O sargento Sellers.
 - Da Polícia?
 - Exacto.
 - Ótimo. Não havia outras pessoas, além da demandante?
 - Carlotta Goldring, cunhada de Belder.
 - Também era sua cliente?
 - Não.
 - Que fazia ali?
 - Abriu a porta e entrou.
 - Não me diga que formulou a acusação diante de Carlotta Goldring!
 - Não sei com exactidão se o fiz antes ou depois de ela entrar.
 - Porque não aguardou que saísse? Se se tratava virtualmente de uma estranha, a mais elementar prudência devia impedi-la de formular qualquer acusação na sua presença. Não podemos invocar uma comunicação privilegiada, no que se refere a essa Carlotta Goldring.
 - Não o fiz, porque só tinha em vista cumprir a missão de que me haviam incumbido - declarou Bertha, irritada. - Vocês, advogados, só pensam nos processos. Se uma pessoa tentasse exercer a sua actividade dentro do rigoroso espírito da lei, nunca conseguiria nada.
 - Lamento dizer-lho, Sr.a Cool, mas foi indiscreta.
- 290 - . *

. Drumson voltou a menear a cabeça. - E não pode minimizar essa falta censurando a lei ou atribuindo as culpas aos advogados. Prevejo um pleito particularmente difícil. Devo exigir um sinal de quinhentos dólares, para vermos o que se pode fazer. Essa quantia cobrirá os preliminares até ao momento do julgamento. Nessa altura, poderá entregar uma remuneração suplementar, se não conseguirmos anular a acusação antes...

- Quinhentos dólares?! - repetiu ela, arregalando os olhos.
- Precisamente, Sr.a Cool.
- *Essa agora! Quinhentos dólares!* ;
- Quinhentos dólares, Sr.a Cool.
- Não embolsei mais de cinquenta com todo o trabalho que tive.
- Creio que não está a compreender. Não é o que recebeu como honorários que interessa, mas o facto de, neste momento, se achar a contas com um pedido de indemnização de cem mil dólares. Eu e os meus sócios *talvez* saíamos vitoriosos. Não prometo nada, mas... Bertha levantou-se e pegou no documento de cima da secretária.
- Deve estar doido, se pensa que vou largar quinhentos dólares.

- Mas se não fizer alguma coisa no prazo de dez dias após a recepção da contrafé...
 - Como se procede para negar que se deve uma soma dessas?
 - Interpõe-se aquilo a que chamamos uma «réplica», refutando as acusações formuladas na contrafé.
 - Quanto cobra por redigir uma dessas réplicas?
 - Só por isso?
 - Sim.
 - Não lho aconselho, Sr.a Cool.
 - Porquê?
 - Há algumas passagens da acusação muito ambíguas. Tudo indica que o documento foi redigido apressadamente. Penso que se acha exposto a uma - excepção especial e até a uma - excepção geral.
 - O que é uma - excepção?
 - Um documento apresentado ao tribunal em que se apontam deficiências na acusação.
 - Que acontece depois de se apresentar?
- 291

- discute-se.
 - O outro advogado está presente? ;
 - Naturalmente.
 - Que sucede a seguir?
 - Se o nosso ponto de vista for bem exposto, o juiz aprova a - excepção.
 - E ganhamos o processo?
 - Isso, não. A outra parte tem dez dias para rectificar a acusação.
 - E ficar mais convincente?
 - Sim, até certo ponto. É a maneira de um leigo se exprimir.
 - Suponho que tudo isso custa dinheiro.
 - Sem dúvida. Tenho de obter compensação do tempo consagrado ao assunto. Foi por esse motivo que sublinhei que o sinal de quinhentos dólares cobria o caso até...
 - Por que carga de água hei-de pagar quinhentos dólares a um advogado para ir dizer ao outro advogado que redija uma acusação mais convincente?
 - Não compreende, Sr.a Cool. Persiste em encarar o assunto como um leigo. A aprovação de uma - excepção tem vantagens tácticas.
 - Quais?
 - Permite ganhar tempo.
 - Que se lucra com ganhar tempo?
- Drumson exibiu um sorriso que pretendia ser condescendente, mas denunciava uma réstia de desconforto.
- Preocupa-se com pormenores acima da sua compreensão, Sr.a Cool.
 - Que se lucra com ganhar tempo? -olveu ela, em inflexão autoritária.
 - Examinamos o caso mais minuciosamente.
 - E eu continuo a pagar o tempo que isso lhe consome, claro.
 - Necessito de obter uma compensação material do meu esforço.
 - Resumindo: pago-lhe para indicar ao outro advogado que redija a acusação de forma mais convincente, para que o senhor me exija mais dinheiro pelo tempo suplementar envolvido. Ao diabo com tudo isso! Os seus conhecimentos de Direito não chegam para atacar o pleito na fase actual?
- 292

- Decerto. Se...
- Então, por que demónio precisa de mais tempo para um exame minucioso? Se não é capaz de se ocupar do assunto, diga-o de uma vez que irei bater a outra porta.
- Escute, Sr.a Cool. Não está a...
- Deixe-se de paleio inútil. Estou-me nas tintas para as - excepções. Só me interessa apresentar uma réplica, para que aquela víbora saiba com quem se meteu.
- *Por favor*, Sr.a Cool! Como seu advogado, peço-lhe

que não qualifique a demandante de víbora.
- Não passa de uma cadela interesseira! - vociferou Bertha. - Uma hipócrita de falas melífluas.
- Assim, compromete irremediavelmente as possibilidades de ganhar o processo.
- Sabe tão bem como eu o que ela é.
- Vou dizer-lhe uma coisa de uma vez por todas, Sr.a Cool. Se *pensar* sequer na demandante desse modo, - exceder-se-á no tribunal e deitará tudo a perder. Essas suas palavras revelam malícia. Como seu advogado, aconselho-a a adquirir o hábito de se lhe referir como se fosse uma jovem - respeitável, de contrário arrepender-se-á.
- Então, tenho de a deixar atirar-me essa acusação à cara e continuar a gostar dela?
- Interpretou mal as suas palavras, ofendendo-se sem motivo. Como se trata de uma pessoa impulsiva, o seu advogado quer aproveitar uma situação invulgar para cobrar uma quantia avultada. No entanto, a demandante é uma jovem a todos os títulos - respeitável, e a senhora deve habituar-se a essa ideia.
Bertha encheu os pulmões de ar e perguntou:
- Quanto custa?
- Redigir uma réplica e nada mais? !
- Sim.]
- Para tal, necessitamos de ter uma - discussão pré-liminar sobre os factos envolvidos e... !
- Quanto? [
- Bem, digamos setenta e cinco dólares. !
- Só para redigir uma réplica? Aposto que arranjo alguém que o faça por...
- Mas primeiro temos de analisar os factos. ;
- Qual história! Só me interessa uma réplica que
293

chame mentirosa àquela grandessíssima... àquela - respeitável jovem.

- Nessas circunstâncias, talvez vinte e cinco dólares - admitiu Drumson, com visível relutância. - Mas a minha firma declina toda e qualquer - responsabilidade sobre o pleito no seu conjunto. Nem desejamos que o nosso nome figure nele. Redigiremos uma réplica, que a senhora assinará, figurando como *in própria persona*.
- Como quê?
- É uma expressão legal que significa que uma pessoa se apresenta sem advogado.
- Serve. Redija lá a réplica. Assiná-la-ei e representar-me-ei legalmente. Gostava de a ter em meu poder segunda-feira de manhã, para não voltar a pensar no assunto.

Ele acompanhou-a com o olhar enquanto se encaminhava para a porta e, em seguida, suspirando, premiu o botão para chamar a estenógrafa.

CAPITULO XII

A TERCEIRA CARTA

O sargento Sellers empertigou-se na cadeira rotativa

do seu gabinete na Central da Polícia e acolheu Bertha Cool com um sorriso.

- Está com um aspecto estupendo. É verdade que Imogene Dearborne lhe moveu um processo?

- A grandessíssima... -começou ela, mas interrompeu-se com abruptidão.

- Continue. - O sorriso do detective alargou-se. - É natural que já tenha ouvido todo o seu vocabulário. Desabafe.

- Venho do consultório do meu advogado, que me convenceu de que todo o epíteto desagradável pode representar malícia. Portanto, trata-se de uma jovem - respeitável.

Impetuosa, sem dúvida, mas uma atraente cadela de virtude indiscutível.

Sellers inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

Em seguida, puxou de um charuto, enquanto

Bertha extraía um cigarro da bolsa, e estendeu-lhe um fósforo aceso.

- Estamos a adquirir boas maneiras - comentou ela.
 - Conhecemos os deveres convencionais de um anfitrião - replicou o sargento, com jovialidade. - Simplesmente, na maioria das vezes, ignoramo-los. - Que quer que faça acerca de Imogene Dearborne?
 - Que pode fazer?
 - Muita coisa.
 - Não compreendo.
 - Prestou colaboração valiosa no caso relativo ao cego, e nunca o esquecerei. A Polícia não perdoa aos inimigos, nem esquece os amigos. Ora, aquela rapariga exige uma indemnização por pretensas ofensas à sua reputação. Portanto, esquadriharemos o seu passado com um pente fino e desencantaremos factos que a farão gemer de pavor. Depois, você poderá incumbir o seu advogado de informar o dela, e estou certo de que retirará a queixa.
 - O meu advogado sou eu própria, e não me venha dizer que arranjei uma insensata para cliente.
 - Que ideia foi essa de prescindir de representante legal?
 - O meu advogado habitual queria quinhentos dólares de sinal e ainda teve o arrojo de deixar transparecer que exigiria mais dinheiro na altura do julgamento.
 - Deixe-me falar com ele. Talvez consiga moderar-lhe a sofreguidão.
 - O problema já foi solucionado.
 - Ele vai representá-la?
 - Não. Encarreguei-o de redigir uma réplica por vinte e cinco dólares. A partir daí, as coisas correm inteiramente por minha conta.
 - Então, deixe-me investigar o passado de Imogene. Quem se apressa a mover um processo a uma pessoa em face de um insulto banal pode ter alguma coisa na sua vida que não deseje ver ventilada.
 - Demónios a levem - resmungou Bertha. - Se lhe ponho as mãos em cima, esbofeteio-a até a deixar a dormir. A grandíssima... jovem - respeitável!
 - Compreendo o que sente - admitiu Sellers, sorrindo.
 - Que descobriu sobre a morte de Sally Brentner?
 - Penso que foi homicídio.
 - Não estava já convencido - disso?
- 295

- Agora, há indícios mais positivos. A autópsia indica que morreu devido a envenenamento de óxido de carbono. Cravaram-lhe a faca no corpo, uma ou duas horas mais tarde.
 - Há alguma pista?
- O sargento hesitou por um momento, como se ponderasse se devia elucidar a interlocutora, e declarou com abruptidão:
- Foi obra de um homem.
 - Não pode ter sido a mulher de Belder?
 - Já a eliminei da lista dos suspeitos.

- Porquê?
- Por causa da faca.
- Que tem de especial?
- Uma criada não descasca batatas com uma faca de vinte e cinco centímetros.
- Claro que não.
- Uma mulher saberia isso, ao passo que um homem não. Ou Sally morreu acidentalmente e alguém tentou simular que se tratava de um acidente, receando que lhe atribuísem a culpabilidade, ou procurou encobrir um homicídio.
- Quem a poderia assassinar?
- Everett Belder, por exemplo - aventou Sellers, sorrindo.
- Isso sim!
- Nunca se sabe. É verdade: reapareceu o gato de Mabel.
- Não me diga! Quando?
- Ontem à noite.
- A que horas?
- Por volta da meia-noite.
- Foi Belder que o deixou entrar?
- Não. A Sr.a Goldring ouviu-o miar e abriu-lhe a porta. O bichano parecia bem alimentado, mas continuou a miar pela noite fora, percorrendo a casa, como se não a reconhecesse.
- Talvez sentisse a falta da dona.
- É possível. - Nesse momento, o telefone tocou e o detective levantou o auscultador. - Sim? - Estendeu-o a Bertha. - É para si, do seu escritório.
Ela pegou no telefone e ouviu Elsie Brand exprimir-se

no tom abafado de quem procura ser - discreto colando os lábios ao bocal:

- O Sr. Belder está farto de telefonar. Diz que precisa de lhe falar imediatamente.
- Que se vá matar - replicou Bertha, jovialmente.
- Parece que chegou outra carta.
- E não tem coragem para tomar uma decisão, hem?
- Mais ou menos.
- Que se arranje como puder.
- Outra coisa... Aguarde um momento, por favor.

Vou ao seu gabinete ver se encontro o que acaba de me pedir.

Enrugou a fronte e compreendeu que a rapariga inventava um pretexto para se libertar da presença de um cliente, pelo que aguardou até ouvir um estalido e de novo a voz de Elsie, mais nítida:

- Está lá fora uma mulher que lhe quer falar. Não se identificou, mas garantiu que poderia arrecadar uma quantia elevada se contactasse com ela sem demora.
- Como é ela?
- Aparenta quarenta anos, elegante, com uma expressão capaz de se tornar dura em caso de necessidade.

Usa chapéu com um pequeno véu que lhe encobre os olhos. Diz que não pode esperar.

- Sigo já para aí.
- Que digo a Belder? Não tarda a telefonar mais uma vez.
- Sabe perfeitamente o que lhe pode dizer, Elsie.
- O negócio vai de vento em popa, hem? - observou Sellers, quando Bertha pousou o auscultador.
- Assim-assim.
- Merece uma réstia de sorte.
- Muito agradecida. Até à vista.

O sargento aguardou que ela fechasse a porta, voltou a pegar no auscultador e perguntou:

- Gravaram a conversa de Bertha com a recepcionista? Ótimo. Transcrevam-na e tragam-ma... Não, deixem-na ir. Não quero que se enforque na sua própria corda, mas podemos conceder-lhe certa liberdade de movimentos... Não, também não convém que interceptemos a carta de Belder. Não vamos assumir a - responsabilidade de a abrir. Deixemos Bertha encarregar-se - disso e depois tratarei de a obter.

297

CAPÍTULO XIII

:: SIMPLES, MAS MUITO IMPORTANTE

A mulher que se levantou quando Bertha abriu a porta do escritório parecia, à primeira vista, atraente, com um corpo que ainda se acomodaria perfeitamente no vestido de noiva e talvez até no que usara na festa do termo do curso liceal. Apenas os olhos, parcialmente

- dissimulados pelo véu, denunciavam a idade verdadeira, sem dúvida não inferior aos quarenta anos.

- É a Sr.a Cool?

- A própria.
- Pareceu-me, pela maneira como abriu a porta.
Corresponde à descrição que ouvi.
Bertha inclinou a cabeça, lançou um olhar interrogativo a Elsie, que acenou afirmativamente de modo quase imperceptível, e conduziu a mulher para o seu gabinete.
- Deu o nome e morada à minha secretária?
- Não.
- É um costume da casa.
- Compreendo. :
- E então?
- O nome e morada podem **ficar para depois. Para** já, o que interessa é saber se **pode aceitar determinado** encargo.
- De que natureza?
- Trabalha para o Sr. Belder?
- *Trabalhei.*
- Há algum assunto pendente que necessite de solucionar?
- Não estou - disposta a - responder a essa pergunta
- declarou Bertha, enrugando a fronte. - Pretende que faça alguma coisa oposta aos interesses dele?
- Não. Pelo contrário, penso que favorece os seus interesses.
- Nesse caso, porque pergunta?
- A *senhora* Belder pode não gostar.
- Isso não me preocupa.
- Penso que é a pessoa lógica para fazer o que pretendo, Sr.a Cool. - A desconhecida fez uma pausa. -
Julgo que ele lhe falou na família: a sogra e Carlotta. -
298

Aguardou que Bertha aquiescesse com um movimento de cabeça, e acrescentou: - Conhece-as?

- Apenas de vista.

Os olhos negros da mulher pareciam querer perfurar os de Bertha. Apesar do véu, esta viu a claridade da janela reflectir-se neles, como se fossem de granito incandescente...

- Sou a mãe de Carlotta.

- Hum...

- Agora, compreende porque devo permanecer na penumbra até ter a certeza de que fará o que lhe peço.

- Em que consiste?

- Primeiro, quero que compreenda a minha posição.

- Antes que principie a consumir o meu tempo, preciso que compreenda a minha.

- Em que sentido?

- Trabalho para ganhar a vida. O dinheiro é a mola real deste género de actividade. Não posso descrever um caso mal sucedido, inscrever o meu nome no verso, entregá-lo no banco e aumentar com ele a minha conta.

- Compreendo perfeitamente.

- Se se trata de um problema desses, não me interessa.

- De acordo.

- Nesse caso, prossiga.

- É essencial que compreenda a minha posição, repito, e as razões que a motivam.

- Muito bem.

- Sei que é uma mulher competente e eficiente.

Sr.a Cool. Sinto-me um pouco embaraçada em - discutir...

Para dizer a verdade, a atmosfera do seu gabinete não me parece a mais apropriada para abordar pormenores românticos.

- O tipo de romances que passam por esta loja são sórdidos a mais não poder - asseverou Bertha. - Esposas que procuram provas de infidelidade, mulheres empenhadas em obter indemnizações, maridos desejosos de «escolher a liberdade», etc.

- É natural.

- Suponho que pretende falar da personalidade irresistível do sedutor que é pai de Carlotta.

- Eu é que fui a sedutora - murmurou a mulher, com um leve sorriso sardónico.

299

- Começa a interessar-me.

- Não a procurei para invocar falsidades.

- Ainda bem.

-Na minha mocidade, era aquilo a que convencionou chamar-se uma alma rebelde. Revoltava-me contra as aulas e as convenções e chamava mentirosa a minha mãe quando tentava convencer-me da existência do Pai Natal. Nunca me explicou os factos da vida. Quando me julgou suficientemente preparada, eu podia revelar-lhe coisas em que nem sequer sonhava. Gradualmente, apercebeu-se da situação e teve um desgosto profundo. Considero

importante que encare o caso na sua devida perspectiva, Sr.a Cool.

- Creio que assimilei o suficiente.

- Duvido. Eu não era uma adolescente com fome de rapazes ou uma personalidade indisciplinada. No fundo, não passava de um corpo jovem possuidor do espírito curioso do adulto. A hipocrisia e falsa modéstia que caracterizavam os actos dos outros incomodavam-me. Gostava de correr riscos. Na realidade, ansiava pela - excitação, imergir em toda a vida que se podia viver. Depois, surgiu Carlotta. Quando me certifiquei do meu estado, não fiquei aterrorizada. Apenas curiosa e um pouco surpreendida por essas coisas também me acontecerem.

Saí de casa e fui trabalhar para outro estado. Antes do nascimento de Carlotta, entrei em contacto com uma instituição, mas recusei-me a assinar a papelada legal para que minha filha pudesse ser adoptada. Sabia que não a poderia manter, no entanto dominava-me uma intensa sensação de posse. Pertencia-me e seria sempre minha, quaisquer que fossem as circunstâncias. Lembre-se que isto aconteceu quando não era fácil arranjar trabalho, e passei fome em numerosas ocasiões.

- Também sei o que é passar fome - afirmou Bertha.

- Agora, vou dizer algo acerca das convenções.

Embora continue a pensar que se baseiam na hipocrisia e na falsidade, representam o modo de vida convencional, as regras segundo as quais o jogo se deve praticar. Quem as viola, ludibria a Civilização e não tarda a perder a arrogância, principiando a fazer concessões, e convertendo-se num oportunista.

- Se pretende justificar-se aos meus olhos, não

perca tempo. Desde que - disponha de dinheiro, farei aquilo de que me incumbir.

- Queria que abarcasse bem a situação, Sr.a Cool.

- Creio que a abarco com clareza. Mas como se explica que a Sr.a Goldring adoptasse sua filha, se não assinou a documentação necessária?

- É aí que pretendia chegar.

- Então, continue.

- Há vinte anos, ela já era uma mulher calculista e persistente. Dirigiu-se à instituição onde deixavam os bebés para adopção, numa altura em que havia mais procura que oferta. A Sr.a Goldring tivera uma filha, a actual mulher de Everett Belder, e estava impossibilitada de ter mais. Decorridos alguns anos, quis que essa filha tivesse uma irmã e, quando pensava que necessitaria de esperar muito tempo, viu Carlotta. As empregadas da instituição revelaram-lhe que ultimamente eu suspendera o pagamento das mensalidades, mas continuava a não querer assinar a autorização para que fosse adoptada.

- Que fez a Sr.a Goldring?

- Ou as obrigou a violar uma das regras da instituição ou, e parece-me o mais provável, conquistou-lhes a confiança e aproveitou a oportunidade para se apoderar da documentação de Carlotta.

- Sim, é muito capaz - disso - admitiu Bertha.

- Depois, obrigou-me a assinar a autorização.

- Obrigou? Como?

- Como lhe - disse, quando uma pessoa começa a desafiar as convenções, perde a noção das limitações. De resto, uma mulher não pode lutar contra o mundo sozinha. Não interessa que a opinião pública tenha ou não razão. Quem a enfrenta, por muito poderoso que seja, acaba por ficar afectado. Alguma vez teve de lutar com um homem alto e possante, Sr.a Cool?

- Que me recorde, não.

- Pois eu já. Enfrentar a opinião pública é mais ou menos a mesma coisa. Limita-se a cair-nos em cima com todo o seu peso e esmagar-nos. Nem precisa de se mover.

- Entendido. Enfrentou a opinião pública e foi derrotada.

Vincou o seu ponto de vista devidamente.

- A imagem a que recorri explica como a Sr.a Goldring me obrigou a assinar a autorização para que adop-

301

tasse minha filha. Encontrava-me na penitenciária. Devo reconhecer que agiu com a maior limpeza. Foi uma forma de chantagem extremamente delicada. Na prisão, não - dispunha de fundos para sustentar minha filha e ela podia proporcionar-lhe um lar com todo o conforto. Os meus sonhos de, um dia, viver com a Carlotta e fazê-la esquecer os tempos que passara na instituição evaporaram-se. Devia cumprir uma pena de cinco anos, mas fui indultada, embora não o pudesse prever.

- Que crime cometeu?
- Para lhe falar com franqueza, Sr.a Cool, não é da sua conta.
- Não se preocupe com isso. Também gosto de ser franca, acima de tudo. Que pretende de mim?
- Lembre-se que tenho as mãos atadas - proferiu a mulher, comprimindo os lábios num sorriso malicioso.
- Fiz uma promessa solene à Sr.a Goldring.
- Não compreendo.
- Conserva o meu passado como uma arma para me impedir de tomar uma iniciativa. Carlotta ficaria profundamente chocada, se soubesse que a mãe esteve internada numa penitenciária. Sem isso, eu podia aparecer em cena e tentar recuperá-la. De momento, desfruto de uma posição material mais desafogada que a Sr.a Goldring, a qual consumiu praticamente o dinheiro do seguro recebido por morte do marido.
- Como conseguiu passar de presidiária para uma posição desafogada?
- Receio ter de usar de franqueza, uma vez mais.
- Bem sei que não é da minha conta, mas conseguiu despertar-me o interesse.
- Sim - articulou a mulher secamente. - Vejo que os pormenores financeiros lhe interessam mais que os românticos.

Bertha ponderou estas palavras por um momento e concedeu:

- Penso que tem razão.
- A Sr.a Goldring só poderia competir comigo financeiramente se recebesse uma herança. E a única maneira de tal acontecer consiste na morte da filha, deixando testamento em que lhe legasse tudo o que possui. Sei que foi redigido um testamento dessa natureza e que ela desapareceu.

302

- Que quer dizer com «desapareceu»?
- Praticou um homicídio e pôs-se em fuga. Acabará por ser capturada, e a - excitação provocada por tudo isso poderá afectar-lhe o coração assim. - E a mulher deu um estalido com os dedos, para ilustrar a celeridade de passamento da Sr.a Belder. - Compreende a posição em que semelhante desenlace me colocaria. A Sr.a Goldring herdaria o dinheiro da filha, que utilizaria para conservar Carlotta.
- Mas o afecto de Carlotta pode comprar-se?
- Não se faça inocente, Sr.a Cool. Ela não é dessa espécie, mas, por outro lado, não se pode considerar estúpida. Encaremos a situação deste modo. Sou a mãe, com um passado pouco recomendável, susceptível de a levar a repudiar a minha pretensão à sua estima. Suponho que entende a minha posição nesse aspecto?

- Sem dúvida.
- Ora bem. A Sr.a Goldring esbanjou todo o dinheiro que recebeu e não tomou quaisquer providências para o futuro, à parte um eventual casamento com um homem abastado. Carlotta atingiu a idade em que começa a compreender a importância de escolher a pessoa apropriada para marido. Para tal, uma mulher tem de frequentar os círculos sociais em que esses indivíduos se encontram. Por outro lado, a Sr.a Goldring deve sofrer um colapso financeiro total dentro de trinta dias, ficando praticamente na penúria. A súbita compreensão dessa catástrofe não deixará de abalar Carlotta, sobretudo ao admitir a perspectiva de transitar da prosperidade para a indigência, por assim dizer.
- Tem a certeza de que a posição da Sr.a Goldring é tão grave como a pinta?
- Absoluta. Inteirei-me minuciosamente. Ela veio de São Francisco expressamente para se avistar com Mabel e induzi-la a separar-se do marido e passarem a viver as três juntas... com as despesas a cargo da filha.
- Carlotta não preferiria trabalhar a passar fome?
- é natural que acabasse por seguir esse rumo. No entanto, tem vivido num meio em que as pessoas se interessam mais pelo golfe, ténis e equitação do que pelo trabalho e uma situação estável. Tentou uma ou outra colocação, de vez em quando, só para experimentar a sensação.

- Então, parece que a derrocada lhe fará bem - opinou Bertha.
- Sem dúvida, e é essa a minha esperança. Pensa que assisti com satisfação ao desenvolvimento de minha filha em semelhante ambiente? Acompanhei as suas actividades atentamente nos últimos cinco anos, atormentada por não poder intervir. Mas lembre-se do seguinte. No momento em que reconhecer que a Sr.a Goldring não passa de uma inútil, que se limitou a fazê-la viver uma existência artificial, a mãe natural poderá surgir em cena para lhe oferecer um lar e as vantagens de uma situação desafogada.
- Pode proporcionar-lhe tudo isso?
- Decerto.
- E conviver com as pessoas que lhe convêm?
- Exacto.
- Elas conhecem o seu passado?
- Evidentemente que não.
- : - Mas a Sr.a Goldring não o ignora.
- Pois não.
- Talvez as elucidasse, se Carlotta passasse a viver consigo.
- É possível.
- Não parece muito convencida.
- Eu trataria de tomar medidas para o evitar.
- De que espécie?

A mulher exibiu novo sorriso sardónico antes de frisar:

- Lembremo-nos de que vim para solicitar os seus serviços e não para me sujeitar a um interrogatório sobre a minha vida particular.
- Continue--indicou Bertha, dominando a irritação.
- De facto, sou - excessivamente curiosa.
- Sob vários aspectos, a Sr.a Goldring foi uma boa mãe para Carlotta. Noutros, procedeu de forma particularmente insensata. É uma vaidosa e ambiciosa, empenhada em encontrar um marido, utilizando o mesmo engodo com que atraiu o primeiro. Tenho larga experiência da vida, Sr.a Cool. As mulheres dos anos quarenta, cinquenta e mesmo sessenta que conquistaram os melhores partidos engordaram, depois de enviuar, e desfrutam o seu dinheiro sem o desejo de voltar a casar. As que passam fome com dietas Inconcebíveis, simulam a viva-

cidade de uma jovem e aparentam timidez nunca conseguem nada.

- Muito interessante. Onde pretende chegar com isso?

- Ao facto de que a Sr.a Goldring não passa de uma insensata. Esbanjou o dinheiro do seguro, convencida de que o podia investir na procura de segundo marido. Cobriu-se de roupas - dispendiosas, tratamentos de beleza, apartamentos luxuosos, etc. Se quiser, até lhe posso revelar os pormenores sórdidos.

- Os pormenores sórdidos sempre me interessaram.

- Em vez de investir os vinte mil dólares do seguro de uma forma prudente, decidi gastar quatro mil anuais durante cinco anos, julgando que arranjaría marido nesse lapso de tempo. Por outro lado, e devo reconhecê-lo, foi generosa para com Carlotta, sobretudo porque tinha de lhe proporcionar uma situação condizente com a sua. Apesar do limite que se impôs, despendeu sete mil dólares no primeiro ano, viajando com frequência, na esperança de encontrar o homem que lhe convinha nos meios de transporte mais sofisticados. Talvez o conseguisse, se não cometesse um erro comum a muitas mulheres.

- Qual?

- Apaixonou-se por um que não desejava casar com ela e lhe levou grande parte do dinheiro. Quando despertou para a realidade, a Sr.a Goldring redobrou os esforços para reconquistar a mocidade perdida, mas a sofreguidão levou-a a desperdiçar as poucas oportunidades que se lhe depararam. Agora, encontra-se a trinta dias da miséria.

Na realidade, já esgotou todos os fundos que possuía e, ultimamente, tem-se governado com expedientes desesperados, aproveitando o crédito de que ainda beneficia em vários lugares. Deslocou-se a Los Angeles para convencer Mabel a abandonar Belder e passar a viver com ela e Carlotta, custeando todas as despesas, claro.

- Está muito bem informada.

- Preocupei-me em estar ao corrente de tudo o que diz - respeito ao bem-estar de Carlotta.

- Onde entro eu em cena? Que pretende de mim, exactamente?

- Parece pouquíssimo, mas reveste-se de uma importância vital.

- Muito bem. Ouçamos de que se trata.

20 - V. G. GARDNER 10
305

- Preciso de determinada informação.

- Não é uma necessidade inédita, nesta casa - observou Bertha, com uma ponta de ironia.

A mulher sorriu, abriu a bolsa, extraiu uma carteira volumosa pegou numa nota de cinquenta dólares, que colocou em cima da secretária.

- Como vê, pago adiantadamente.

- Para quê? - inquiriu Bertha, acariciando o dinheiro com os olhos e voltando a concentrar-se na interlocutora.

- Informação.

- De que género?
- Quero saber o nome do barbeiro de Everett Belder.
- Do *barbeiro*?
- Exacto.
- Mas para quê?
- Essa razão não lhe basta? - A mulher apontou para os cinquenta dólares.
- Não sei se - disporei de tempo para a comprazer - volveu Bertha, semicerrando as pálpebras. - De momento, procedo a determinadas diligências para Belder. Um instante, que vou lá fora consultar a cópia do recibo que lhe entreguei, para verificar a extensão do que me pediu.
- Diga antes que pretende incumbir alguém de me seguir, quando abandonar este escritório. Creio que nos entendemos perfeitamente. Tem aí o dinheiro e, em troca, espero inteirar-me do nome do barbeiro de Belder.
- Mas para que o quer?
- Para que me corte o cabelo. Espero que considere esta visita absolutamente confidencial, Sr.a Cool. A partir do instante em que pegar nos cinquenta dólares, torno-me sua cliente e abster-se-á de divulgar a minha visita a quem quer que seja, de contrário acusá-la-ei de conduta imprópria de uma profissional. Entendido?
- Onde posso contactar consigo?
- Ligue para este número. - A mulher colocou um pedaço de papel ao lado da nota de banco. - Eu própria atenderei. Boa tarde.
O telefone tocou no momento em que ela se levantava e Bertha pegou no auscultador.
- Está aqui Everett Belder - anunciou Elsie Brand, em voz baixa.
306

- Belder acaba de chegar - informou Bertha, cobrindo o bocal com a mão.
A expressão de contrariedade que surgiu no rosto da mulher era bem visível, apesar do véu.
- Devia ter um gabinete com uma saída secreta. Sr.a Cool.
- Então procure um e mudar-me-ei imediatamente para lá. Posso dizer à minha recepcionista que o mande voltar dentro de um quarto de hora.
- Pensando melhor, é preferível assim. Aceita o dinheiro ou não?
Bertha hesitou por uns segundos e acabou por recolher a nota de cinquenta dólares.
A mulher esboçou um sorriso e abriu a porta, para atravessar a sala em direcção ao corredor.
Everett Belder lançou-lhe um olhar indiferente e avançou apressadamente para o gabinete de Bertha.
CAPÍTULO XIV
UM CHÁ INTERROMPIDO
Visivelmente - excitado, Belder sentou-se diante de Bertha Cool e anunciou:

- Consegui arranjá-lo.
- O quê?
- Lembra-se de lhe falar numa rapariga que ajudei a colocar-se em São Francisco?
- Mais uma mulher? - observou ela, enrugando a fronte.
- Não. Falei-lhe na existência desta, quando leu a sua carta.
- A que o trata por Sindbad?
- Exacto.
- E então?
- Vai safar-me deste aperto.
- Como?
- Empréstimo-me dinheiro para pagar a indemnização. Conseguiu economizar dois mil e trezentos dólares do salário elevado que lhe pagam e prometeu emprestar-mos. Obtere os restantes duzentos sem dificuldade. Pode fechar o negócio com Nunnely.

- Como entrou em contacto com ela, pelo telefone?
- Não. Veio a Los Angeles em serviço, telefonou-me e procurei-a no hotel. O dinheiro encontra-se na Caixa Económica de São Francisco, mas ela já solicitou a transferência. Penso que poderemos solucionar o assunto amanhã, por volta das dez da manhã.
- Não haja dúvida de que as mulheres abundam na sua vida.
- Que quer dizer com isso?
- Exactamente o que ouviu.
- Não sei aonde pretende chegar, mas esta jovem não faz parte da minha vida.
- Ela, talvez não, mas dois mil e trezentos dólares que lhe pertencem.
- Isso é diferente.
- Sem dúvida. Que barbeiro frequenta?
- Hem?
- Que barbeiro frequenta?
- Não... não compreendo a finalidade da pergunta.
- Nem eu - confessou Bertha. - É só para saber.
- Que interesse pode isso ter?
- Muito, possivelmente. Vai sempre ao mesmo?
- Sim.
- Qual?
- O Salão Terminal, perto do local de partida e chegada dos autocarros *Pacific Greyhound*.
- Há muito que o frequenta?
- Sim. Continuo a não compreender porque mo pergunta.
- Suponho que não faz segredo - disse?
- Claro que não.
- Não vê inconveniente em revelar onde corta o cabelo?
- Sem dúvida que não. Que significa isto? Endoideceu, ou sou eu que não regulo bem?
- Queria apenas certificar-me de que não havia qualquer segredo envolvido. Tem negócios ou coisa do género com o proprietário da loja?
- Não.
- Ou qualquer interesse financeiro na firma?
- Também não. Importa-se de me explicar a razão da sua insólita curiosidade?

- Procuo descobrir a importância que pode ter o local onde corta o cabelo.

- Nenhuma, quanto a mim.

- Muito bem. Parece que chegou mais uma carta. Belder deixou transparecer súbito desespero e hesitou, como se quisesse dar a entender a Bertha que ponderava se devia mostrar-lhe a carta ou bater em retirada. Por fim, extraiu um sobrescrito fechado da algibeira e estendeu-lho.

- Quando chegou? - perguntou ela, examinando-o com curiosidade.

- Na - distribuição das três da tarde.

- Sua sogra também viu esta?

- Ela e Carlotta, que está sempre em cima do acontecimento.

- O tipo de letra é o mesmo, destina-se a sua mulher e contém a indicação *Pessoal e confidencial*». - Bertha levantou a voz: - Elsie! - Vendo que a rapariga não ouvia, pegou no telefone e indicou: - Ponha a chaleira ao lume, que chegou nova carta. - Pousou-o e voltou a examinar o sobrescrito. - Tenho de arranjar outro folheto de propaganda do peleiro, para colocar cá dentro.

- Não pode ser de qualquer outro género?

- Claro que não. Se a sua sogra vir dois sobrescritos com as palavras *Pessoal e confidencial* e um contiver um anúncio de um peleiro e o outro um convite para contribuir para a Cruz Vermelha, desconfiará imediatamente.

- Tem razão - admitiu Belder. - Não pensei nessa possibilidade.

- Que há de novo lá por casa?

- De novo, nada. Continua a balbúrdia. Polícias por todos os lados, minha sogra a chorar com insistência, Carlotta a vigiar-me os movimentos...

- Porquê?

- Não faça a mínima ideia. Porque se interessa pelo meu barbeiro?

- Parece preocupado com isso - comentou Bertha, acendendo um cigarro.

- De modo algum. É simples curiosidade.

- Porque hesitou, antes de me revelar qual era?

- Não havia motivo algum para tal.

- Então, porque esteve com rodeios?

- É impressão sua. Queria apenas descobrir o que se ocultava por detrás da pergunta.
- Mera curiosidade. Como se chama essa rapariga que entra com o dinheiro?
- Mamie Rosslyn.
- Que faz?
- Dirige o departamento publicitário de uma importante rede de estabelecimentos de São Francisco. Ocupa mesmo uma posição invejável.
- Que diz Dolly Cornish de tudo isto?
- Do quê?
- Explicou-lhe que Rosslyn contribui com grande parte da indemnização?
- Não. Para quê?
- Porque não?
- Não descortino qualquer motivo para o fazer.
- Quanto tempo tenciona permanecer em Los Angeles?
., -Dolly Cornish?
-Não, Mamie Rosslyn.
- Segue no comboio desta noite e envia o dinheiro por via telegráfica, amanhã. Era por isso que lhe queria falar, Sr.a Cool. Contacte com Nunnely, para que não mude de ideias. É necessário que solucionemos o caso da indemnização até amanhã ao meio-dia, o mais tardar. Nesse momento, Elsie Brand abriu a porta, para anunciar:
- A água está a ferver.
- Bem. - Bertha levantou-se com lentidão e suspirou.
- Lá vamos violar o regulamento postal, mais uma vez.
A chaleira emitia uma densa coluna de vapor sobre o fogão eléctrico, que a rapariga colocara em cima da secretária, cujo tampo protegera com uma volumosa revista.
Bertha, segurando o sobrescrito entre o polegar e o indicador, aproximou-se da chaleira, ao mesmo tempo que indicava por cima do ombro:
- Feche a porta à chave, Elsie. - E inclinou-se, a fim de colocar a carta sob a acção do vapor.
De súbito, a rapariga pareceu dominada por intenso pavor e precipitou-se velozmente para a porta, em cujo

310

vidro despolido acabava de se projectar uma silhueta de ombros largos e charuto inclinado num ângulo inverosímil. No momento em que Elsie pousava a mão no puxador, a porta abriu-se, para dar passagem ao sargento Sellers, que contemplou com curiosidade a cena composta por Bertha Cool, indignada, e Everett Belder, consternado, em torno da secretária de Elsie, que se encostara à parede, aterrorizada.
- Que ideia foi essa? - perguntou com uma expressão inocente. - Não queriam que entrasse?
- Ia fechar o escritório - balbuciou a rapariga. -
A Sr.a Cool está cansada e não quer receber ninguém.

- E, segundo vejo, preparavam-se para tomar chá - comentou o detective.
- Sim. - A aquiescência de Elsie foi demasiado rápida e entusiástica para resultar convincente. - Aliás, costumamos tomá-lo todas as tardes.
- Ótimo. Contem com mais um. Pode fechar a porta, Elsie.
- Vocês, polícias, são todos iguais - resmungou Bertha. - O cheiro da comida e da bebida atrai-os como moscas.
- Isso é verdade - admitiu Sellers. - Só que não sabia que também havia comida. Pensei que se limitavam a tomar chá. Tanto melhor. Aposto que nos vai servir daqueles saborosos biscoitos com recheio. - Apontou para o fogão. - Olhe que a água se evapora toda. Traga o chá.
- Onde está, Elsie? - perguntou Bertha, sem se desconcertar.
- Que maçada... Gastámos ontem o último e esqueci-me de o comprar hoje.
- Que cabeça a sua! É a segunda vez que isto acontece em menos de uma semana.
- Lamento imenso, Sr.a Cool, mas...
- Não se preocupem - interveio o sargento, sorrindo.
- Vão buscar as chávenas e os pires, que eu talvez tenha aqui dois ou três pacotes de chá.
- Costuma estar prevenido para as emergências?
- Exacto, Bertha. Venham as chávenas e os pires.
- Pensando melhor, já não me apetece. Aliás, tenho uma dor de cabeça que nem vejo e...

- Está bem - atalhou ele. - Mas mostre-me as chávenas e os pires. Onde os guarda?

- Já lhe - disse que não me apetece tomar chá.

- Eu sei, mas tenho interesse em vê-los.

- Então, contente-se com o interesse. Assim que acabar de atender o Sr. Belder, fecho a loja e vou para casa.

- Nesse caso, não perca tempo.

- Obrigada, mas os assuntos dos meus clientes são confidenciais.

- Com que então, não há chávenas nem pires, hem?

A Sr.a Goldring comunicou-me que chegou nova carta dirigida à Mabel Belder. Se porventura veio parar aqui, espero que ma entreguem, pois pode constituir um elemento valioso.

- Com que direito pretende confiscá-la? - retorquiu Bertha. - Se se destina à Sr.a Belder... Ainda há leis para - respeitar, neste país.

- Cautela com a tensão arterial - atalhou Sellers.

- Já que falou em leis, que se preparava para fazer?

- Chá! E não me diga que existe uma lei contra isso.

- As posturas municipais incidem em coisas que muitas vezes nem suspeitamos. Por exemplo, as refeições e as bebidas só podem ser servidas nos locais devidamente autorizados e...

- Penso que posso servir uma chávena de chá a um cliente sem ter de obter uma licença de restaurante.

- Se o faz todos os dias, com regularidade, não me surpreenderia nada que necessitasse de se munir de uma autorização especial. - Virou-se para Belder. - Se recebeu mais uma carta anónima e se se preparavam para a abrir por meio do vapor da chaleira, contem com mais um espectador.

- Como se atreve a invadir o meu escritório e?... - explodiu Bertha.

- Que faria no meu lugar, depois de se inteirar do aparecimento de mais uma das misteriosas cartas?

- Desisto! - Ergueu os olhos numa expressão de desalento. - Assista à sessão, já que está tão interessado.

- Assim é que procedem os cidadãos conscientes do seu dever - articulou Sellers, gravemente. - No fundo, Belder, protejo-o de sua sogra. Não lhe falei na

segunda carta. A propósito: ela pensa que você tinha uma ligação com Sally Brentner e se cansou dela ou constituía um empecilho para se atirar a outra amante. Está convencida de que a liquidou e começou a suspeitar de que fez o mesmo a sua mulher.

- O quê? - bradou Belder. - Eu, matar Mabel!

Santo Deus! Daria a mão direita para saber onde se encontra neste momento. A Sr.a Cool pode dizer-lhe que tenho em vista um acordo para...

- Cale-se! - ordenou Bertha. - Ele pretende obrigá-lo a falar.

- Porque não há-de falar? - perguntou o sargento.

- Oculta alguma coisa?

- Quem tem possibilidade de ocultar seja o que for, enquanto você meter o nariz em tudo? Quero apenas evitar que ele diga o que não deve, sob pena de um certo detective que conhecemos ir badalar tudo à Sr.a Goldring.

- De facto, fiz asneira em tentar sondá-lo na sua presença, Bertha. Devia levá-lo para um local onde você não pudesse interferir.

- Não sei até que ponto um cidadão tem de suportar as prepotências da Polícia - proferiu Belder, irritado.

- Mais do que pensa - replicou Sellers, imperturbável. -

Sobretudo aqueles cujas mulheres desaparecem pouco depois de antigas namoradas, possuidoras de dinheiro, os visitarem. Nem faz ideia do número de esposas que «desaparecem» simplesmente ou vão passar uma temporada em casa de parentes e não regressam. Não pense que pretendo acusá-lo de coisa alguma. A minha missão consiste apenas em proceder a investigações. Foi sua sogra que formulou a acusação.

- Lá está ele outra vez - advertiu Bertha. - Não se deixe embalar, Belder. Bem, abramos a carta, para vermos o que diz.

Retirou o sobrescrito de entre uns documentos sobre a secretária, aproximou a parte colada do vapor da chaleira e utilizou a ponta de um lápis para afastar gradualmente a que se sobrepunha.

- Admirável - comentou Sellers. - Revela longa prática.

-- Acho que devo ser o primeiro a ler - declarou Belder. - Pode conter alguma passagem...

Todavia, o sargento acercou-se com prontidão e arran-

cou a carta da mão de Bertha, antes que esta o pudesse evitar.

- Para que é essa sofreguidão? - grunhiu ela. -

Bem, leia-a lá.

- Estou a ler.

- Em voz alta.

No entanto, ele limitou-se a sorrir e acabou por guardar a carta na algibeira, desinteressando-se do sobrescrito, que colocou em cima da secretária. Em seguida, sacudiu a cinza do charuto calmamente no cinzeiro, levou dois dedos à aba do chapéu numa saudação irónica e retirou-se.

- Isto é o cúmulo, Sr.a Cool! - - exclamou Belder. - Comprometeu tudo, do princípio ao fim. Se seguisse minha mulher com a eficiência devida, conheceríamos com exactidão o seu destino. Confiei-lhe uma carta pessoal e deixou-a ir parar às mãos da Polícia. Trago-lhe outra, susceptível de nos fornecer elementos importantes, e permite que lha arranquem. Fiz mal em recorrer a uma detective. O sargento Sellers não dominaria um homem com essa facilidade.

Contudo, ela parecia alheia ao que a rodeava, imersa em reflexões, e permaneceu silenciosa enquanto Belder se encaminhava para a saída e desaparecia no corredor.

- Pouca sorte - murmurou Elsie, meneando a cabeça. - No fundo, a culpa não foi sua.

- Então, é *isso!* - proferiu Bertha, repentinamente.

- O quê?

- Pensam que Belder matou a mulher e ele passou aquela manhã no barbeiro. Recordo-me do dia em que apareceu aqui. Fazia frio e ele vestia sobretudo e não se barbeara. Separámo-nos diante de sua casa e, quando cheguei ao seu escritório, tinha a barba feita, unhas tratadas e cabelo aparado. É por isso que aquela mulher quer conhecer o nome do barbeiro. Trata-se do único álibi de Belder, e se apresentar algum ponto vulnerável... Sem completar a frase, precipitou-se para o seu gabinete, a fim de pegar no chapéu e na bolsa.

314

CAPÍTULO XV ;?

O SOBRETUDO ESQUECIDO

O Salão Terminal era uma barbearia de sete cadeiras, onde de momento apenas havia três empregados em actividade. Bertha entrou, contemplou a cena por uns segundos, abarcando os seis homens que aguardavam a sua vez, e perguntou:

- Onde está o proprietário?

- Foi comer qualquer coisa - informou um dos empregados.

- Costuma almoçar a esta hora?

- Só agora conseguiu uns minutos livres. Olhe: vem aí.

Bertha voltou-se para o homem que acabava de entrar e, ignorando os olhares de curiosidade dos clientes que

esperavam, mostrou-lhe um bilhete-de-visita.

- Onde podemos conversar durante cinco minutos?

- Não tenho tempo - alegou o barbeiro, olhando as cadeiras ocupadas. - Luto com falta de pessoal e...

- Apenas cinco minutos - insistiu ela. - Acho preferível conversarmos onde não nos possam ouvir.

- Está bem. - O outro emitiu um suspiro de resignação.

- Acompanhe-me.

Dirigiram-se para um pequeno compartimento onde se viam diversos casacos e sobretudos pendurados em cabides suspensos de um varão de ferro que se prolongava por todo o compartimento de uma das paredes.

- De que se trata? - perguntou o homem, tirando o chapéu.

- Conhece Everett Belder?

- Sim, tem o escritório no Edifício Rockaway. É um cliente antigo.

- Esteve cá na última quarta-feira?

- Quarta-feira... - Enrugou a fronte numa expressão pensativa. - Sim, e serviu-se praticamente de

tudo o que podemos proporcionar à clientela: corte de cabelo, tratamento das unhas, massagem facial e polimento dos sapatos.

- Quanto tempo demorou tudo isso?

O barbeiro despiu o casaco e o colete, colocou-os

315

cuidadosamente num cabide, e principiou a enfiar a bata azul-clara.

- Cerca de noventa minutos.

- Lembra-se da hora exacta?

- Sim. Ele não gosta de esperar, pelo que costuma aparecer nos períodos de menor movimento. Eram onze e meia da manhã. Fazia frio intenso e trocámos impressões sobre o tempo. Entretanto, surgiu o sol, que

- dissipou o nevoeiro, e ele deixou cá o sobretudo.

É aquele. Ainda não o veio buscar, apesar de eu pensar que se tinha esquecido e lhe telefonar a preveni-lo. Porque investiga os seus movimentos?

- Não se trata - disse - afirmou Bertha. - Pelo contrário, pretendo ajudá-lo.

- Ele contratou-a?

- Isso não interessa. Esteve cá alguém a fazer perguntas do género?

- Não.

- Talvez apareça.

- Agora me recordo de ler no jornal que houve qualquer problema em sua casa. A criada caiu da escada da cave e matou-se, não foi?

- Mais ou menos.

- As suas perguntas relacionam-se com isso?

- Que relação pode haver entre a hora a que chegou aqui e a queda da criada?

- Nenhuma, sem dúvida - admitiu o barbeiro, abotoando a bata. - Nada mais lhe posso dizer sobre a visita de Belder.

Encaminharam-se para a sala contígua, e, quando se preparava para transpor a saída, Bertha declarou:

- Deixei ficar a bolsa lá dentro. - E retrocedeu

para o cubículo, enquanto o barbeiro chamava um dos clientes que esperavam.

Certificando-se de que não a podiam ver, tratou de revistar as algibeiras do sobretudo que o homem apontara.

Na esquerda, havia um lenço e uma carteira de fósforos parcialmente consumida. Na direita, depararam-se-lhe um par de luvas e um estojo de óculos, que se apressou a abrir. No entanto, em vez dos óculos, continha uma placa dentária de ouro com dois dentes.

Acto contínuo, pegou na bolsa, que deixara propositadamente em cima de uma mesinha, guardou nela o estojo e dirigiu-se para a saída da barbearia.

CAPITULO XVI

UM CADÁVER NUM AUTOMÓVEL

O trânsito do fim da tarde começava a intensificar-se, quando Bertha Cool enveredou pelo bulevar, ao mesmo tempo que observava o velocímetro. Uma vez no cruzamento em que perdera de vista o carro da Sr.a Belder travou e tentou recordar o procedimento dela a partir daquele ponto.

Em seguida, avançou até à esquina imediata, tornou a imobilizar o veículo e olhou para a esquerda e a direita. De repente, apercebeu-se de um pormenor que anteriormente não notara. Os quarteirões que se estendiam por ambos os lados não apresentavam qualquer solução de continuidade, com transversais de acesso ao bulevar. Bertha conduziu o carro para junto do passeio e procedeu a um cálculo rápido. Se o automóvel da Sr.a Belder prosseguisse em frente, ela não deixaria de o avistar quando surgira do bulevar. Se cortasse para qualquer dos lados em que havia quarteirões prolongados, não - disporia de tempo para desaparecer antes de Bertha alcançar o cruzamento.

Desprezando a possibilidade de se haver - dissipado na atmosfera e abarcando a importância daquilo que até então se lhe afigurara uma mera perseguição de rotina, tentou determinar um indício susceptível de lhe revelar o que na realidade acontecera.

De um recanto da memória, brotou a vaga recordação de que se achava alguém junto da porta de uma garagem, no momento em que ela surgira do bulevar, e persuadiu-se de que se situava algures no lado esquerdo da rua.

A segunda casa a partir da esquina - 709 da Avenida North Harkington - pareceu-lhe a mais indicada, e Bertha apeou-se, para tocar à campainha. Aguardou quinze segundos, e como não obtivesse - resposta repetiu a operação, com idêntico resultado.

Em seguida, afastou-se da porta para observar o edifício, e verificou que os estores se encontravam descidos e havia certa acumulação de lixo nas proximidades da entrada.

Olhando em redor, avistou uma garota de oito ou nove anos e um rapaz mais ou menos da mesma idade, que brincavam num quintal do outro lado da rua, pelo que resolveu interrogá-los.

- Sabem quem mora naquela casa? - perguntou, apontando.

- O senhor e a Sr.a Cuttring - informou a rapariga.

- Parece que não estão - volveu Bertha.

A garota hesitou e o companheiro apressou-se a intervir:

- Foram de férias durante dez dias.

- A mãe - disse que não falássemos nisso - lembrou a rapariga. - Se os ladrões sabem que não está ninguém em casa, assaltam-na.

- Constou-me que queriam alugar a garagem - observou Bertha, com um sorriso tranquilizador. - Sabem alguma coisa a esse - respeito?

- Não. Têm carro e levaram-no.

- Obrigada. Já agora, vou dar uma espreitadela, uma vez que a querem alugar.

Retrocedeu, agora mais confiante, e percorreu o caminho alcatroado que dava acesso à garagem, enquanto as crianças se desinteressavam dela e continuavam a brincar.

Experimentou o puxador da porta, convencida de que estaria fechada à chave, e verificou com admiração que cedia à pressão da mão.

Avistou o carro imediatamente, cujos contornos lhe pareceram vagamente familiares. Desviando os olhos para a chapa da matrícula, certificou-se de que era o da Sr.a Belder.

Aproximou-se com lentidão, mas necessitou de um ou dois minutos para adaptar a vista à penumbra.

De início, pareceu-lhe que o automóvel se achava desocupado. Todavia, quando abriu a porta do lado direito e tentou sentar-se ao volante, o pé encontrou resistência.

Entretanto, os olhos haviam-se habituado à ténue iluminação produzida pelos últimos raios solares que se filtravam pela entrada e viu um corpo humano que deslizara

318

do banco. No instante imediato, acudiu-lhe às narinas o cheiro nauseabundo característico da morte.

Após breve hesitação, Bertha foi acender a luz e verificou que o cadáver apresentava o casaco de xadrez e os óculos escuros que ela se recordava de ter visto na Sr.a Belder. Ao mesmo tempo, detectou no chão do carro um pedaço de papel cujo texto fora dactilografado com a mesma *Remington* portátil das cartas anónimas.

Devo percorrer o Bulevar Westmore e, se descobrir que me seguem, fingirei que não me apercebo e atravessarei

o cruzamento da Avenida Dawson, no momento em que a circulação esteja interrompida pela luz vermelha. A seguir, cortarei à esquerda e entrarei na Avenida North Harkington, até atingir o número 709, que fica no segundo quarteirão a contar da avenida. A porta da garagem estará aberta e devo entrar, sair do carro, fechar a porta e voltar a sentar-me ao volante, conservando o motor ligado, até ouvir buzinar três vezes. Nessa altura, tornarei a abrir a porta e farei marcha atrás. É imperioso que siga estas instruções à letra. M. B.

Bertha largou o papel, - respirou fundo, inclinou-se para o cadáver e entreabriu-lhe os lábios. Como calculava, faltavam dois dentes do maxilar inferior direito, do lado dela. O espaço correspondia à placa que encontrara no estojo de óculos.

Por fim, abandonou a garagem, cuja porta fechou, e encaminhou-se para o seu carro quase nas pontas dos pés, empenhada em envolver os seus movimentos no máximo sigilo.

De súbito, porém, as vozes das duas crianças que brincavam nas proximidades levaram-na a soltar uma imprecação. Como cometera a imprudência de as interrogar, agora não podia deixar de prevenir o sargento Sellers.

- Tenho uma sorte dos demónios! - grunhiu, abrindo a porta do carro com um movimento brusco.

CAPÍTULO XVII

DIABÓLICO E ENGENHOSO

- Diga ao sargento Sellers que não posso esperar mais - indicou Bertha ao polícia uniformizado. - Tenho muito que fazer. - Vendo que ele se limitava a sorrir, continuou: - Retêm-me aqui há mais de duas horas. Ele sabe onde me pode encontrar, se precisar de alguma coisa.
- O sargento está ocupado. Não o posso interromper com recados banais.
- Isto não é um recado banal. Palavra, que me vou embora.
- Ordenaram-me que não a deixasse sair.
- Tenho de continuar aqui, só porque descobri um cadáver?
- - discuta isso com Sellers.
- Não obrigaram a Sr.a Goldring a esperar.
- Estava com um ataque de histerismo. De resto, só a chamámos para identificar o corpo.
- E eu nem para isso sou necessária! Sellers já concluiu a investigação na garagem.
- Não sei.
- Que apuraram quanto à causa da morte?
- Também não sei.
- Parece haver muita coisa que ignora.
- Não digo o contrário.
- O que é que sabe?
- Que me mandaram vigiá-la, para que não saísse.
- . Por fim, a porta abriu-se para dar passagem a Sellers, que fez um breve sinal ao polícia e sorriu a Bertha.
- Como vai isso?
- Não podia ir melhor! - rugiu ela.
- Como soube que ela estava morta? - perguntou o sargento, sentando-se atrás da secretária.
- Pela temperatura do corpo, quando pousei a mão na fronte. De resto, o cheiro da decomposição bastava para me elucidar. Apesar - disso, fartei-me de a chamar em altos gritos, e nada! Finalmente, - disse para os meus botões: «Querem ver que está morta!»

- Não é isso. Como soube **que estava morta; antes** de entrar na garagem?
 - Não fazia a mínima ideia.
 - Então, porque entrou?
 - Desagrada-me perder de vista uma pessoa que sigo.
 - Compreendo. Quando perde uma pessoa na quarta-feira ao meio-dia, volta ao local na sexta ao pôr do Sol e recomeça a perseguição no ponto em que a interrompeu. o
 - Não foi nada - disse.
 - Que foi, nesse caso?
 - Resolvi investigar o local.
 - Arranje uma explicação mais convincente.
 - Assistia-me o direito de a procurar.
 - Como sabia que a perdeu nesse ponto exacto?
 - Deixei de a ver quando voltou naquela esquina.
 - Porque não procedeu à inspecção do local nessa altura?
 - Pensei que tinha seguido até à esquina seguinte e cortado à direita.
 - O que a levou a mudar de ideias?
 - Continuei até à esquina seguinte, vi que não voltara à direita e cortei a esquerda.
 - Diz que viu que não voltara à direita?
 - Exacto.
 - Como chegou a essa conclusão?
 - Quando fiz menção de virar à direita, a rua estava deserta. Pareceu-me impossível que tivesse tempo de contornar o quarteirão.
 - Portanto, mudou de ideias e cortou à esquerda
 - Sim.
 - Mas essa rua também estava deserta.
 - Decerto.
 - E, seguindo o mesmo raciocínio, se ela não - dispôs de tempo para cortar à direita e contornar o quarteirão, também não o podia fazer virando à esquerda.
 - Foi por isso que voltei para investigar.
 - Muito bem. - Sellers fez uma pausa, com um sorriso amável. - Quando emitir comentários sarcásticos sobre o tempo que a Polícia tarda a aceitar uma ideia, lembre-se que os melhores detectives particulares
- 21 - V. G. GARDNER 10**
321

precisam de dois ou três dias para chegar a conclusões simples. Como lhe ocorreu procurar nessa garagem?

- Descobri que havia quarteirões duplos em ambos os lados da rua e fiquei com a certeza de que ela não podia ter atingido a outra esquina e regressado ao bulevar. Portanto, desaparecera pelo caminho.
- Anteriormente não se apercebeu do pormenor dos quarteirões duplos?
- Para ser franca, não - confessou Bertha, com uma ponta de embaraço. - Pareceu-me que se tratava de uma perseguição de rotina.

- Porquê?
- Fiquei com a impressão de que só se revestia de importância para Belder, que supunha um vulgar marido desconfiado das actividades da mulher.
- Se não concentrava a atenção no caso, como podia ter reparado nos quarteirões duplos.
- Estava fula. Comigo mesma e com a mulher que conseguira escapar-se-me, depois de fingir que não se apercebera da minha presença.
- Não inspeccionou as garagens, na quarta-feira?
- Não. Limitei-me a lançar uma olhadela aos caminhos de acesso, pensando que ela podia ter deixado o carro num deles e entrado em qualquer das casas.
- Se o deixara num dos caminhos, porque não numa garagem?
- Não sei. Na altura, não me ocorreu.
- Mais uma ideia que levou três dias a germinar?
- Chame-lhe o que quiser.
- Viu o papel que estava no chão do carro? -
Vendo que ela hesitava, o sargento insistiu: - Sim ou não?
- Sim.
- Tocou-lhe?
- Sim.
- Leu-o?
- Li. Isto é, lancei-lhe uma olhadela fugaz, como acontece nesses casos.
- Sim, como acontece nesses casos.
- Com a breca! - explodiu Bertha. - Julgava **que** não olharia em volta, depois de descobrir uma mulher morta?

- Sabe perfeitamente que não gostamos que mexam nessas coisas, por causa das impressões digitais.

- Precisava de me certificar de que estava morta.

- Era aí que pretendia chegar. Perdeu-a de vista quarta-feira, não foi?

- Sim, por volta do meio-dia.

- E encontrou-a ao fim da tarde de sexta-feira, estendida no chão do carro e exalando o cheiro característico da decomposição, como afirmou. Apesar - disso, pegou no papel e leu-o, para se convencer de que estava morta.

- Bem, eu...

- Continue.

- Sabia lá o que dizia? Podia tratar-se de uma mensagem importante. Alguma coisa que ela desejasse que se fizesse.

- Para regressar à vida?

- Deixe-se de sarcasmos.

- Há duas - excelentes impressões digitais nesse papel e palpita-me que pertencem a uma certa Bertha Cool.

- Sinto muito.

- Também eu.

- Foi óxido de carbono?

- Tudo indica que sim.

- Que concluiu?

- Uma armadilha muito bem imaginada. Alguém escreveu cartas anónimas à mulher, até lhe despertar um interesse hipnótico. Coloque-se no lugar dela. Possuía todo o dinheiro da família e talvez gostasse de o conservar. Os elementos recolhidos indicam que, como esposa, tinha mais utilidade para o marido na qualidade de depositária dos seus bens do que de alvo de afecto. É possível que quisesse lavar as mãos de tudo aquilo e ficar com o máximo do dinheiro. No fundo, não a podemos censurar. Belder, como homem válido e activo, teria possibilidades de voltar a amealhar fundos, ao passo que ela procuraria outro companheiro e, se não o encontrasse, enfrentaria a habitual rotina da esposa separada do marido, com os fundos a tornarem-se cada vez mais escassos e o tempo a prosseguir na sua marcha inexorável.

- Pretende fazer-me chorar? - interrompeu Bertha, secamente.

- Não, obrigá-la a pensar.

- Explique-se.

- Tento encarar a situação do ponto de vista de Mabel Belder. Ou melhor, da maneira como a mãe lhe moldou o espírito.

- Julga que a Sr.a Goldring estava ao corrente das intenções da filha?

- Apurámos que, terça-feira à tarde, tiveram uma conversa telefónica. Depois, por volta das seis e meia, a Sr.a Goldring telegrafou a prevenir da chegada a Los Angeles e para que a filha a fosse esperar.

- De que falaram?

- A Sr.a Goldring começou por se mostrar reticente, mas acabei por conseguir que mo revelasse. Mabel comunicou-lhe que recebera uma carta, segundo a qual o marido tinha relações ilícitas com uma mulher que trabalhava em sua casa como criada. A mãe aconselhou-a a desinteressar-se de tudo e abandonar Belder, mas Mabel não se sentia muito inclinada para essa decisão, alegando que o dinheiro na realidade não lhe pertencia e deviam estabelecer um acordo. Em face - disso, a Sr.a Goldring enfureceu-se e resolveu meter-se no comboio da noite, para se ocupar do assunto pessoalmente e provocar uma confrontação violenta.

- Mabel recebeu o telegrama?

- Sim, e Carlotta estava presente quando lho entregaram. Os registos da companhia telegráfica indicam que foi transmitido pelo telefone e Mabel pediu que o repetissem, para se certificar da hora da chegada do comboio. Depois, informou Carlotta e combinaram ir à estação. Everett Belder desconhecia por completo a borrasca que se lhe preparava. Naquela noite, Mabel pediu-lhe que levasse o carro à estação de serviço, na manhã seguinte, para encher o depósito e verificar o estado dos pneus, e o deixasse à entrada de casa às onze.

- Um momento - atalhou Bertha. - Ela só saiu de casa às onze e vinte e dois da manhã seguinte. O comboio não chegava antes dessa hora?

- Às onze e um quarto, mas sofreu um atraso e chegou muito mais tarde.

- Como se explica que Carlotta e Mabel não seguissem para a estação juntas?
- Carlotta tinha que fazer no centro da cidade e Mabel gostava de se levantar tarde, pelo que combinaram encontrar-se na estação. Podemos admitir que ela telefonou a indagar se o comboio vinha atrasado. O ponto curioso no meio de tudo isto é que começaram por anunciar que vinha à tabela e depois que era esperado ao meio-dia e um quarto. Se Mabel só saiu de casa às onze e vinte e dois, decerto não tencionava estar ocupada muito tempo até à hora do comboio, que afinal apenas chegou à uma.
- «Carlotta saiu de casa por volta das nove, fez algumas compras na área comercial da cidade, chegou a estação cerca das onze, e, depois de se inteirar de que a chegada estava prevista para o meio-dia e um quarto, quis telefonar a Mabel para a informar do atraso, mas não obteve - resposta. Lembre-se que eram onze horas da manhã, mais coisa menos coisa. Ora, segundo as nossas conjecturas, Mabel conservava-se junto do telefone à espera da chamada do autor da carta anónima. Apesar - disso, não atendeu quando Carlotta telefonou. Porquê?»
- Com a breca! Só podia haver um motivo.
- Vejamos se é o mesmo em que pensei.
- Devia estar entretida a assassinar Sally Brentner.
- Precisamente.
- Que fez Carlotta a seguir?
- Concluiu que Mabel saíra de casa mais cedo, antes da informação sobre a chegada prevista para o meio-dia e um quarto. Como já se encontrava na estação, resolveu esperar. À uma, o comboio apareceu finalmente, sem que Mabel se apresentasse ou tentasse comunicar com Carlotta. Junte tudo isto e diga-me o que obtém.
- Nada - declarou Bertha. - A única coisa que se pode conceber é que se praticou um crime em casa de Belder, às onze da manhã.
- Sou da mesma opinião. Mabel deve ter telefonado a estação e obtido a informação de que o comboio só chegaria ao meio-dia e um quarto. Estava ansiosa por receber o telefonema do autor da carta, às onze horas, mas não atendeu quando Carlotta ligou. Ele decerto

tentou falar-lhe à hora combinada, mas apenas conseguiu contactar com ela às onze e um quarto.

- Porque situa o momento de contacto a essa hora?

- Não o posso conceber *antes* das onze e um quarto. Há a probabilidade de ter sido por volta das onze e vinte e um e Mabel não tardar mais de um minuto a sair de casa e subir para o carro. Portanto, temos de localizar esse telefonema entre as onze e um quarto e as onze e vinte e um.

- Não lhe concedemos muito tempo para matar Sally Brentner depois das onze e antes da chamada.

- Não necessitava de começar a matá-la às onze em ponto. Nessa altura, talvez se dedicasse a dar os últimos retoques na encenação.

- Mas o marido regressou às onze - argumentou Bertha.

- E não entrou em casa, conforme você testemunhou. Limitou-se a buzinar.

- Tem razão. Pensa que foi Mabel quem assassinou Sally e não o marido?

- É o que parece.

- Julgava-o convencido de que se tratava de obra de um homem.

- É verdade, mas os novos elementos obrigaram-me a mudar de opinião. Começo a admitir que Mabel tomou conhecimento das verdadeiras funções em sua casa, quando recebeu a carta anónima e ficou fura de ciúmes. Estava tão transtornada, que nem atendeu o telefone às onze... e quase salvou a vida. Matou Sally e depois foi vítima da armadilha fatal que lhe prepararam.

- Nesse caso, quem a assassinou por sua vez?

Sellers acendeu um fósforo, aproximou-o do charuto que ignorara até então e acabou por - responder à pergunta indirectamente:

- O telefone tocou entre as onze e um quarto, e as onze e vinte e um da manhã de quarta-feira, e Mabel recebeu instruções para se meter no carro, seguir pelo bulevar, livrar-se de alguém que a seguisse naquele cruzamento, cortar à esquerda para a Avenida Harkington, entrar na garagem, fechar a porta, deixar o motor ligado e aguardar um sinal. O cenário ideal para o envenenamento por óxido de carbono. E para se certificar da per-

feição do plano, o assassino introduziu-se na garagem e vedou todos os interstícios com estopa.

- Palavra? - estranhou Bertha, arqueando as sobrancelhas.

- Pode estar certa - disse. Tecnicamente, vamos suar as estopinhas para provar que foi crime. Mabel morreu em virtude da sua própria imprudência...

- Alto! Esquece-se de um pormenor. Depois de receber o telefonema, sentou-se diante da máquina portátil e escreveu as instruções, para não as esquecer.

- Não se iluda. Para já, tinha as instruções gravadas na memória. Mas mesmo que as quisesse anotar, utilizaria papel e lápis, que sem dúvida havia junto do telefone.

O assassino pretende fazer-nos crer que ela recorreu à máquina.

- Nesse caso foi ele que dactilografou as instruções e as deixou ao lado do corpo?

- Não vislumbro outra explicação.

- Para quê?

- Para convencer a Polícia de que ela tinha morrido em resultado da sua própria imprevidência.

- E foi o que na realidade aconteceu?

- Precisamente - aquiesceu Sellers. - O depósito de gasolina está vazio, a ignição continua ligada e a bateria descarregada. Ela deve ter-se asfiziado poucos minutos depois de entrar na garagem e o motor funcionou até esgotar o combustível. Sabemos que havia pelo menos vinte litros, metidos por Belder naquela manhã.

- Portanto, o assassino visitou a garagem mais tarde, para deixar o bilhete que encontrámos.

- Exacto. Foi por isso que fiquei contentíssimo quando se nos depararam duas impressões digitais no papel e fui aos arames no momento em que compreendi que a interferência de uma abelhuda me induzira numa pista falsa.

- Lastimo imenso - murmurou Bertha.

- E tem motivos para isso. A sua experiência destas andanças devia impedi-la de tocar em coisa alguma.

- Espere aí. - Ela parecia assolada por uma inspiração repentina. - O crime foi planeado para que a Polícia pensasse tratar-se de um acidente.

- Decerto.

- Nesse caso, o criminoso deve ter comparecido

na garagem para se certificar de que tudo correria à medida dos seus desejos e deixar o bilhete.

- Continue.

- Porque não aproveitou a oportunidade para retirar a estopa das frinchas?

- Também pensei nesse pormenor, mas acabei por compreender o motivo, colocando-me no lugar dele.

- Que quer dizer?

- Alcançara o seu objectivo: livrar-se da mulher.

Por conseguinte, introduziu-se na garagem, provavelmente pela calada da noite, a fim de deixar o bilhete, e tratou de se afastar sem demora, não fosse o diabo tecê-las e descobrirem a sua presença. Se alguém o visse entrar e prevenisse a Polícia, não tardaria a acudir um carro-patrolha, e nessa altura ninguém o livraria de ser acusado de homicídio premeditado. Portanto, retirou-se o mais prontamente possível.

- Devo depreender - disso que, não sendo surpreendido no local do crime, não o podem acusar?

- Nem mais - asseverou o sargento. - A menos que consigamos descobrir algum elemento susceptível de desmascarar o plano, não o poderemos prender porque, na realidade, não matou a mulher por suas próprias mãos. Não me surpreenderia que o culpado estivesse a quilómetros do local, no momento em que ela sucumbiu ao óxido de carbono.

- Apuraram algum indício relativo à sua identidade?

- Com certeza. Everett Belder, o assassino diabolicamente inteligente e perverso, autor das cartas anónimas em que se acusava de manter relações ilícitas com várias mulheres, que recorreu a uma agência de investigações para se certificar de que Mabel estaria sob vigilância até à garagem. Se você não fosse no seu encalço, subsistiriam dúvidas sobre o que acontecera, ao passo que assim conseguimos determinar a hora da morte com notável exactidão... quando o nosso homem se encontrava na barbearia.

- Na barbearia? - ecoou Bertha, em voz estrangulada.

- Sim, e não se admire tanto, porque procedemos às investigações necessárias nesse sentido. Depois ele «esqueceu-se» do sobretudo, para que se recordassem bem da hora em que visitara o estabelecimento. Não se

faça de novas, cara amiga, porque o barbeiro mencionou a *sua* visita. - Sellers fez uma breve pausa. - Outra mulher, que apareceu uns vinte minutos mais tarde, declarou que Belder lhe pedira que recolhesse o sobretudo.

O facto não me surpreende, porque ele necessitava de uma cúmplice.

- Para quê?

- Para utilizar a máquina de escrever de Mabel com perícia de profissional e, acima de tudo, ocupar-se do telefonema destinado a atraí-la à garagem. Se conseguir descobri-la, hei-de obrigá-la a falar e denunciar Belder, enviando-o para a câmara de gás de San Quentin. Quero preveni-la de uma coisa, Bertha. Se torna a interferir nas investigações, esmago-a como se fosse atropelada por um cilindro. Pode retirar-se, se quiser.

CAPÍTULO XVIII

QUE LUCRO EU COM ISSO?

Elsie Brand ergueu os olhos da máquina de escrever no momento em que Bertha abriu a porta.

- Bom dia, Sr.a Cool.

- Olá. - A recém-chegada deixou-se cair numa cadeira junto da secretária. - Parece que passei a noite nos copos, hem?

- Li no jornal que o corpo foi encontrado por uma detective particular que investigava o assunto - declarou a rapariga, sorrindo. - Imagino o abalo que sofreu.

Conseguiu dormir?

- Nem um minuto.

- Foi assim tão horrível?

Bertha fez menção de replicar, mas mudou de ideias e acendeu um cigarro.

- Oxalá Donald estivesse aqui.

- Mas suponho que já não trabalha no caso. Tinha entendido que Everett - dispensara os seus serviços.

- Se não desabafo com alguém, rebento. Esta embrulhada perseguiu-me toda a noite, como um cão atrás da sua própria cauda. Afundei-me tanto nela que não posso recuar, mas tenho medo de andar para a frente.

- Refere-se a Everett Belder?

329

- A este maldito homicídio.

- A Polícia pensa que se trata de crime? O que li no jornal levou-me a concluir que a morte se devera a imprevidência da vítima.

- Não só a Polícia pensa isso, como *foi* mesmo crime. Tentei meter por atalhos e armar em esperta e agora estou atascada até às orelhas.

- Não percebo como pode ter sido crime - disse

Elsie. - A Polícia obteve elementos concretos?

- Sim, e, ainda por cima, sabe quem foi, sem margem para dúvidas. Estamos perante um daqueles casos em que se conhece a identidade do criminoso e ele ri como um perdido dos esforços das autoridades. Existe apenas um ponto débil no plano e acontece que se encontra

em meu poder. Devia procurar o sargento Sellers e pôr as cartas na mesa, mas tenho medo, por lhe haver encoberto determinados factos.

- Porque o fez?

- Macacos me mordam se sei - confessou Bertha.

- Tudo começou quando ele me arrancou a terceira carta das mãos e não quis revelar o conteúdo. Fiquei fura e resolvi suspender toda a colaboração futura. - Meneou a cabeça. - Depois, aconteceu uma coisa, entreguei-me a conjecturas e obtive esse indício. Belder assassinou a mulher, o que não se reveste do mínimo mistério. Infelizmente, fê-lo de uma maneira tão inteligente, que a Polícia nunca o poderá acusar. No entanto, teve uma cúmplice. Quem? Cheguei a supor que se tratava da mãe de Carlotta, mas não pode ser, porque os movem interesses contrários.

- Refere-se à dama velada?

- Sim. Queria saber o nome do barbeiro de Belder.

Averigui-o, em troca do que recebi cinquenta dólares. Depois, devia marcar determinado número, revelar o resultado a quem atendesse e desligar.

- Tem o número?

- Sim e localizei-o. Pertence a uma cabina pública de um *drugstore* do centro da cidade, onde se encontrava alguém para se inteirar da informação. Talvez fosse a mãe de Carlotta. Como - disse, pus-me a pensar e perguntei a mim própria porque lhe interessaria conhecer o nome do barbeiro de Belder. Que tinha este a ver com o caso? Tentei recordar-me da última vez que o vira

330

barbeado de fresco, o cabelo aparado e unhas arranjadas, e descobri que fora na quarta-feira de manhã.

A seguir, dirigi-me à barbearia e fiz algumas perguntas ao proprietário, o qual me explicou que Belder deixara lá o sobretudo. Admiti a possibilidade de a mãe de Carlotta estar ao corrente - disso e pretender revistar as algibeiras, pelo que me antecipei. De facto, deparou-se-me um indício.

- O quê? - quis saber Elsie.

- Prefiro guardá-lo para mim, embora me mereça a máxima confiança. Pode, ou não, servir para acusar Belder formalmente da morte da mulher, mas não me atrevo a entregá-lo a Sellers. Ao mesmo tempo, calculei que a mãe de Carlotta não podia ser a cúmplice dele, de contrário não necessitaria de me procurar para localizar o sobretudo.

- A menos que Belder desejasse que descobrisse esse indício e lhe armasse uma ratoeira.

- A possibilidade ocorreu-me às duas da madrugada e foi por isso que não preguei olho.

- Porque não procura Sellers e põe as cartas na mesa?

- Porque é a atitude lógica. Aquilo que eu devia fazer. Abóbora para tudo isto! Compete-me agir em nome da firma, agora que Donald se ausentou; e, quando regressar, precisará de dinheiro. Portanto, tenho de o arranjar.

- Compreendo a sua posição.

- Por outro lado, há Dolly Cornish. É a grande esquecida no meio deste imbróglio, e tenho um palpite... Vem aí alguém. Cada vez que me sento aqui, sou surpreendida antes que possa...

A porta abriu-se e surgiram a Sr.a Goldring, de olhos inchados pelas lágrimas, e Carlotta, de expressão mais prazenteira.

- Bom dia. Sr.a Cool - proferiu esta última. - Pode conceder-nos uns momentos? Minha mãe sofreu um abalo horrível, mas há coisas que não se podem adiar.

- Entrem para o meu gabinete e sentem-se - indicou Bertha. - Assim que acabar de ditar esta carta importante, concedo-lhes toda a atenção.

- Estamos-lhe muito gratas - articulou a Sr.a Goldring, a meia voz.

: -Ei-la! - sussurrou Bertha, virando-se, **para Elsie**, quando as duas mulheres desapareceram na sala contígua.
a -O quê?

- A oportunidade de embolsar uns dólares. Não se iluda. A Sr.a Goldring pode estar prostrada pela dor, mas, através das lágrimas de pesar, não perde um pormenor do que se passa à sua volta.

- Não compreendo.

- Everett Belder transferiu uma quantia avultada para o nome da mulher e agora matou-a, para se livrar dela e recuperar o dinheiro, quando a sogra acabava de a convencer a divorciar-se e partilharem a fortuna. Por outro lado, ele declarou, alto e em bom som, que - dispensava os meus serviços, pelo que fiquei livre para aceitar uma incumbência da Sr.a Goldring.

- Mas como pode alterar os direitos de propriedade, Sr.a Cool?

- A lei não permite que uma pessoa herde dinheiro de alguém que assassinou, independentemente da existência ou não de testamento. Portanto, entretenha-se a escrever à máquina, para que a firma pareça imersa em actividade, enquanto vou cortar uma fatia apreciável do bolo.

Com estas palavras, Bertha pegou em duas ou três cartas de cima da secretária de Elsie, abriu-as na sua frente, e, assumindo o ar mais profissional possível, aclarou a voz, entrando, no gabinete, cuja porta fechou, e sorrindo às duas mulheres. Em seguida, instalou-se na cadeira rotativa, pousou as cartas e concentrou-se na Sr.a Goldring com uma expressão grave.

- Não há palavras que possam atenuar uma dor dessa natureza, no entanto apresento-lhe as minhas profundas condolências.

- Obrigada.

Aproveitando a pausa que se seguiu, Carlotta entrou no assunto sem delongas:

- Aconteceu uma coisa horrível, Sr.a Cool. A mãe ficou tão abalada, que receio venha a sofrer um colapso nervoso, o que aliado ao choque provocado pela morte de Mabel poderia ser fatal.

- Não te preocupes comigo - proferiu a Sr.a Goldring, num murmúrio.

- Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer um ponto - voltou Carlotta. - Constatou-me que Everett - dispensou os seus serviços. É verdade?

- Absolutamente - confirmou Bertha, com um trejeito de contrariedade. - Acusou-me de prejudicar os seus interesses, mas não fiquei muito preocupada com a resolução que tomou.

- Necessitamos de usar da máxima prudência. Embora não possamos formular acusações directas, pelo menos tal como as coisas estão de momento, compreendemos a situação e creio não haver inconveniente em que tenhamos esta conversa à luz daquilo a que chamaremos entendimento tácito. Não convém que comprometamos as nossas posições. A senhora, melhor do que ninguém, sabe ao que me refiro, pois a secretária de Everett moveu-lhe um processo por algo que - disse.

- Procurava esclarecer o assunto, quando aquela grandíssima... rapariga - respeitável se lembrou de me processar.

- Compreendo o que sente, Sr.a Cool, mas não consigo descortinar nada de - respeitável nela.

- O meu advogado afirmou que a devo considerar uma jovem - respeitável até depois do julgamento.

- Pois, quanto a mim, não passa de uma grandíssima...
- começou Carlotta, com fervor. Todavia, a Sr.a Goldring tossiu significativamente e ela acrescentou, mais calma: - Ainda bem que deixou de trabalhar no escritório de Everett, porque exibia uma atitude de intimidade possessiva, como se a firma lhe pertencesse.

- Parecia muito consciente do seu sexo - acudiu a Sr.a Goldring. - Mostrava-se sexualmente provocante.

- Surgiu um assunto que nos leva a solicitar a sua colaboração, Sr.a Cool.

- Creio que não haverá qualquer problema a esse - respeito - declarou Bertha. - É tudo uma questão de combinarmos as condições e fornecerem-me os elementos necessários.

- Sei que é extremamente competente - esclareceu Carlotta.

- E intensamente leal - contribuiu a Sr.a Goldring, levando o lenço aos olhos. - Tem uma reputação - excelente e penso que os seus clientes não hesitam em a compensar como merece.

- Assim sucede, com efeito, na maioria dos casos
- concedeu Bertha. - Uma vez por outra, lá aparece um que necessita de um certo estímulo nesse capítulo, mas tudo acaba em bem. A experiência ensinou-me que, quanto mais inteligentes são, melhor reconhecem a conveniência de me remunerar da forma apropriada.
- É natural - aquiesceu Carlotta, com um olhar fugaz à mãe. - Bem, para não lhe fazermos perder muito tempo, passemos ao assunto que nos trouxe.
- Deixa-me dizer-lhe - interpôs a Sr.a Goldring.
Emitiu um suspiro, transferiu o lenço dos olhos para o nariz por uns instantes e principiou: - Como sabe, meu genro é engenheiro de vendas, actividade que se pode considerar *muito* especulativa. Não conheço bem o seu negócio, mas, de vez em quando, ocupa-se da - distribuição de uma linha de mercadoria numa base de percentagem, o que lhe permite reunir quantias elevadas. - Após novo suspiro, revelou: - Há uns tempos, transferiu todos os seus bens para o nome de minha filha. À primeira vista, poder-se-ia supor que o fez no intuito de se precaver dos credores, mas declarou sob juramento que não se achava animado de semelhante intenção. Não estou muito familiarizada com a lei, no entanto penso que a finalidade a que uma transferência obedece se reveste de particular importância. Se uma pessoa *tenciona* defraudar os credores, a transferência não é válida. Por outro lado, se se encontra envolvido um propósito diferente, legítimo, prevalece aos olhos da lei.
- E prevaleceu? - perguntou Bertha.
- Sim.
- Nesse caso, no momento da morte de sua filha, os bens à sua guarda pertenciam-lhe única e - exclusivamente.
- Exacto.
- São elevados?
- Muito - admitiu a Sr.a Goldring, num tom incisivo, que fechava a porta de uma ulterior exploração do assunto na cara de Bertha.
Seguiu-se um breve silêncio de embaraço, que Carlotta cortou:
- Mabel e Everett não se davam bem nos últimos meses, e quando ela teve motivos para crer que ele... enfim...
- Lhe arrastava a asa?

- Precisamente. Redigiu um testamento em que nos deixava todos os seus bens.

- Como souberam?

- Ela própria no-lo - disse. Informou minha mãe, pelo telefone, de que ia preparar um testamento dessa natureza na sua máquina de escrever, para o que necessitava de duas testemunhas. Penso que uma foi Sally Brentner, mas ignoramos a identidade da outra.

- Onde se encontra agora o testamento?

- É essa a parte mais desagradável da questão - anunciou a *Sr.a Goldring*. - Meu genro *queimou-o*.

- Quem lhes - disse?

- Creio que nos pode ajudar nesse ponto, Sr.a Cool.

- Talvez - concedeu Bertha, cautelosamente.

- Se pudéssemos *provar* que foi queimado *após* a morte de Mabel, introduziríamos no caso outros elementos sobre a natureza do documento. O telefonema dela, por exemplo.

- Qual é a data?

- Temos motivos para supor que foi redigido na véspera da sua morte, seis de Abril.

- Sim, Sr.a Goldring. - O sorriso de Bertha era positivamente querubínico. - Creio que as posso ajudar.

- Ótimo.

- Nem imagina o alívio que isso representa para nós

- afirmou Carlotta.

- Ora bem. Que pretendem, exactamente?

- Apenas que revele o que sabe. Pode prestar declarações preliminares perante o meu advogado e, no tribunal, explicará o que viu quando entrou no gabinete de Everett, pois sabemos que ele queimou o testamento pouco antes de a senhora e o sargento Sellers o visitarem.

- Querem que testemunhe o facto, e *nada mais?* - articulou Bertha, arregalando os olhos de incredulidade.

- Encontrámos cinzas na pequena lareira do escritório e entregámo-las a um perito para que reconstitua o conteúdo, a fim de podermos provar que se tratava do testamento de minha irmã. E essas cinzas estavam *por cima* das outras, o que indica que foi a última coisa queimada.

Ora, a senhora deve recordar-se de que ardia qualquer coisa na lareira, quando entrou com o sargento Sellers. Basta que se lembre desse pormenor...

- Um momento. *Que lucro eu com isso?*

As duas mulheres entreolharam-se e Carlotta declarou:

- A remuneração habitual de uma testemunha. Além

- disso, compensá-la-íamos do tempo despendido na deslocação ao consultório do advogado.

- Por outras palavras - - disse Bertha, esforçando-se por dominar a voz, vieram apenas para me convencer a prestar declarações.

- *Exactamente* - confirmou Carlotta. - É claro que a remuneração não poderá ser muito elevada, de contrário pareceria que pretendíamos suborná-la.

- Pois, tomem nota do seguinte, minhas senhoras.

Não jurarei que vi papéis a arder em escritório algum, não visitarei nenhum advogado, nem serei testemunha de nada.

- Mas julgávamos que nos queria ajudar!

- Podia ajudá-las a estabelecer o que pretendem provar. Referia-me à minha capacidade de detective.

- Não precisamos de detective. Essa parte está solucionada.

O nosso advogado afirma que, uma vez provado que as cinzas são do testamento, temos a vitória assegurada.

- E está - disposto a ser-lhes prestável em troca de determinados honorários, claro - observou Bertha, secamente.

- Bem, receberá uma percentagem.

- E, se os bens lhes forem realmente atribuídos, tratará de fazer homologar o testamento, pelo que receberá mais uma fatia do bolo.

- Confesso que não tinha pensado nisso - reconheceu a Sr.a Goldring, algo perturbada. - - disse que essa parte da questão se desenrolaria da maneira normal.

- Pois bem. Lamento não lhes poder ser útil, a menos que precisem de alguém que reúna os factos.

- Mas já os possuímos todos, Sr.a Cool. Só necessitamos de uma testemunha para os confirmar sob juramento.

- Cobriu muito terreno, desde a morte de sua filha: advogados, peritos na identificação de cinzas, etc.

- A maior parte das diligências foram efectuadas antes do aparecimento do corpo, pois estava convencida de que Everett a tinha assassinado. As dúvidas - dissipa-

ram-se-me a partir da manhã de ontem. Por conseguinte, comecei a tomar as providências convenientes para que ele não obtivesse o mínimo proveito do acto que cometeu. Diga-se de passagem que lhe estamos profundamente gratas por haver descoberto o corpo.

- Não têm nada que agradecer. Poderia descobrir factos muito mais importantes, se...

- O nosso advogado garante que possuímos todos os necessários - reiterou a Sr.a Goldring. - O essencial é que convençamos as testemunhas a confirmá-los sob juramento.

- Ele lá sabe.

- Não pode ao menos declarar que ardia alguma coisa na lareira?

- Receio bem que não. Sou uma péssima testemunha e alérgica aos advogados.

- O nosso representante - disse que podia mandar-lhe uma contrafé, o que a obrigaria a comparecer no tribunal, mas aconselhou-nos a conversar consigo primeiro.

- Tenho uma memória horrível - declarou Bertha, com ar compungido. - Nem sequer me lembro se o lume da lareira estava ou não aceso. Evidentemente que *posso* vir a recordar-me.

- Tenho muita pena. - A Sr.a Goldring levantou-se, exibindo uma formalidade glacial. - Esperava obter as suas declarações sem ter de recorrer à contrafé.

- Passem muito bem - redarguiu Bertha, concentrando-se na correspondência que colocara em cima da secretária.

Aguardou que a porta se fechasse atrás delas e entregou-se a um monólogo sulfuroso que apenas pecava por carecer de audiência.

Por fim, abriu a porta abruptamente e Elsie Brand olhou-a com curiosidade.

- Pareciam um pouco enxofradas.

- Se elas estavam enxofradas, o que direi eu! Que par de jarras! Sabe o que queriam? Que fosse declarar ao tribunal que vi documentos a arder na lareira do escritório de Belder, quando lá estive com o sargento Sellers, em *troca da remuneração habitual das testemunhas*.

Não sei o que me impediu de as mandar... - Bertha considerou desnecessário ilustrar mais concretamente os seus desejos nesse sentido.

22 -V. G. GARDNER 10

337

- É a primeira vez **que a** vejo com dificuldade em se exprimir.

- Não se trata de dificuldade. Não consigo é decidir **que** palavras hei-de empregar primeiro!

CAPÍTULO XIX

A PEDRA PRECIOSA

O Hotel de Apartamentos Loclear conseguia envolver-se numa atmosfera de luxo - discreto e reserva subtil, conveniente para manter os intrusos na defensiva.

Atrás do balcão, o recepcionista, que aparentava

trinta anos - alto, elegante, de maneiras suaves e trajado com sobriedade , assumiu uma atitude altiva quando viu Bertha Cool aproximar-se com uma expressão que parecia desdenhar o ambiente que a rodeava.

- Boa tarde - proferiu ele, no tom que empregaria para saudar um pedreiro chamado pela gerência. Todavia, ela não perdeu tempo com fórmulas de delicadeza.
- Tem cá a Sr.a Dolly Cornish?
- Sr.a Cornish?... Diz-me o nome, por favor,
- Bertha Cool.
- Lamento, Sr.a Cool, mas a cliente que indica **abandonou** o apartamento com certa abruptidão.
- Para onde foi?
- Não faço a mínima ideia.
- Deixou algum endereço, para lhe enviarem a Correspondência?
- Esse assunto ficou devidamente resolvido, antes da sua partida.
- Para onde a devem enviar?
- Se deseja escrever-lhe uma carta, Sr.a Cool, tomarei as medidas necessárias para que chegue ao seu destino.
- Oiça - articulou Bertha, começando a impacientar-se.
- Procuo Dolly Cornish, para lhe falar de **uma** questão importante. Portanto, se conhece o seu paradeiro, divulgue-mo, de contrário explique-me quem pode fornecer os elementos necessários para a localizar.

338

- Lastimo imenso, mas já lhe forneci todas as informações a que fui autorizado.
- Apareceu alguém a perguntar por ela?
- Não lho posso dizer. - O recepcionista desviou o olhar para um homem de meia-idade e ombros largos, que segurava na mão esquerda um maço de papéis dobrados. - Boa tarde - proferiu numa inflexão ainda mais arrogante da que empregara para saudar Bertha. Sem se preocupar em retribuir a saudação, o recém-chegado consultou a papelada e destacou uma factura.
- Sou da Companhia de Aluguer de Pianos Acme - anunciou, secamente. - Dolly Cornish ainda não pagou o seu. Quer satisfazer a conta ou vou lá acima buscar o dinheiro?

O recepcionista mostrou-se momentaneamente embaraçado e, após um olhar fugaz a Bertha, - respondeu:

- A Sr.a Cornish contactará com a sua firma dentro de um ou dois dias.
- Mudou-se - esclareceu Bertha.
- Como - disse? - inquiriu o homem.
- Mudou-se. Partiu.
- Não pode levar o piano daqui sem autorização escrita.
- Parece que o fez.
- Ela está cá ou não? - perguntou ele ao recepcionista.
- Bem, recomendou-me...
- Sim ou não?

- Eu pago a conta e - responsabilizo-me pelo piano - afirmou o recepcionista, exasperado.
- São cinco dólares. - O homem pousou a factura no balcão. - Se levou o piano sem autorização, cometeu um delito grave.
- Garanto-lhe que não o danificou e entrará em contacto convosco sem demora.
- Não o pode levar. Cinco dólares.
O recepcionista abriu a gaveta de um cofre atrás dele, extraiu uma nota de cinco dólares, depositou-a diante do homem e exigiu:
- O recibo, por favor. - Voltou-se para Bertha. - Boa tarde, Sr.a Cool.
No entanto, ela não se moveu, conservando os cotovelos pousados no balcão, olhos fixos no dinheiro,
339

enquanto o homem assinava um recibo e o trocava pelos cinco dólares, que fez desaparecer na algibeira, advertindo:
- Diga-lhe que leia o contrato de aluguer. Não pode levar o piano, seja para onde for. - E rodou nos calcanhares, afastando-se em passos decididos.
O recepcionista aproximou-se de uma série de cacifos com o recibo, mas mudou repentinamente de rumo, para o depositar na gaveta do cofre.
- Já não me lembrava - - disse a meia voz.
- Se se concentrar no assunto, talvez se lembre de muito mais - observou Bertha, que lhe acompanhara os movimentos com os olhos.
- Nada mais lhe posso revelar, Sr.a Cool - retorquiu ele, friamente.
Ela hesitou um momento e acabou por se encaminhar para a saída do átrio. Uma vez no passeio, olhou em volta e dirigiu-se a um posto de venda de jornais.
- Nos últimos dois dias, mudaram um piano da espelunca em frente - indicou ao vendedor. - Gostava de saber o nome da empresa que se encarregou - disso.
- Não lhe posso ser útil.
- Não reparou no nome?
- Não me recordo de ver qualquer camião de mudanças, mas não passo o dia a olhar para lá.
Depois de entrar em três estabelecimentos das proximidades, com o mesmo resultado negativo, serviu-se de um telefone público para ligar ao escritório.
- Quer armar em dama importante, Elsie?
- Não compreendo.
- Dolly Cornish ocupava o apartamento 15-B do Hotel Luclear, um local pretensioso como um lorde de visita a um bairro de lata. Assuma ares de aristocrata e diga ao recepcionista que deseja ver os apartamentos vagos, se houver algum.
- Quando?
- Assim que conseguir arranjar um táxi livre. Fico à espera na esquina, mas finja que não me conhece. Depois de falar com o homem, venha ter comigo.

Bertha cortou a ligação e decidiu que necessitava de aguardar uns cinco minutos até à chegada de Elsie, pelo que se entreteve a contemplar algumas montras e acabou por se dirigir para a esquina. Pouco depois, viu a rapariga

entrar no hotel, de onde reapareceu cerca de um quarto de hora mais tarde.

- Então? - perguntou Bertha, quando se reuniram na esquina.

- Meti o tipo na ordem em dois tempos! Quando declarou que a gerência exigia referências para alugar um apartamento a uma mulher só, indiquei o presidente da Câmara e o governador do estado. Apressou-se a chamar um dos gerentes para me mostrar os aposentos vagos, um dos quais é o 15-B.

- Está desocupado?

- Sim.

Bertha enrugou a fronte em silêncio por uns segundos.

- Que faria se quisesse mudar um piano alugado?

- Confesso que não sei - declarou Elsie, rindo.

- Contactava com a firma que lho alugou, não acha?

- Sim, talvez.

- Volte lá e diga que uma amiga lhe falou noutra apartamento desocupado. Pergunte se tem a certeza de que lhe mostrou todos. Procure averiguar se alugaram algum nos últimos dois ou três dias. Arme em pessoa importante, de contrário não consegue nada.

- Entendido. Espera aqui?

--Sim.

A rapariga regressou transcorridos cinco minutos.

- O apartamento 12-B esteve desocupado até ontem.

Alugou-o uma tal senhora Stevens.

- Afinal, o recepcionista é uma pessoa muito prestável

- observou Bertha, com um sorriso malicioso. -

Pode voltar para o escritório, Elsie.

Em seguida, entrou numa cabina, - discou o número do Hotel Luclear e informou:

- A Sr.a Stevens pediu-me que ligasse para aí.

Creio que está no apartamento 12-B.

- Um momento.

Soou um estalido e uma voz feminina proferiu cautelosamente:

- Sim?

- Fala da firma que lhe alugou o piano. O nosso funcionário diz que a conta foi paga pelo recepcionista e a senhora o mudou.

- Ainda bem que telefonaram. Aliás, tencionava ligar para aí. Não há novidade.

- O apartamento fica no mesmo prédio?

- Sim.

- Tenho de passar por aí - explicou Bertha. - A firma cobra cinquenta cêntimos pela transferência.

- Acho bem.

- Estou perto daí.

- Pode passar por cá agora. É o apartamento 12-B. De facto, eu devia tê-los informado imediatamente. Voltou ao hotel e, ignorando a expressão perplexa do recepcionista, encaminhou-se directamente para os elevadores ao fundo do átrio.

O homem levantou a aba do balcão e aproximou-se com ares autoritários:

- Não é permitida a entrada de pessoas estranhas nos elevadores.

- A Sr.a Stevens, do apartamento 12-B, pediu-me que subisse - retorquiu Bertha, com um sorriso condescendente. - Acabo de falar com ela pelo telefone. - virou-se para o ascensorista. - Vamos.

Alguém utilizava o telefone no apartamento 12-B, quando ela bateu à porta. A conversa terminou momentos depois, seguindo-se profundo silêncio.

- Deixa-me entrar, Dolly, ou espero que saia?

A porta abriu-se finalmente, e uma mulher irritada, com cerca de trinta e cinco anos, fitou Bertha com ar beligerante.

- Acabam de me avisar que a senhora...

- Pois é, o recepcionista não simpatiza comigo. Também gosto muito dele... Afaste-se, para que possa entrar.

O poderoso arcaboço impeliu a mulher, mais leve, para o lado sem dificuldade aparente, observou o piano com uma inclinação de cabeça de aprovação, afundou-se na cadeira mais confortável e acendeu um cigarro.

- Há leis rigorosas contra actos desta natureza - advertiu a outra.

- Bem sei.

- O recepcionista diz que pode chamar a Polícia para a expulsar.

- É natural que pense assim.

- Suponho que corresponde à verdade.

- No meu caso, duvido.
- Porquê?
- Tenho conhecimentos na Polícia. A uma palavra minha, em vez de me prenderem, levavam-na a si ao gabinete do promotor para ser interrogada. Depois, os jornais fotografavam-na e...
- Que pretende?
- Conversar consigo.
- Segundo o recepcionista, chama-se Bertha Cool.
- É verdade.
- E julga-a uma detective.
- Até os espíritos mais obtusos têm uma ideia luminosa, de vez em quando.
- Pode saber-se *exactamente* o que pretende de mim?
- Com certeza. Feche a porta e sente-se, para me falar de Everett Belder.
- Não me interessa trocar impressões sobre esse cavalheiro.
- ., - Então, falemos da esposa.
- Li que tinha morrido asfixiada. ,
- Exacto.
- Nunca nos encontramos.
- Ela recebeu uma carta sua. - Vendo que a interlocutora deixava transparecer desinteresse absoluto, Bertha prosseguiu: - A ideia talvez partisse daquele genial recepcionista, mas não devia ter saído do outro apartamento, cara amiga. A mudança conferiu-lhe um aspecto pouco agradável. Imagine a sua fotografia nos jornais, com a legenda: *A Sr.a Dolly Cornish, que, segundo a Polícia, abandonou sub-repticiamente o apartamento que ocupava e se instalou noutro com um nome falso, após a divulgação da morte da Sr.a Belder. A Sr.a Cornish mantinha relações particularmente amistosas com Everett Belder, antes do casamento deste.*
- Que... que quer saber? - balbuciou a mulher, parecendo subitamente na iminência de se entregar a uma crise de lágrimas.
- Que tem para dizer?
- Nada.
- Estupendo - ironizou Bertha. - Os repórteres vão delirar. Conserve essa expressão plangente e guarde

silêncio, para que publiquem: «*Nada*», *soluça a mulher que enviou a Sr.a Belder para a morte.*

-Que está para aí a dizer? - Dolly Cornish empertigou-se bruscamente. - Não a enviei para a morte. -

Fez uma pausa, enquanto Bertha expelia uma densa coluna de fumo e sacudia o cigarro no cinzeiro. - Ela é que ameaçou matar-me.

- Quanto tempo antes da sua morte?

-No mesmo dia.

- Que fez você, para a levar a reagir assim?

- Absolutamente nada.

- Desculpe se me nota uma expressão de incredulidade, mas ouvem-se essas palavras com tanta frequência...

- Desta vez correspondem inteiramente à verdade.

- Como se conheceram?

- Nunca a vi. Ela telefonou-me para aqui e foi por esse motivo que mudei de apartamento. Queria estar protegida, para o caso de tentar algum acto de violência.

- Telefonou-lhe? - estranhou Bertha, procurando - dissimular o interesse.

--Sim.

- Que queria?

- Foi a conversa mais aterrorizadora que jamais tive com outra mulher.

- Continue. Se se abrir comigo, talvez a possa ajudar.

- Como?

- Não nos iludamos mutuamente. Posso ajudá-la, se você colaborar. Sou detective e estou familiarizada com variadíssimas situações. Isso a que chama uma conversa aterrorizadora, para mim, não passa de mera rotina. Se estiver - disposta a falar, muito bem, de contrário telefono à Polícia.

- Não me dá muito por onde escolher - articulou Dolly Cornish, com uma risada nervosa.

- Tenho esse hábito - admitiu Bertha.

- Pois bem. Vou revelar o que sei. Tenho um amigo que afirma que a oportunidade de ser feliz aparece duas vezes na vida de uma mulher, e a maioria não as aproveita, é mineiro, e na sua opinião as minas lucrativas são as que contêm um depósito elevado de minério de quali-

dade média. A felicidade assemelha-se a isso. Uma mulher tem de obter um depósito importante de atributos de qualidade média num homem para conquistar a felicidade.

A maior parte delas desprezam as suas oportunidades por se concentrarem na busca - exclusiva da «pedra preciosa» e só obtêm êxito uma vez em vários milhares.

- Everett Belder era uma «pedra preciosa»?

- Não. Apenas uma das minhas oportunidades de felicidade. Um depósito enorme de minério de qualidade acima da média. Apeteceu-me voltar a vê-lo e alegrou-me tê-lo feito.

- Desta vez, resolveu agarrar-se-lhe com firmeza?

- Não - murmurou Dolly Cornish, com uma expressão melancólica. - Mudou muito.

- Em que sentido?

- Meteu-se-lhe na cabeça que era uma pedra preciosa.

Resultado, tentou tornar-se no que não podia ser e cavou a sua própria ruína.

- Quem sabe se você o podia fazer arrepiar caminho?

- Não acalento ilusões a esse - respeito.

- Bom. Agora que tirou esse peso de cima dos ombros, falemos da Sr.a Belder.

- Telefonou na quarta-feira de manhã e não me deu oportunidade de pronunciar uma palavra. Dava a impressão de que tinha decorado o - discurso e desejava

pronunciá-lo sem interrupção. - disse, mais ou menos, o seguinte: «Sei tudo a seu - respeito, Sr.a Cornish. Não venha com evasivas ou mentiras. Pensa que pode fazer recuar o tempo, mas é impossível. Ele pertence-me e não tenciono largá-lo. Garanto-lhe que me posso tornar muito perigosa, e obriga-me a tomar medidas drásticas a seu - respeito.»

- - respondeu alguma coisa? - inquiriu Bertha, no momento em que a outra fez uma pausa.

- Tentei, mas limitei-me a balbuciar umas palavras sem nexos. De resto, ela não me prestava a mínima atenção.

Depois de se calar uns segundos para recuperar o alento, continuou: «Nunca me contentei com soluções dúbias. Havia outra mulher que vivia em minha casa, fingindo-se criada, quando na realidade se atirava a Everett.

Pergunte-lhe o que acontece às pessoas que pensam poder lançar-me poeira nos olhos.»

- Só isso?
- Sim, à parte a gargalhada sinistra que **soltou. Era um** riso semi-histórico, selvagem, maligno.
- Quem desligou primeiro?
- Ela.
- Que aconteceu a seguir?
- Após uns momentos de pavor que me paralisava, pousei o auscultador.
- Se estivesse inocente como pretende, não reagiria assim - observou Bertha.
- Vou ser franca consigo, Sr.a Cool. Everett fora uma das minhas oportunidades de felicidade. Se o aceitasse quando o ensejo se me deparou, evitaria que degenerasse no que é agora. Conhecia-o bem, com as suas fraquezas e pontos fortes.
- Que tem isso a ver com o resto?
- Apenas isto: decidi que vivemos num mundo em que impera a lei do mais forte e precisava de o ver de novo. Se reconhecesse que possuía o mesmo atractivo, trataria de o conquistar, apesar de casado.
- Seguiu-se uma pausa, após a qual Bertha inquiriu:
- Repetiu as palavras exactas da Sr.a Belder ou aquilo que a sua memória conservou?
- Penso que não me desviei muito das que ouvi, A ideia geral, pelo menos era essa.
- Que - disse que aconteceu à outra mulher?
- Aquele riso!... Se o ouvisse...
- Deixe lá o riso. Que aconteceu à outra mulher?
- Aconselhou-me a perguntar-lhe o que sucedia às pessoas que pensavam poder lançar-lhe poeira aos olhos. Depois, li no jornal que tinham encontrado a criada morta, na cave.
- Meteu-se numa embrulhada de - respeito, hem?
- A quem o diz! - admitiu Dolly Cornish, suspirando.
- Se divulgar a sua versão, suporão que se intrometeu na vida dos Belder e levou Mabel a suicidar-se ou a assassinar.
- Que quer dizer, Sr.a Cool? - bradou, exibindo surpresa e indignação.
- Não faça caso. Se a assassinasse, assumiria essa atitude, de contrário não merece a pena perdermos

tempo a explorar o assunto. Ficou aliviada quando soube da morte de Mabel Belder?

- Fiquei - asseverou Dolly Cornish, sem pestanejar.

- Tenho de procurar o sargento Sellers, o que me custa imenso, neste momento.

- Porquê?

- Em linguagem mineira, trata-se de minério de baixa qualidade, mas, uma vez por outra, quando as coisas lhe correm de feição, julga-se uma pedra preciosa. Com estas palavras, Bertha levantou-se lentamente e encaminhou-se para a porta.

- No fundo, os homens são seres humanos - filosofou

Dolly Cornish. - Temos de aceitar as suas fraquezas.

Bertha deteve-se junto da saída, virou-se para trás e contemplou a outra mulher com curiosidade.

- Interpreta admiravelmente o papel de alma sensível amargurada pelos reveses da vida. Se o faz apenas para praticar, é-me indiferente, mas ficava fula se pensasse que me convenceu.

CAPÍTULO XX

BERTHA EM APUROS

Evereth Belder aguardava no escritório, quando

Bertha regressou, e levantou-se de um salto no momento em que a viu.

- Quero pedir-lhe desculpa, Sr.a Cool. Tenho de me desculpar da forma mais humilde que se possa conceber.

- Fez uma pausa, enquanto ela o fitava com uma expressão acusadora. - Não reconheci a eficiência da sua actuação e agora estou numa situação crítica. Preciso falar-lhe. - Vendo-a hesitar, acrescentou: - Pagarei o que exigir.

- Bem, entre - indicou Bertha, movendo-se para a porta do seu gabinete.

- Ainda precisa de mim, Sr.a Cool? - perguntou Elsie.

- Tem razão - admitiu Bertha, consultando o relógio. -

É sábado à tarde. Não, pode sair. - E encami-

nhou-se para a secretária, **enquanto Belder a seguia e se** afundava numa poltrona. - **Qual é o seu problema?**

- Estou perdido.
- Porquê?
- Vão acusar-me de homicídio.
- Têm motivos?
- Se têm! - articulou ele, sarcasticamente. - Com a persistência de minha sogra e a adorável Carlotta em reunir todos os elementos possíveis... Imagine a minha posição. Além - disso, há a maldita terceira carta em poder do sargento Sellers. *Tenho* de saber o que contém.
- Para quê?
- Porque me acusa de relações ilícitas com outra mulher.
- E depois?
- Preciso de conhecer a identidade dela.
- Está assim tão interessado?
- Não interprete mal as minhas palavras.
- Penso que as interpretei bem.
- Quero saber concretamente de que me acusam.
- Mais alguma coisa? - perguntou Bertha acendendo um cigarro pensativamente.
- Acha que isto não basta? Por outro lado. acusam-me de ter queimado o testamento de minha mulher, quando nem sequer sabia da sua existência. Na altura em que transferi todos os meus bens para o nome dela, redigi um em que me deixava tudo. Agora, afirmam que existe outro, mais recente, que eu desconhecia por completo, repito.
- Isso é mau.
- Porquê?
- Constitui um motivo para a assassinar.
- É assim que se coloca um homem entre a espada e a parede - articulou Belder, desesperado. - Se estava ao corrente do novo testamento, queimei-o. Se o ignorava, matei Mabel para ficar com os bens.
- Ou podia fazê-la desaparecer para obter os bens. descobrir o novo testamento mais tarde e queimá-lo.
- É exactamente do que me acusam.
- Foi isso que fez?
- Sem dúvida que não!
- E a - respeito da indemnização a Nunnely?
- É acerca - disso que lhe queria pedir desculpa,

Sr.a Cool. Se depositasse o assunto **nas suas** mãos, já podia estar tudo resolvido. Mas deixei-me arrastar pela impaciência e recorri a um advogado.

- Que aconteceu?

- O pior. Contactou com Nunnely, para que comparecesse no seu consultório, esta manhã. Ora, o corpo de Mabel foi encontrado ontem à noite e tentei prevenir o advogado, mas não consegui localizá-lo. Hoje de manhã, reunimo-nos os três e reparei que Nunnely levava o jornal dobrado debaixo do braço, como se ainda não o tivesse lido, o que me provocou uma ansiedade horrível. O advogado fartou-se de perder tempo com pormenores técnicos e Nunnely acabou por se reclinar na cadeira, acender um cigarro e folhear o jornal. O inevitável aconteceu. Na segunda página, deparou-se-lhe a notícia da morte de Mabel.

- Como reagiu?

- Como seria de esperar. Levantou-se com um sorriso prazenteiro e indicou ao advogado que não merecia a pena perder tempo em redigir o documento, segundo o qual aceitava a quantia que eu propusera. Pensara melhor e decidira exigir o valor total da indemnização. Com a morte de Mabel, sabia que eu herdaria tudo e ele obteria o dinheiro pelas vias legais.

- Pouca sorte - concedeu Bertha, sem convicção.

Abriu a gaveta da secretária, pegou no estojo de óculos que encontrara na algibeira do sobretudo deixado na barbearia e colocou-o sobre a secretária, diante do interlocutor.

- Preciso da sua ajuda, Sr.a Cool - volveu este último, sem reparar no que ela fazia. - Necessito da sua personalidade agressiva e dominadora, do seu cérebro e profunda competência...

Nesse momento bateram à porta, e Bertha sobressaltou-se.

- Esqueci-me de recomendar a Elsie que fechasse a porta à chave. Deve ter entrado algum cliente, que não a viu e...

- Diga que está ocupada. Quero que me ajude, Sr.a Cool, e desta vez *tenho dinheiro* para lhe pagar o que...

Bertha levantou-se da cadeira rotativa, aproximou-se da porta e, sem a abrir, informou:

349

- Estou ocupada. De resto, o escritório não abre aos sábados. Não recebo ninguém.
No entanto, o puxador começou a rodar com lentidão e a porta entreabriu-se.

- Não me diga! - proferiu o sargento Sellers.

- Desapareça daqui! -vociferou ela, apoiando todo o peso do corpo na porta.

A luta era desigual e não se prolongou por muito tempo. Finalmente, o detective entrou, enquanto Bertha parecia na iminência de explodir.

- Não pode entrar assim no meu escritório - balbuciou em voz rouca.

- Eu sei, mas já que estou aqui, não posso sair sem levar o seu cliente comigo.

- Trocávamos impressões sobre um assunto confidencial. Espere no corredor até...

- Lastimo imenso, mas não espero em parte alguma. Tenho um mandato de captura de Everett Belder, sob a acusação de homicídio premeditado. O visado tentou levantar-se, porém os joelhos negavam-se a funcionar e limitou-se a emitir um grunhido de desalento.

De súbito, os olhos de Sellers imobilizaram-se no estojo em cima da secretária.

- Que é isto? - inquiriu com curiosidade. Antes que Bertha o pudesse evitar, abriu-o, expondo a placa de ouro com dois dentes. - Essa agora!

- É o cúmulo! - uivou Belder. - Quer comprometer-me. Eu sabia que minha sogra e Carlotta a tinham procurado, mas nunca pensei que a Sr.a Cool me traísse tão vergonhosamente.

- De onde veio isto, Bertha? - quis saber o sargento. Ela fez menção de dizer algo, mas mudou de ideias e comprimiu os lábios com firmeza.

- Estou à espera - insistiu Sellers.

- Deixe-me ficar cinco minutos a sós com o meu cliente e depois falarei.

- Nem um, quanto mais cinco.

- Não quero ficar a sós com ela -asseverou Belder.

- Nunca esperei que esta traidora me cravasse uma punhalada nas costas.

O detective pegou no telefone, marcou o número da Central da Polícia e proferiu para o bocal:

- Fala o sargento Sellers. Estou no escritório da firma Cool and Lam, com Everett Belder, que vou levar sob prisão, e Bertha Cool. Ela não se encontra detida... por enquanto. Enquanto conduzo Belder à Central, preciso que fique aqui alguém a vigiá-la, para que não bata asas, pois quero interrogá-la demoradamente.

Pousou o auscultador, levou a mão ao cinto e puxou de um par de algemas, que Belder contemplou horrorizado.

- Vai colocar-me isso?
- Não tenha a mínima dúvida a esse - respeito - replicou o sargento, sorrindo. - Se pensa que vale mais que qualquer outro assassino, engana-se.

CAPITULO XXI

O VIGILANTE ALCOÓLICO

As horas sucediam-se no mostrador do relógio eléctrico de Bertha Cool, enquanto o vigilante que, em obediência às ordens de Sellers, não a perdia de vista, permanecia imerso em mutismo, lendo o jornal, limpando as unhas com um canivete ou fumando pensativamente. Bertha tentara estimulá-lo por várias vezes, todavia ele limitara-se a replicar secamente às perguntas e voltara a embrenhar-se em persistente silêncio.

Primeiro, exigira que a deixasse contactar com um advogado, e o homem - respondera:

- À vontade.
- Não se opõe?
- O sargento - disse que se quisesse invocar a lei, nós faríamos o mesmo.
- Não compreendo.
- Levamo-la para a Central, acusamo-la de cumplicidade e encerramo-la numa cela. Depois, pode consultar todos os advogados que quiser.
- Mas não me podem reter no escritório.
- Pois não.
- Assiste-me o direito de sair quando quiser. Não me podem impedir.
- Exacto.

- Então, quem me proibirá de o fazer?
- Ninguém.
- Nesse caso, vou-me embora.
- Lembre-se que o sargento deu ordens bem claras.
No momento em que transpuser aquela porta, devo prendê-la, levá-la para a Central e encerrá-la numa cela.
- Qual é a ideia? - rugiu Bertha.
- O sargento pretende protegê-la. Se tiver de a prender, o seu nome aparecerá nos jornais e a sua reputação de detective particular irá por água abaixo. No fundo, ele quer evitar-lhe - dissabores.
- Quanto tempo vou ter de ficar aqui?
- Até ele dar ordem em contrário.
- E quando lhe parece que isso acontecerá?
- Quando esclarecer o aspecto do caso que investiga.
Bertha anunciou por duas vezes, em tom truculento, que necessitava de visitar a casa de banho, e o homem aquiesceu em silêncio, postando-se no corredor, onde aguardou que ela reaparecesse, para a escoltar de regresso ao escritório.
Entretanto, Bertha deu andamento a alguma correspondência, ao mesmo tempo que se esforçava por não deixar transparecer a apreensão crescente que a assolava. Cerca das seis horas, o homem telefonou a um restaurante das proximidades, explicou as circunstâncias e encomendou sanduíches e café.
- É um ambiente dos diabos para jantar - comentou Bertha, pegando na chávena para a esvaziar, depois de tragar as sanduíches.
- Sou da mesma opinião - admitiu ele, imperturbável.
Às sete, o telefone quebrou o pesado silêncio, e o vigilante levantou o auscultador.
- Estou... Sim... Muito bem, sargento... Quando?... Entendido. - Cortou a ligação e voltou-se para Bertha.
- Ainda não é desta. O sargento diz que tenho de continuar aqui mais uma hora, pelo menos. Depois, se não houver novidade, levo-a para a Central.
A situação permaneceu inalterável durante mais trinta minutos, altura em que o homem principiou a revelar-se mais comunicativo.

- Isto estragou-me a tarde. E, **depois, desconfio que** estou a chocar uma constipação.
- Por mim, não se prenda.
- Não a posso comprazer. Esse Belder tem-nos dado água pela barba. A última carta era muito interessante.
- Refere-se à terceira? - perguntou Bertha, pegando num lápis e traçando linhas ao acaso no bloco-notas, a fim de ter um pretexto para baixar os olhos e - dissimular a curiosidade.
- Sim, a que envolveu Imogene Dearbome na embrulhada.
- A grandessíssima... jovem - respeitável. Só tive tempo de lançar uma olhadela à carta, antes de o sargento a guardar.
- Foi elucidativa, sem dúvida.
- Essa menina exige que a indemneze em cem mil dólares. A grande vi... donzela - respeitável.
- Porque a acha - respeitável? - inquiriu ele, com uma risada.
- É o que o meu advogado diz.
- Ah, estou a ver.
- Se a memória não me traiçoa, a terceira carta era um pouco ambígua. Não mencionava coisa alguma que se pudesse considerar uma prova definida.
- A inscrição num hotel parece-me suficiente... Safa, que faz frio, aqui. Estou enregelado.
- O aquecimento é desligado, no sábado à tarde.
- Quem me dera uma bebida.
- Tenho uma garrafa no armário - revelou Bertha, traçando pequenos triângulos no bloco-notas.
- Não posso beber em serviço - alegou ele. Todavia, em tom confidencial, acrescentou: - Confesso que é o meu fraco. Posso passar vários meses sem provar uma gota de álcool e, de repente, acode-me um impulso irresistível. Desato a beber, e quanto mais emborco mais me apetece. É por isso que ainda não obtive a promoção.
- Também não costumo beber, - excepto quando estou cansada ou sinto que se aproxima um resfriado. Mais vale esvaziar dois ou três copos do que passar uma semana na cama.
- Então, vá lá buscar a garrafa. Confio em si, para não informar os meus superiores.

**23 - V. G. GARDNER 10
353**

Ela obedeceu e reapareceu com uma garrafa de *bourbon* e dois copos. O detective apressou-se a levar o seu aos lábios e pousá-lo de novo, com uma mirada de avidez à garrafa, pelo que Bertha o tornou a encher com prontidão.

- É da rija aprovou ele, depois de o esvaziar igualmente.
- Da melhor que existe no mercado.
- Salvou-me a vida, porque começava a sentir arrepios de frio.
- Se lhe apetece mais, sirva-se à vontade. A garrafa foi-me oferecida por um cliente.

Hesitou, mas acabou por menear a cabeça. „. - .

- Não gosto de beber só. ;
- Também me servi, como viu.
;. -Mas ainda vai no primeiro.
Bertha esboçou um sorriso, ingeriu a sua bebida e encheu os copos mais uma vez.
Sob a influência do álcool, o homem começou a mostrar-se mais comunicativo e humano. Declarou chamar-se Jack e manifestou a convicção de que o sargento procurava evitar uma situação delicada a Bertha, pois ajudara-o no caso de homicídio que envolvera um cego, e Sellers nunca esquecia os favores que lhe faziam. Não obstante, ela achava-se em maus lençóis, e tudo dependeria de Belder confessar ou preferir guardar silêncio.
Quando Bertha perguntou se este último dava indícios de querer ceder, o detective - respondeu:
- Julgo que sim. O sargento não foi muito explícito pelo telefone, mas - disse que fazia progressos e calculava poder deixá-la em paz antes da meia-noite.
- A meia-noite ainda vem muito longe.
- Se tiver de a prender, hão-de passar muitas primeiro que possa voltar a exercer esta profissão. Em todo o caso, acho que não deve desanimar.
Escoaram-se mais vinte minutos, durante os quais o *bourbon* continuou a transitar da garrafa para o estômago do detective, com breve escala no copo, parecendo agora indiferente ao facto de Bertha não lhe seguir o exemplo. Entretanto, ela observava-o - dissimuladamente, com a ansiedade de um gato perante uma ave que avançava inconscientemente para a perdição.
- Sellers prendeu Imogene Dearborne? - pergun-

354

tou, para quebrar o silêncio e inteirar-se do grau de lucidez do polícia.

- Creio que não. Porquê?
- Belder necessitava de uma cúmplice, para telefonar à mulher e atraí-la à garagem. Ora, como andava envolvido com Imogene, parece-me a mais indicada.
- É uma ideia positiva! - - exclamou ele, em voz arrastada, ao mesmo tempo que as pálpebras denotavam dificuldade em permanecer abertas.
- E aposto que a cadela... a - respeitável cadela também escreveu as cartas anónimas
- Porque havia de se acusar a si própria?
- Para afastar possíveis suspeitas. Sabia que a Sr.a Belder estava morta antes de a carta ser expedida. Por outro lado, também não ignorava que as coisas haviam corrido de modo um pouco diferente do previsto, e é suficientemente esperta para compreender que uma carta daquela natureza a tornaria uma suspeita menos provável do crime. Preferia ser a amante de Everett Belder a ser a sua cúmplice... aos olhos da Polícia.
- É muito capaz de ter razão. - Jack estendeu o braço para o telefone. - Vou informar o sargento... Tem piada: esqueci-me do número. Preciso de pensar.

Colocou a cabeça entre as mãos e apoiou os cotovelos na secretária, fechando os olhos para se concentrar melhor. Instantes depois, principiou a - respirar com regularidade e a cabeça deslizou ao longo dos braços, até pousar no tampo da secretária.

Bertha levantou-se da cadeira rotativa com a máxima prudência, a fim de não produzir o mínimo estalido, encaminhou-se para a porta em bicos dos pés, abriu-a e voltou a fechá-la atrás dela, usando de extrema precaução para que o trinco não produzisse ruído.

CAPÍTULO XXII

UMA INTRUSÃO PERIGOSA

A residência de Everett Belder era um bangaló californiano típico, com garagem incorporada e uma área arrelvada espaçosa a anteceder-lo.

Bertha abrandou o andamento do carro e estudou a

355

situação. Acabava de efectuar um percurso sinuoso, através de numerosas transversais e desvios, no intuito de despistar alguém que porventura pretendesse segui-la, embora considerasse a possibilidade pouco provável. A casa achava-se imersa nas trevas, porém esse facto não bastava para lhe assegurar que estava deserta. Assim, conduziu o carro para as proximidades da esquina, apeou-se e retrocedeu com lentidão, para transpor os degraus de acesso à entrada do bangaló. Tocou à campainha, deixou transcorrer quinze segundos e repetiu a operação, desta vez mais prolongadamente. Depois de se certificar de que não se registava qualquer som no interior, experimentou o puxador, mas verificou que a porta estava fechada à chave e encaminhou-se para as traseiras, tentando a sorte em todas as janelas que se lhe deparavam, com idêntico resultado. De novo no ponto de partida, reflectiu por um momento e introduziu os dedos na caixa da correspondência. Sentiu o contacto de uma chave, que se apressou a extrair e utilizar na fechadura da entrada principal. Desta vez, a porta cedeu, e ela entrou com lentidão, tornando a fechá-la, após colocar a chave onde a encontrara.

Consciente da regra fundamental a que devem obedecer todos os que invadem o domicílio alheio na ausência do proprietário, Bertha tratou de localizar uma via de saída de emergência, para a eventualidade de uma surpresa, pelo que puxou de uma pequena lanterna eléctrica de bolso e atravessou cautelosamente as salas de estar e de jantar, até alcançar a cozinha, onde descobriu uma chave na fechadura da porta das traseiras. Após uma pausa, abriu-a e esquadrinhou as cercanias com os olhos. Assolada por uma sensação incompreensível, como que sob a influência de uma atmosfera impregnada de um perigo iminente, procedeu à inspecção das dependências da ala leste da casa, abriu nova porta e achou-se num longo corredor ladeado por várias entradas. A primeira à direita comunicava com nova passagem, enquanto a outra servia de acesso à retaguarda da garagem, que examinou com curiosidade, mas não descortinou qualquer motivo susceptível de lhe despertar atenção especial. Seguidamente, fechou a porta da garagem e passou a explorar as outras que davam para o corredor. A imediata pertencia a um quarto, que ela depreendeu ser o de Car-

356

lotta. Continha fotografias de jovens sobre o toucador e pairava o cheiro característico de produtos de beleza. O compartimento contíguo incluía os acessórios habituais de uma casa de banho, com uma balança própria para a utente verificar matinalmente se o peso correspondia às suas aspirações e um armário com alguns produtos farmacêuticos e sais de banho.

Bertha impeliu a porta seguinte e encontrou o que procurava. Dois quartos na parte da frente da casa, separados por uma casa de banho comum. O primeiro pertencia obviamente a Belder e o outro decerto fora ocupado por Mabel.

Resolveu proceder a uma inspecção rápida, acercando-se quase imediatamente do armário, a fim de inventariar o vestuário que continha e, ao mesmo tempo, tentar detectar um indício significativo para uma mulher e susceptível de passar despercebido à análise masculina dos detectives.

Como o sargento Sellers sublinhara, todos os elementos encontrados sugeriam a culpabilidade de um homem: Sally Brentner utilizando uma faca de vinte e cinco centímetros para pelar batatas e Mabel abandonando aparentemente o teatro de um crime que acabava de cometer, mas deixando atrás de si um armário cheio de roupa - dispendiosa, sem se preocupar sequer em levar os produtos de beleza que decerto necessitaria de usar diariamente.

Não obstante, quem fizera desaparecer os artigos que faltavam, devia ter deixado algum indício. Era possível que a mala em que eles se achavam continuasse naquela casa, oculta algures.

Quando apontou o foco da lanterna ao fundo do armário, notou a um canto algumas pequenas partículas e, agachando-se, verificou que se tratava de aparas de madeira, sem dúvida produzidas por uma broca, dada a sua configuração espiralada.

No entanto, não divisou qualquer orifício, embora desviasse as roupas e outros objectos para explorar as paredes com a máxima minúcia.

- Abóbora! - resmungou entre dentes. - Se Donald estivesse cá, havia de descobrir alguma coisa. Que diabo fazem estas aparas a um canto do armário? Alguém abriu um furo e depois - dissimulou-o.

Procedeu a novo exame minucioso, e encontrava-se tão imersa na operação, que o súbito bater de uma porta a fez estremecer como se fosse o estampido de uma arma de fogo.

Regressando abruptamente às circunstâncias do momento e situação em que se colocara, prestou atenção e - distinguiu passos e o murmúrio de vozes femininas, após o que voltou a imperar o silêncio.

Ponderou as possibilidades de se escapar pela porta das traseiras e apurou os ouvidos junto da porta do quarto. Agora, detectava as vozes com clareza. As pessoas que tinham entrado haviam-se dirigido para a cozinha, pois Bertha notou o som de um prato em contacto com outro e o ruído abafado característico da porta de um armário.

Tudo indicava que Carlotta e a Sr.a Goldring acabavam de regressar e pretendiam comer alguma coisa.

Bertha pôs de parte a porta das traseiras para sair e considerou as hipóteses oferecidas pela da frente da casa, mas apercebeu-se dos perigos envolvidos na travessia do corredor. De súbito, lembrou-se da garagem e da passagem de acesso, pelo que resolveu tentar essa solução.

Descalçou os sapatos, colocou-os debaixo do braço e saiu cautelosamente para o corredor, onde as vozes e o ruído da loiça se - distinguiam com maior clareza, a par do miar de um gato, o que a levou a concluir que as duas mulheres afinal davam de comer ao felino.

Em seguida, notou o som da porta do frigorífico, a que se seguiram algumas palavras de Carlotta:

- Podes ter a certeza, mãe, de que Everett Belder há-de ser condenado por esses crimes. E muito me alegro com isso. A força é pouco para um homem daqueles.

Entretanto, Bertha avançava com lentidão, tentando evitar o mínimo ruído revelador, pois se a surpreendessem no corredor, não encontraria qualquer explicação plausível para justificar a sua presença.

- Também não gosto muito de gatos -olveu Carlotta, momentos depois. - Hei-de livrar-me deste na primeira oportunidade. Só de lhe tocar, fico a cheirar mal.

Vou aplicar um pouco de loção nas mãos.

Bruscamente, e antes que Bertha assimilasse todo o impacto do que acabava de ouvir, o puxador da porta

princípios a girar e uma nesga de luz incidiu no sobrado do corredor.

Bertha transferiu a lanterna para a mão esquerda e cerrou o punho direito, preparada para o utilizar. No entanto, Carlotta não foi procurar a loção imediatamente, parecendo ter mudado de ideias, e Bertha ouviu-a afastar-se do corredor.

Agora, não havia tempo para recorrer a precauções especiais, e ela encaminhou-se apressadamente para a garagem, onde se sentou num caixote para calçar os sapatos.

Em seguida, preparava-se para transpor a porta que dava para as traseiras, quando se apercebeu de uma estranha luminosidade numa pequena área da parede comum à casa. Aproximou-se com lentidão e desviou uma pequena chapa de latão, deparando-se-lhe uma minúscula abertura circular, com o diâmetro aproximado de dois centímetros e meio.

Aplicou a vista com curiosidade, mas apenas notou um vago obstáculo do outro lado. Por um momento, o risco de ser descoberta - dissipou-se-lhe completamente do pensamento. Tudo indicava que alguém utilizara a garagem para espiar para dentro de casa. O clarão devia provir mais ou menos do lugar correspondente ao quarto de Mabel. Bertha esquadrinhou a garagem com a lanterna, descobriu uma chave de fendas, introduziu-a no furo e sentiu um obstáculo. Após um momento de reflexão, compreendeu que se tratava de um quadro pendurado na parede interior, pelo que começou a desviá-lo lentamente.

Pouco depois, espreitou, sem retirar a chave de fendas, de diâmetro muito inferior ao da abertura, e avistou parte do quarto de Mabel, agora ocupado por Carlotta, que friccionava as mãos, sentada diante do toucador, em cima do qual, entre outras coisas, se achava um frasco desrolhado, que decerto continha a loção que ela mencionara à mãe.

Por fim, pareceu satisfeita com o resultado obtido, estendeu a mão para o telefone, marcou três algarismos e proferiu para o bocal:

- É das Informações? Desejava saber o número de George K. Nunnely.

Seguiu-se uma breve pausa. - Obrigada.

359

Cortou a ligação e Bertha viu os dedos moverem-se agilmente no marcador.

- Está? É o Sr. Nunnely?... Fala Carlotta Goldring.

Não nos conhecemos, mas resolvi falar-lhe acerca de uns elementos curiosos que descobri, susceptíveis de lhe interessar. Referem-se ao assassinio de Mabel...

Sim, *assassinio*... O senhor necessitava desesperadamente de dinheiro e encontrava-se na posição ideal para beneficiar com a morte de minha irmã.

Bertha viu os olhos da rapariga reflectidos no espelho à sua frente e, de súbito, verificou que assumiam

uma expressão de terror intenso. Acto contínuo, compreendeu a causa. Carlotta podia observar o quadro que a chave de fendas desviara, e Bertha amaldiçoou-se pela imprudência que cometera.

- Mãe! - bradou Carlotta, repentinamente.

Bertha apressou-se a largar a chave de fendas, que resvalou para dentro do quarto, e fez menção de alcançar a porta da garagem.

Um impacte demolidor atingiu-a na base do crânio, acompanhado por uma chuva de meteoros. No instante imediato sentiu uma superfície fria contactar com a face; ali permaneceu, e teve a vaga noção de que se tratava do chão da garagem.

CAPÍTULO XXIII

O FURO NA PAREDE

Bertha começou a ter a consciência de vozes, que produziam sons - excruciantes para o seu cérebro torturado, enquanto permanecia estendida de costas, com os olhos fechados. De súbito, como se acabasse de desaparecer uma obstrução na mente, a realidade apresentou-se-lhe com toda a clareza.

Descerrou as pálpebras e voltou a fechá-las abruptamente, ao avistar o sargento Sellers, de expressão grave, que conversava com Carlotta e a Sr.a Goldring. Parecia que acabava de chegar, e Bertha, agora plenamente consciente, apesar da - excruciante dor de cabeça, resolveu fingir que continuava inanimada, numa tentativa para

360

protelar o momento hediondo em que teria de proceder a explicações.

Entretanto, a voz de Carlotta revelava profunda - excitação:

- ... aplicar loção nas mãos, quando reparei na posição estranha do quadro. Olhando melhor, verifiquei que emergia um objecto de um furo na parede e, à primeira vista, pareceu-me o cano de uma pistola. Chamei minha mãe e, no mesmo instante, o objecto (que descobri ser uma chave de fendas) caiu dentro do quarto, enquanto o quadro voltava à posição primitiva. Minha mãe, que dava de comer ao gato na cozinha, acudiu correndo e julgou que eu tinha endoidecido ao ouvir-me gritar.
- Tanto não direi, mas pensei que tinha acontecido alguma coisa horrível - esclareceu a Sr.a Goldring. - Nem fazes ideia do teu aspecto. Estavas branca como um lençol e cravavas o olhar na chave de fendas, como se fosse uma serpente venenosa prestes a morder-te.
- Pedi-lhe que visse quem estava na garagem e seguiu-a. Ela foi a primeira a entrar e a avistar o homem. Inclina-se sobre a Sr.a Cool, com um objecto comprido na mão, talvez um bastão.
- Que fez ele, *exactamente*? - perguntou Sellers.
- Ergueu os olhos, viu-nos e avançou empunhando o bastão - declarou a rapariga.
- Viram-lhe a cara?
- Não. A garagem estava quase às escuras. Só se notavam os contornos das pessoas.
- Era alto e magro ou?...
- Não. Tinha estatura mediana e pareceu-me bem vestido.
- Continue. Que aconteceu a seguir?
- Afinal, pretendia era alcançar a porta, e quando minha mãe procurou impedi-lo, agrediu-a.
- No estômago - sublinhou a Sr.a Goldring, indignada.
- Com um murro? - quis saber o sargento.
- Não, com a extremidade do bastão que empunhava.
- E depois?
- Correu para a rua - informou Carlotta. - Mas fê-lo através da casa, passando pela cozinha.
- Foram no seu encalço?

361

- Sim - tornou a Sr.a Goldring. - Vimos *Bigodes*, o gato, em cima da mesa da cozinha, bufando, como se pretendesse atirar-se sobre alguém.
- Costuma reagir assim aos desconhecidos?
- Não. Em regra, é muito meigo. Dava a impressão de que conhecia o homem ou sofrera alguma experiência desagradável. Talvez tentasse agarrá-lo e o assustasse.
- Bem, recapitulemos - decidiu Sellers. - Chamou sua mãe, a Sr.a Cool largou imediatamente a chave de fendas e o quadro voltou à posição primitiva. Foi assim?
- Exacto. E, quase ao mesmo tempo, ouvi um baque na garagem, como se alguém tivesse caído.
- Depois de perseguirem o homem em vão, voltaram

à garagem, viram que a Sr.a Cool estava apenas inconsciente e não morta e telefonaram à Polícia. Foi isto?

- Sim.

- Comunicaram que havia um intruso em casa?

- Precisamente.

- Se informassem que se tratava de um assalto, a Polícia acudiria mais prontamente - advertiu o detective.

- Estávamos demasiado - excitadas e perturbadas para pensar nesses pormenores - alegou a Sr.a Goldring.

- Acredito.

Bertha, que permanecia estendida, como se continuasse inconsciente, reflectiu que Carlotta se abstivera de mencionar o telefonema a Nunnely.

Entretanto, a Sr.a Goldring dizia:

- Suponho que os detectives têm de recorrer a métodos desses: abrir furos nas paredes, espreitar para os quartos das pessoas...

- Duvido que fosse a Sr.a Cool quem abriu o furo

- declarou Sellers.

- Não podia ser outra pessoa. Fica precisamente à altura dos olhos dela.

- Eram necessárias ferramentas apropriadas e algum tempo, pois a parede tem uma espessura apreciável.

Admito que a posição do furo nos possa indicar a altura de quem o produziu, mas também se pode dever à necessidade de o situar atrás do quadro. Inclino-me mais para a segunda hipótese.

- Que interessante! - A Sr.a Goldring meneou a

362

cabeça com uma expressão de assombro. - E a - respeito da Sr.a Cool? Pensa que devemos chamar o médico?

- Encarrego-me de lhe telefonar, mas primeiro quero proceder a um exame superficial. Ela pode ficar aqui por um ou dois dias, se o médico julgar conveniente?

- Decerto. Bem sei que, de momento, não temos empregada, mas cá nos arranjaremos.

- Muito bem. Agradecia que fossem dizer ao detective que se encontra na garagem que procure impressões digitais na porta das traseiras.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual Bertha ouviu passos que se afastavam e o fechar de uma porta, e, por fim, de novo a voz de Sellers:

- Como se sente, Bertha? A cabeça dói-lhe muito?

Não perca tempo a fingir que continua inconsciente, porque a vi abrir os olhos há pouco.

- Demónios o levem - resmungou ela, descerrando as pálpebras. Levou a mão à cabeça e notou um líquido espesso colado aos cabelos. - Sangue? - perguntou, horrorizada.

- Óleo do chão da garagem - elucidou o sargento, sorrindo. - Como se sente?

Bertha olhou em volta e verificou que se achava

estendida numa cama, sem dúvida da criada. Quando se soergueu, necessitou de se imobilizar por um momento, a fim de dominar as vertigens.

- O pior possível. Que aspecto tenho?

Sellers apontou para o espelho do toucador e ela voltou-se, observando que tinha o cabelo empapado em óleo, assim como várias manchas negras nas faces.

- Valha-me Deus!

- Sou da mesma opinião.

- Qual é a situação?

- Lamento dizer-lho, mas as suas actividades chegaram ao fim.

- Porquê?

- Não consegui obrigar Belder a confessar, pelo que concentrei as atenções na minha velha amiga Bertha. Como conheço, por experiência própria, a sua relutância em me fazer revelações, incumbi um dos meus homens de se fingir alcoólico e embriagado com a bebida que você não deixaria de lhe oferecer. Depois, providen-

ciei para que a seguissem, quando abandonou o seu escritório.

- Quer dizer que desperdicei o meu precioso *bourbon* para nada? - articulou ela, enfurecida.

- Receio bem que sim.

- Era a bebida reservada aos clientes mais - respeitáveis.

- Jack apercebeu-se - disse e agradeceu-me profundamente a oportunidade - excepcional que lhe proporcionei. -

Sellers abanou a cabeça. - Por muito que me custe confessá-lo, você conseguiu despistar os homens que a seguiam.

- Tive de tomar as minhas precauções.

- Acredito. Eles - disseram que se fartou de percorrer os mesmos locais, antes de desaparecer. Que aconteceu, depois de chegar aqui?

- Duvido que acredite.

- Talvez se engane. Tenho a certeza de que não foi você que abriu o furo na parede e estou mesmo convencido

de que o abriram do quarto para a garagem, ao contrário do que aconteceria se se tratasse de obra

sua. - O sargento fez uma pausa no momento em que soou a campanha da entrada, escutou as vozes femininas

- excitadas e prosseguiu pacientemente: -Tem de me revelar o que sabe, Bertha, sobretudo no que se refere à placa dentária de Mabel Belder. Onde a obteve?

- E se não me apetecer dizer?

- Só sofrerá com isso. Está envolvida num caso de homicídio. Se conhece algum elemento que se nega a divulgar, prepare-se para o pior.

- E se decidir falar?

- Tem de se preparar igualmente para o pior. Nos últimos tempos, fartou-se de sonegar provas importantes.

- Se perco a licença tanto se falar como se guardar silêncio, prefiro ficar calada.

- Esqueci-me de esclarecer um pormenor - salientou

Sellers, com uma expressão inocente. - Se falar, perde a licença, mas conserva a liberdade, de contrário terei de a prender por cumplicidade.

Nesse momento, a porta abriu-se com abruptidão, e a Sr.a Goldring proferiu:

- Desculpe a interrupção, sargento, mas estamos *tão* contentes... Carlotta acaba de encontrar a mãe *ver-*

dadeira. Permita-me que lha apresente. - Desviou-se, para dar passagem a outra mulher. - Sr.a Croftus, o sargento Sellers. -Após breve pausa, acrescentou apressadamente:

- E a Sr.a Cool.

- Muito gosto em conhecê-lo, sargento. Quanto a Sr.a Cool, não é a primeira vez que nos vemos. Lamento que esteja um pouco indisposta.

A Sr.a Croftus mostrava-se muito segura de si própria, enquanto Bertha a contemplava, pestanejando.

- Como a localizou?

Todavia, foi a Sr.a Goldring que se antecipou, para explicar:

- Há muito que procurava a filha e, quando leu no jornal determinados pormenores relacionados com a morte de Sally Brentner e Mabel, convenceu-se de que era Carlotta. No momento em que fui abrir a porta, reconheci-a imediatamente. No fundo, não existe motivo algum para que ela não fique com *duas* mães.

Bertha voltou-se repentinamente para Carlotta, que acabava de surgir à entrada do quarto.

- Porque não falou ao sargento Sellers no seu telefonema a Nunnely?

- Porque não tem nada a ver com o resto - replicou a interpelada, com uma ponta de arrogância. - Pretendia apenas trocar impressões com ele, para uma solução razoável da indemnização que exigiu.

- Escolhi uma altura horrível para aparecer! -

- exclamou a Sr.a Croftus. - Peço desculpa pela intrusão, mas...

- Pensei que o sargento gostaria de se inteirar desta nova ocorrência - - disse a Sr.a Goldring, com um sorriso artificial.

- Com mil diabos! - explodiu Bertha.

- Que foi? - perguntou a outra.

- Mostro-lhe já.

Com estas palavras, Bertha aproximou-se da porta e fechou-a à chave.

- Que significa isto? - inquiriu a Sr.a Croftus.

- Vou satisfazer-lhe a curiosidade. Conseguiu derrubar-me pelas costas, mas se lhe noto o mínimo gesto agressivo, deixo-a sem conserto.

- O senhor, que representa a lei, permite uma coisa

destas? - bradou a Sr.a Goldring. voltando-se para Sellers.

- Não vejo qualquer alternativa - replicou ele, bem-humorado.

- A pancada na cabeça deve tê-la transtornado - sugeriu Carlotta.

- Cale-se! - ordenou Bertha. - Viu o quadro mover-se na parede, muito antes do que afirmou. Ouvi-a conversar em surdina antes de espreitar pelo furo. Foi nesse momento que indicou a sua mãe que me atacasse, para depois engendrar essa fantasia sobre um intruso misterioso. O telefonema a Nunnely não passou de uma farsa, para me obrigar a manter a atenção concentrada no que se passava no quarto. Tomou a precaução de perguntar o número às Informações, para eu saber com quem ia falar e continuar imóvel, até que sua mãe...

- Vou mover-lhe um processo por difamação! - bradou a Sr.a Goldring.

- Não se precipite - retorquiu Bertha. - Referia-me à *verdadeira* mãe.

- Não via Carlotta desde criança - afirmou a Sr.a Croftus, com uma risada divertida.

- Não sou um génio nestas andanças, como Donald Lam, mas não preciso que me abram a cabeça para introduzir uma ideia. A Sr.a Goldring conhecia perfeitamente a sua situação, e vice-versa, pelo que utilizava o seu passado para evitar que reclamasse quaisquer direitos sobre Carlotta. De repente, tudo pareceu solucionado. Apresentou-se aqui sem quaisquer preâmbulos. É um pretexto débil que não resiste à verdade. Não sei se foi você que contactou com Carlotta ou o contrário. Talvez ela tomasse a iniciativa. Penso que a Sr.a Goldring - dispõe de provas consistentes dos antecedentes inconfessáveis da mãe da filha adoptiva e a curiosa Carlotta conseguiu descobri-las e inteirar-se da identidade de quem a trouxe ao mundo, pelo que se apressou a procurá-la. No fundo, a pena que a mãe cumprira na penitenciária não representava qualquer obstáculo, porque a nossa estimada menina sabia que a Sr.a Goldring estava sem dinheiro e Mabel redigira um testamento em que deixava todos os bens ao marido, na eventualidade de lhe acontecer alguma coisa. Ora, a interesseira Carlotta não desejava ficar à margem com essa facilidade.

- Quando terminar a lengalenga, veremos se consegue provar uma única sílaba.

- Que tal? - perguntou Bertha a Sellers, ignorando a interrupção da rapariga.

- Estou a gostar. Expõe-se a riscos cada vez mais graves, mas continue. Quando chegarmos ao fim desta sessão, terá tantos processos às costas que necessitará de um regimento de advogados, mas mentiria se - dissesse que a sua descrição não me diverte.

- Carlotta queimou esse testamento - acusou Bertha.

- Na lareira do escritório de Everett? - ironizou a Sr.a Goldring.

- Exactamente. E eu e o sargento Sellers estávamos presentes. O lume encontrava-se quase apagado no momento em que se desenrolou a cena dramática da minha acusação a Imogene Dearborne, e todos nos concentrávamos nela quando Carlotta entrou e permaneceu junto da lareira. Recordo-me vagamente de notar o espevitar do lume, pouco depois.

- Tem razão, com a breca! - - exclamou o detective.

- É falso! - uivou Carlotta.

- Juntamente com essas provas, ela descobriu o testamento de Mabel em que deixava todos os bens ao marido. Por outro lado, se morresse sem fazer testamento, metade ia para Belder e o restante para a mãe.

Em face - disso, como procedeu a inocente Carlotta? Provavelmente com a ajuda da verdadeira mãe, rasgou do testamento as passagens que continham o nome de Everett, para a eventualidade de as cinzas poderem ser reconstituídas por um perito e o estrategema se voltar contra a autora, e procurou um ensejo para queimar o documento. Para tal, entrou no gabinete de Everett, quando eu, o sargento Sellers e Imogene Dearborne nos encontrávamos também presentes, e colocou-se junto da lareira, a fim de largar os papéis no lume. Depois, no momento oportuno, referiu que Mabel deixara um testamento em que legava todos os bens à mãe, acusou Everett de o ter destruído e recorreu a um perito para fotografar as cinzas da lareira, obtendo assim provas satisfatórias da sua natureza.

- Não estou - disposta a continuar a ouvir tantos insultos - declarou Carlotta.

- Não és forçada a isso - acudiu a Sr.a Croftus, com dignidade. - Aliás, penso que a mulher endoideceu. Sellers extraiu um charuto da algibeira com ar preocupado, mordeu a extremidade e procurou um fósforo, enquanto admitia:
- Também desconfiava de que a pancada na cabeça a tinha afectado, até ao momento em que mencionou o pormenor da lareira. Recordo-me perfeitamente de o fogo se ter avivado pouco depois de Carlotta se imobilizar nas proximidades. Que largou no lume?
- Nada - balbuciou a rapariga. - Foi impressão sua.
- Sei, sem margem para dúvidas, que queimou *alguma coisa*. Se - dispusesse de uma explicação lógica, não haveria motivo para suspeitas, mas se insiste em que não queimou nada...
- Ah, já sei! Tinha acabado de ler uma circular publicitária, chegada naquela manhã, e, vendo que a lareira estava acesa, atirei-a para lá.
- Caiu na ratoeira, minha amiga - observou o sargento, expelindo uma nuvem de fumo azulado. - Então, *sempre* atirou alguma coisa para o lume?
- Sim, mas foi essa circular...
- Nesse caso, como explica que os peritos afirmem que o testamento foi a última coisa queimada naquela lareira? As cinzas encontravam-se por cima de todas as outras.
- Bem, eu... - Carlotta voltou-se para a Sr.a Croftus, com uma expressão angustiada.
- Não merece a pena - discutir o assunto com ele - afirmou esta última, imperturbável. - É evidente que se colocou ao lado da mulher, para que não possamos processá-la por difamação. Acho preferível aguardar até nos avistarmos com um advogado que conheço, especialista neste género de casos.
- Acaba de recomendar a sua filha, por meio de metáforas, que não pronuncie nem mais uma palavra sem consultar um advogado - redarguiu Sellers.
- Para movermos um processo à Sr.a Cool por difamação - sublinhou a Sr.a Croftus. - Quer que fiquemos impávidas perante essa série de acusações e injúrias?
- Não. Quero é que me acompanhem ao gabinete do promotor público, para prestarem declarações.
- Prestarmos declarações??

-Vê alguma objecção?
- Sem dúvida. Nunca assisti a semelhante abuso de autoridade em toda a minha vida.
- Sou da mesma opinião! - interpôs a Sr.a Goldring.
- Eu própria lhes indicarei um advogado de confiança.
- Que maneira de solucionar um caso de homicídio
- grunhiu ele, voltando-se para Bertha. - Não lhe ocorrem outros elementos?
- O furo na parede foi aberto do quarto para a garagem, de contrário não escolhiam precisamente a altura em que se situa um quadro. Comecei por supor que se destinava a espiar alguém, mas depois ocorreu-me outra finalidade.
- Qual?
- Embora não seja uma autoridade em deduções, como Donald, sugiro que examine o tubo de escape do carro da Sr.a Belder e verifique se a extremidade apresenta arranhões recentes. Por outro lado, o gato agitava a cauda, quando a mulher que segui entrou no carro. Ora, os gatos não fazem isso em presença de pessoas da sua simpatia. De resto, se era da Sr.a Belder que eu ia no encalço, como se explica que o bicho não se asfixiasse igualmente, uma vez que ficaria fechado na garagem com ela? Tenho motivos para afirmar que já estava morta antes de eu começar a segui-la, e é aí que intervém o furo na parede.

Sellers enrugou a fronte, com uma expressão de aborrecimento.

- Já - disse o suficiente para me obrigar a rever a sua situação, Bertha.

Ela emitiu um suspiro prolongado e replicou:

- Se julga que isso não representa música para os meus ouvidos, engana-se redondamente! ,

CAPÍTULO XXIV ,

UMA CARTA PARA DONALD

Bertha Cool refastelou-se confortavelmente na poltrona diante da secretária de Elsie Brand e anunciou com jovialidade:

- Eis-nos na manhã de segunda-feira, início de mais

24 - V. G. GARDNER 10

369

uma semana novinha em folha. - Fez uma pausa, enquanto a rapariga assentia em silêncio. - Pegue no bloco-notas, que lhe vou ditar uma carta para Donald. Ora bem... Caro Donald: Acabo de me ver envolvida num caso mirabolante e lamento que não estivesse cá para me ajudar. Quase me deitou abaixo, mas consegui obter a vitória quando tudo parecia comprometido irremediavelmente.

O sargento Sellers ocupou-se dos retoques finais, depois de eu lhe fornecer os elementos indispensáveis.

Tentarei, a seguir, descrever-lhe as passagens fundamentais. Um homem chamado Everett Belder transferiu todos os seus bens para o nome da mulher. Por outro lado, a sogra tinha uma filha adoptiva, Carlotta, à qual a Sr.a Belder e a mãe tentavam ocultar o verdadeiro

nome, para que não descobrisse a sua origem. Depois, a Sr.a Goldring, a sogra, ficou sem recursos, telefonou a Mabel, a filha, para que lhe valesse e esta recusou. Carlotta era uma grandíssima cadela interesseira que dependia inteiramente da mãe adoptiva e odiava Mabel. A verdadeira mãe de Carlotta, Sr.a Croftus, conhecia o paradeiro da rapariga, mas não se atrevia a estabelecer contacto com ela, porque cumprira uma pena de prisão e não queria que ela soubesse, ao passo que a Sr.a Goldring, estava ao corrente - disso... Acha o prólogo confuso, Elsie?

- Nem por isso. De qualquer modo, Donald há-de deslindar tudo com facilidade.

- Oxalá que sim. Continuemos. A Sr.a Croftus contratou uma detective particular, chamada Sally Brentner, para exercer as funções de criada na residência dos Belder e poder assim comunicar-lhe o que se passava. Carlotta que, como atrás referi, detestava Mabel, descortinou uma oportunidade de se livrar dela, embolsar uma pequena fortuna, descobrir a identidade da mãe e matar vários coelhos de uma cajadada. Para isso, bastava-lhe que o coração da outra parasse durante o sono.

Por conseguinte, a inocente Carlotta abriu um furo no quarto de Mabel, ao qual adaptou uma mangueira de plástico, fixando a outra extremidade no tubo de escape do carro da casa, após o que saiu para - disputar uma partida de ténis, pois Mabel costumava dormir até tarde e o marido não tinha o hábito de a acordar antes de seguir para o escritório. Desse modo, a nossa amiga - disporia de

tempo para encontrar a outra asfixiada e desligar a mangueira do tubo de escape.

«O plano não estava mal concebido, mas complicou-se.

Julgo que Mabel chamou Sally ao quarto, naquela manhã, e a conservou lá por qualquer motivo relacionado com a faina doméstica, contribuindo para que também sofresse os efeitos do óxido de carbono. Portanto, a despreocupada Carlotta voltou para casa, depois de se munir do álibi do ténis, e depararam-se-lhe dois cadáveres em vez de um. Podia alegar que o coração de Mabel sofrera um colapso, mas seria exigir demasiado da lei das probabilidades pretender que o de Sally também parara definitivamente em virtude de causas naturais. Em seguida, descobriu um pormenor que ignorava: as vítimas do óxido de carbono não apresentam o aspecto das que sucumbem a ataques cardíacos, o que a fez mergulhar em pânico intenso.

A Sr.a Goldring devia chegar de São Francisco por volta das onze da manhã e ninguém lhe garantia que a mãe adoptiva a protegeria de uma acusação de homicídio.

No entanto, decerto entrara em contacto com a mãe verdadeira antes - disso e, sabendo que cumprira uma pena de prisão, calculou que não lhe repugnaria ajudá-la.

«Com efeito, a Sr.a Croftus concordou em tomar as medidas necessárias para que nada lhe acontecesse. Dirigiu-se à residência dos Belder, ocultou os dois corpos e escreveu uma carta anónima, deixando-a num lugar em que Everett Belder a veria sem dificuldade e o levaria a recorrer a um detective particular. Na verdade, ele procedeu em conformidade com essas previsões e solicitou os meus serviços. Eu não conhecia Mabel e parti do princípio lógico de que a mulher que surgiu da residência dos Belder, trajada como ela, com o gato nos braços, e subiu para o carro não podia ser outra pessoa. A seguir, obrigaram-me a vigiá-la até determinada área da cidade onde queriam que o corpo fosse encontrado, mais tarde. Uns amigos da Sr.a Croftus tinham-se ausentado por duas semanas e ela sabia que a casa e, sobretudo, a garagem estariam desocupadas. No momento oportuno, despistaram-me, preparando a encenação para fazer recair as suspeitas sobre Everett. Para reforçar ainda mais essa ideia, introduziram a placa dentária da Sr.a Belder num estojo de óculos, que colocaram na algibeira do sobretudo dele. A Sr.a Croftus revelou particular perí-

cia ao utilizar a *Remington* portátil de Mabel para escrever as cartas anónimas. A que deixaram ao alcance de Everett foi aparentemente enviada pelo correio, mas na realidade nunca chegou a abandonar a residência dos Belder. Por outro lado, fizeram circular a versão de que Mabel se ausentara de casa às onze da manhã para se encontrar com o autor das missivas. Depois, o marido cometeu o erro de deixar o sobretudo no barbeiro e esquecer-se do lugar em que ficara e elas necessitavam de o localizar, porque continha o indício que o comprometeria irremediavelmente.

«É claro que a Sr.a Croftus estava ao corrente de quase tudo o que se passava no ambiente familiar, pois Sally, a detective, fornecia-lhe informações pormenorizadas e Carlotta também contribuiu com o que sabia. Entre outras coisas, Sally espiava Everett, por suspeitar de que estava sentimentalmente envolvido com a secretária {como acontecia}, e marcou consulta num dentista do prédio fronteiro ao do escritório dele, de onde se inteirou da existência de Dolly Cornish, antiga paixão de Everett. Seguidamente, a Sr.a Croftus telefonou a esta última, fingindo que era Mabel, e deixou transparecer que acabava de assassinar a criada e Dolly sofreria a mesma sorte. Isto passou-se muito depois de Mabel partir desta para melhor, mas a tensão geral ficaria muito aliviada se Dolly informasse a Polícia. No entanto, um recepcionista dominado por - excesso de zelo, - dissuadiu-a, pensando que lhe protegeria a reputação se evitasse que o seu nome figurasse nos jornais em ligação com um caso espectacular.

«Não vou mencionar todos os pormenores. O caso cheirou-me a esturro desde o princípio e não descansei enquanto não pus tudo a limpo... com a colaboração do sargento Sellers. As duas mulheres mais idosas mantiveram-se encerradas em mutismo, durante o interrogatório da Polícia, mas Carlotta não tardou a falar pelos cotovelos. Imagine que, depois do que fizeram por ela, tentou estabelecer um acordo com o Estado para depor contra sua própria mãe e a mulher que a adoptou. Por isto, pode ver a espécie de cadela que é.

«Solucionado o mistério, aconteceu uma coisa incrível, que você nunca adivinharia. Frank Sellers manifestou

a intenção de casar comigo. Quando mo revelou, fiquei sem pinga de sangue. Ao princípio, deu-me vontade de rir, mas agora confesso que hesito. A seu modo, é um homem simpático e sei que me estima. A prová-lo está o facto de ter deitado por terra o processo que Imogene me moveu. Investigou o seu passado e descobriu que é perita em operações do género, a grandessíssima e - respeitável (entre comas) víbora. Sellers obrigou-a a retractar-se em face do seu passado. Na verdade, mantinha relações inconfessáveis com o patrão, como Sally apurou e a Sr.a Croftus referiu na terceira carta anónima. Todavia, voltando à proposta de Sellers, diz que lhe dou sorte e admira a minha coragem e desembaraço perante o perigo. Por enquanto, ainda não decidi nada... Está a anotar tudo, Elsie? Vou demasiado depressa?»

- Não restam dúvidas de que abarcou uma larga extensão de território - declarou a rapariga, erguendo os olhos do bloco-notas. - De facto, move-se depressa!
- Referia-me à forma como estou a ditar - redarguiu Bertha.

- Desculpe. Pode continuar no mesmo ritmo.
Bertha pareceu - disposta a acrescentar algo. mas mudou de ideias.

- Isso chega - decidiu. - Deixaremos alguns pontos em suspenso, para que ele formule conjecturas até regressar. Quando muito, pode concluir com a revelação de que receberemos uma percentagem dos bens dos Belder... E daí, não. Diga-lhe apenas que a firma continuará de vento em popa, se o Fisco não nos esmagar. - Pôs-se de pé com lentidão e encaminhou-se para o seu gabinete. - Se aparecer algum cliente - advertiu por cima do ombro, pode mandá-lo entrar.

FIM

COLECÇÃO «DOIS MUNDOS» VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO

- 1 O LIVRO DE SAN MICHELE, por AXEL MUNTHE
- 2 AS VINHAS DA IRA. por JOHN STEINBECK
- 3 GOG. por GIOVANNI PAPINI
- 4 MADAME CURIE. por EVA CURIE
- 5 HOMENS E BICHOS, por AXEL MUNTHE
- 6 ARCO DO TRIUNFO, por ERICH MARIA REMARQUE
- 7 HISTÓRIA DE CRISTO, por GIOVANNI PAPINI
- 8 SERVIDÃO HUMANA, por W. SOMERSET MAUGHAM
- 9 PALAVRAS E SANGUE, por GIOVANNI PAPINI
- 10 GERAÇÃO PERDIDA, por ALDOUS HUXLEY
- 11 O DOUTOR ARROWSMITH, por SINCLAIR LEWIS
- 12 O FIO DA NAVALHA, por W. SOMERSET MAUGHAM
- 13 OS BUDDENBROOK, por THOMAS MANN
- 14 MIGUEL-ANGELO NA VIDA DO SEU TEMPO, por GIOVANNI PAPINI
- 15 O LIVRO NEGRO--NOVO DIÁRIO DE GOG. por GIOVANNI PAPINI
- 16 TERRA BENDITA, por PEARL S. BUCK

- 17 OS FILHOS DE WANG-LUNG, *por PEARL S. BUCK*
18 CASA DIVIDIDA, *por PEARL S. BUCK*
19 CONTRAPONTO, *por ALDOUS HUXLEY*
20 O DIABO, *por GIOVANNI PAPINI* :
21 AS CHUVAS VIERAM, *por LOUIS BROMFIELD*
22 CHUVA E OUTRAS NOVELAS, *por W. S. MAUGHAM*
23 O PATRIOTA, *por PEARL S. BUCK*
- 24 POR QUEM OS SINOS DOBRAM, *por E. HEMINGWAY*
25 ADMIRÁVEL MUNDO NOVO, *por ALDOUS HUXLEY I*
26 VIGIA DO MUNDO, *por GIOVANNI PAPINI* (
27 DEBAIXO DO CÉU, *por PEARL S. BUCK*
28 CONSCIÊNCIA DE MÉDICO, *por MORTON THOMPSON*
29 SEM OLHOS EM GAZA, *por ALDOUS HUXLEY*
30 OS THIBAUT, *por ROGER MARTIN DU GARD*. Obra em 3 vols.
31 LUCY CROWN, *por IRWIN SHAW*
32 A MONTANHA MÁGICA, *por THOMAS MANN*
33 DIÁRIO DE ANNE FRANK
34 O BREVE REINADO DE PEPINO IV. *por JOHN STEINBECK*
35 EXAME DE CONSCIÊNCIA, *por W. SOMERSET MAUGHAM*
36 REBECA, *por DAPHNE DU MAURIER*
37 OS JOVENS LEÕES, *por IRWIN SHAW*
38 A VIDA DE VICTOR HUGO, *por A. MALROIS*
39 O OUTRO EU, *por DAPHNE DU MAURIER*
40 A CONDIÇÃO HUMANA, *por ANDRÉ MALRAUX*
41 O OBELISCO PRETO, *por ERICH MARIA REMARQUE* ;
42 O PODER E A GLÓRIA, *por GRAHAM GREENE*
43 AQUELE DIA INESQUECÍVEL, *por JAMES HILTON*
44 A ÁRVORE DA NOITE, *por TRUMAN CAPOTE* . (
45 JUÍZO UNIVERSAL, *por GIOVANNI PAPINI*
46 NO RASTO DE ANNE FRANK, *por ERNST SCHNABEL*
47 A INOCÊNCIA E O PECADO, *por GRAHAM GREENE*
48 PRECONCEITO RACIAL, *por PEARL S. BUCK*
49 OS POSSESSOS, *por ALBERT CAMUS*
50 ESTA TERRA CRUEL, *por ERSKINE CALDWELL*
51 REGRESSO AO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO. *por ALDOUS HUXLEY*
52 ENTRE DOIS TIROS, *por A. ROBBE-GRILLET*
53 SANGUE E PRISÃO, *por CURZIO MALAPARTE*
54 AS VERDES COLINAS DE ÁFRICA, *por E. HEMINGWAY*
55 RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM, *por J. JOYCE*
56 FÉRIAS EM CROME, *por ALDOUS HUXLEY*
57 MALDITOS TOSCANOS, *por CURZIO MALAPARTE*
- 58 LUZ DE AGOSTO, *por WILLIAM FAULKNER*
59 A VIDA TRÁGICA DE VAN GOGH, *por I. STONE*
60 UM HOMEM LIQUIDADO, *por GIOVANNI PAPINI*
61 DEBAIXO DO VULCÃO, *por MALCOLM LOWRY*
62 A FLOR OCULTA, *por PEARL S. BUCK*
63 ESTRANHOS FRUTOS, *por WILLIAM SMITH*
64 NA OUTRA MARGEM, ENTRE AS ÁRVORES, *por ERNEST HEMINGWAY*
65 A VIDA AVENTUROSA DE JACK LONDON, *por IRVING STONE*
66 CARTAS AOS HOMENS DO PAPA CELESTINO VI, *por GIOVANNI PAPINI*
67 DUAS SEMANAS NOUTRA CIDADE, *por IRWIN SHAW*
68 FIM DE SEMANA, *por .ROGER VAILLAND*
69 HENDERSON, O REI DA CHUVA, *por SAUL BELLOW*
70 O GRANDE PROBLEMA, *por ALDOUS HUXLEY*
71 RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM CÃO. *por DYLAN THOMÁS*
72 RUA PRINCIPAL, *por SINCLAIR LEWIS*
73 OS INDIFERENTES, *por ALBERTO MORAVIA*
74 UMA AGULHA NO PALHEIRO, *por J. D. SALINGER*
75 KAPUTT, *por CURZIO MALAPARTE*
76 O INVERNO DO NOSSO DESCONTENTAMENTO, *por JOHN STEINBECK*

- 77 GENTE DE DUBLIM, *por JAMES JOYCE*
78 O TEMPO TEM DE PARAR, *por ALDOUS HUXLEY*
79 OS CONQUISTADORES, *por ANDRÉ MALRAUX*
80 UMA LUZ AO ESCURECER, *por ERSKINE CALDWELL*
81 OS PATRIOTAS, *por JAMES BARLOW*
82 A ESTRADA REAL, *por ANDRÉ MALRAUX*
83 A ILHA. *por ALDOUS HUXLEY*
84 OS CARNEIROS DE FOGO. *por PIERRE GASCAR*
85 O PROCESSO, *por FRANZ KAFKA*
86 COM AMOR E RAIVA, *por VASCO PRATOLINI*
87 A NAVE DOS LOUCOS, *por KATHERINE A. PORTER*
88 A SERPENTE VERMELHA, *por PEARL S. BUCK*
89 CASA INDEFESA, *por HEINRICH BÖLL*
90 PARIS É UMA FESTA, *por ERNEST HEMINGWAY*
91 O CASTELO, *por FRANZ KAFKA* }* ;.. - .

- 92 VIAGENS COM O CHARLEY, *por JOHN STEINBECK ?*
- 93 A SANGUE-FRIO. *por TRUMAN CAPOTE . .*
- 94 MORTE NO CASTELO, *por PEARL S. BUCK : **
- 95 A TRUTA, *por ROGER VAILLAND*
- 96 CORRESPONDENTE DE GUERRA, *por JOHN STEINBECK*
- 97 TAMBÉM O CISNE MORRE, *por ALDOUS HUXLEY*
- 98 A ÁGUA ASTECA CAIU. *por CARLO COCCIOLI*
- 99 HÁ SEMPRE UM AMANHÃ, *por PEARL S, BUCK -*
- 100 O CONFORMISTA, *por ALBERTO MORAVIA*
- 101 AMÉRICA, *por FRANZ KAFKA*
- 102 FILHOS DA GUERRA, *por PEARL BUCK*
- 103 O VOLGA NASCE NA EUROPA, *por CURZIO MALAPARTE*
- 104 O DON TRANQUILLO, *por MIKHAIL CHÓLOKHOV, Obra em 4 vols.*
- 105 A PELE, *por CURZIO MALAPARTE*
- 106 BABI YAR, *por ANATOLY KUZNETSOV*
- 107 EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO, *por MARCEL PROUST. Obra em 7 vols.*
- 108 A FAMÍLIA FORSYTE, *por JOHN GALSWORTHY. Obra em 3 vols.*
- 109 OS NOVOS FORSYTE, *por JOHN GALSWORTHY. Obra em 3 vols.*
- 110 AS TRÊS FILHAS DA SENHORA LIANG, *por PEARL S. BUCK*
- 111 JOSÉ E SEUS IRMÃOS, *por THOMAS MANN. Obra em 4 vols.* 112
- SOMBRAS NO PARAÍSO, *por ERICH MARIA REMARQUE*
- 113 O GRANDE ROMANCE DA BÍBLIA, *por PEARL S. BUCK*
- 114 MÁNDALÁ, *por PEARL S. BUCK ^ i*
- 115 O HOMEM SEM QUALIDADES, *por ROBERT MUSIL Obra em 3 vols.*
- 116 ODESSA, *por FREDERICK FORSYTH*
- 117 PARA AS MINHAS FILHAS, COM AMOR, *por PEARL S. BUCK*
- 118 A SORRIR TAMBÉM SE VENCE, *por DAPHNE DU MAURIER t«*
- 119 O VERÃO ANTES DAS TREVAS, *por DORIS LESSING*
- 120 SOBRE A DEMOCRACIA, *por ALDOUS HUXLEY*
- 121 HOMEM RICO, HOMEM POBRE, *por IRWIN SHAW. Obra em 2 vols.*
- 122 OS CÃES DA GUERRA, *por FREDERICK FORSYTH*
- 123 EU E ELE, *por ALBERTO MORAVIA*
- 124 MÃE APODRECIDA, *por CURZIO MALAPARTE ,«*
- 125 A ESPERANÇA, *por ANDRÉ MALRAUX*
-
- 126 HOMENAGEM À CATALUNHA, *por GEORGE ORWELL*
- 127 ILHAS NA CORRENTE, *por ERNEST HEMINGWAY*
- 128 A ARVORE DO DIABO, *por JERZY KOSINSKI*
- 129 ROBERTE - NESSA - NOITE, *por PIERRE KLOSSOVSKI*
- 130 TRABALHO NOCTURNO, *por IRWIN SHAW*
- 131 OUTONO NOS BOSQUES, *por YURI KAZAKOV*
- 132 A LESTE DO PARAÍSO, *por JOHN STEINBECK. Obra em 2 vols.*
- 133 BATALHA INCERTA, *por JOHN STEINBECK*
- 134 TRINITY. *por LEON URIS. Obra em 2 vols.*
- 135 MENDIGO E LADRÃO, *por IRWIN SHAW*
- 136 ALTERNATIVA DIABÓLICA, *por FREDERICK FORSYTH*
- 137 ENTARDECER EM BIZÂNCIO, *por IRWIN SHAW*
- 138 O HOMEM DE LISBOA, *por THOMAS GIFFO f i D*
- 139 O CIMO DO MONTE, *por IRWIN SHAW*
- 140 SOFIA, *por WILLIAM STYRON. Obra em 2 vols.*
- 141 AUTOBIOGRAFIA, *por AGATHA CHRISTIE*
- 142 PÃO SOBRE AS ÁGUAS, *por IRWIN SHAW*
- 143 AUTO DE FÉ, *por ELIAS CANETTI*
- 144 A REVOLTADA, *por DORIS LESSING*
- 144-A UM CASAMENTO APROPRIADO, *por DORIS LESSING*
- 145 SEM TESTEMUNHAS, *FREDERICK FORSYTH*
- 146 O TODO-PODEROSO, *por IRVING WALLACE*

Badana da contracapa

Erle Stanley Gardner nasceu em 1889, em Malden, no Massachusetts. Como seu pai fosse perito na exploração de minas de ouro, o jovem Erle acompanhou-o através do território americano, desde o Klondike até à Califórnia. Foi pugilista profissional, atirador ao arco, à carabina e à pistola e velejador. Sentindo vocação pela advocacia, formou-se em Direito aos 21 anos. O notável juriconsulto norte-americano Jerry Leisler afirmou a - respeito do Autor: «Gardner teria sido um dos maiores advogados do nosso país se tivesse prosseguido na sua carreira legal». E Gardner justificou o seu afastamento do foro casuístico, confessando: «Confiavam-me tantos casos que teria de ficar amarrado a um único ponto da terra; por isso comecei a escrever». E assim criou as fabulosas personagens de heróis detectivescos: Perry Mason, Douglas Selby; Gramps Wiggins, Terry Clane e outros, entre os quais - escrevendo sob o pseudónimo de A. A. Fair - Donald Lam e Bertha Cool. A obra de Erle Stanley Gardner é um testemunho indiscutível da capacidade de criação ficcionista nos domínios do raciocínio, da psicologia criminal e do comportamento do indivíduo no seio de uma sociedade em ebulição. E, nessa condição, permanecerá no património cultural internacional, como um padrão inesquecível.

Contracapa

A SÉRIE «OBRAS ESCOLHIDAS DE ERLE
STANLEY GARDNER», INCLUÍDA NA
COLECÇÃO **VAMPIRO GIGANTE**.
CONSTITUI UMA COMPILAÇÃO DOS
ROMANCES DE FICÇÃO POLICIARIA
QUE O FAMOSO ADVOGADO E CRIMINOLOGISTA
CRIOU AO LONGO DE
38 ANOS DE UMA ACTIVIDADE LITERÁRIA
QUE LHE GRANJEOU A MAIS
FULGURANTE CELEBRIDADE MUNDIAL
CADA VOLUME REÚNE DOIS TÍTULOS
DOS SEUS EMPOLGANTES «CASOS»
DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL.